



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Suspensos Entre Mundos:
Expressão Identitária no Processo Migratório
de Dois Homens Guineenses**
Teresa Carvalho Rego de Sousa

Orientação de Dissertação:

Professora Doutora MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Entregar esta dissertação é sinónimo de encerrar portas a uma faculdade que me acolheu, há seis anos. Seis anos de aprendizagens, seis anos de Lisboa, cidade esta me (re) acolheu. Seis anos de memórias. Seis anos de percurso tão académico como de pessoal. O término desta fase, destes seis anos é também sinónimo de um outro mundo que se segue.

Antes de mais, quero agradecer à Prof^a Maria Emília. Foi com ela que aprendi, ao longo deste (per)curso, o que era a psicanálise.

Quero agradecer aos meus pais, por todo o apoio ao longo de este tempo (e não só), por me proporcionarem uma vida que sempre desejei ter. Um grande obrigado.

Ao Sérgio, pela pessoa maravilhosa que é, por me ensinar tanto do que sou hoje e principalmente, por criarmos uma história tão única e tão rica. O meu par de viagens, o meu confidente sobre terras desconhecidas: Szeretlek.

Agradecer à Jessica, Eunice e Laura. Se há pessoas que me tiram o fôlego de tanto rir e sorrir, são elas. É com elas também que expressamos a nossa “disfuncionalidade”, como gostamos de nomear, num mundo que por vezes age de forma tão séria.

Quero agradecer à Lia, porque sem ela o mundo ISPA não teria o mesmo valor. Pelos debates a fio, longas as horas, sobre as matérias que mais gostamos. São certamente momentos que me construíram.

Ao Ricardo e à Vanessa. Embora estejam longe, estarão sempre perto de mim.

Um grande beijo à Patrícia, pelos mil cafés e ao lugar que nos une: Roma.

Um grande obrigado à Associação Aguienso, especialmente à Vânia e à Eleanor pela disponibilidade e ajuda prestada. Um obrigada também às pessoas que me fizeram parte na construção deste trabalho: Malitsa, Andreia, Lia (novamente), Francis e Sérgio (novamente).

E finalmente, à Rita. Primeiro, porque sem ti esta tese não se teria materializado. Depois por fazeres parte na minha vida. Por iniciarmos o nosso primeiro capítulo agora, tendo a certeza (com todas as minhas convicções), que um grande, rico, desafiante, lindo, todos os adjetivos possíveis e imaginários posam diante de nós.

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Atualmente observamos um maior impacto das mobilidades humanas sobre as estruturas sociais e nas formas de atuação em contexto clínico, surgindo desta forma uma maior necessidade de estudar as questões dirigidas à população migrante.

Sobre o pano-de-fundo do processo migratório, nasce um conflito sobre a conciliação entre dois mundos, sobre um *cá* e um *lá* que exigem um reajuste na vivência do sujeito-migrante. Este reajuste é muitas vezes sentido como um momento turbulento para a integridade do sujeito, que se repercute nas relações de alteridade e com o meio cultural. Assim, este processo migratório é também uma transformação identitária. Deste modo, procurou estudar-se como, à luz da perspectiva psicanalítica, é que estas vicissitudes do contexto migratório agem no sujeito, este sempre em constante transformação.

Para ser passível o estudo sobre a identidade e a migração, procurou entrevistar-se dois participantes migrantes do sexo masculino, oriundos da Guiné-Bissau. O primeiro entrevistado, João de 59 anos, e o segundo, Cristóvão, de 49 anos.

O método empregue foi a Entrevista Narrativa de Associação Livre, enquadrando-se numa metodologia qualitativa, mais especificamente, de estudo-de-caso, que tem por base o princípio psicanalítico da associação livre. Deste modo, ficaram salientes nos resultados as questões sobre a conciliação e integração destes dois universos culturais na identidade, os objetos transgeracionais e imagens parentais, em cada sujeito.

Palavras-Chave: Etnopsicanálise, Migração, Identidade, Guiné-Bissau.

ABSTRACT

Nowadays, we notice a greater impact of human mobilities on social structures and on the forms of action in the clinical context, arising in a major need to study the issues addressed to the migrant population.

On the background of the migratory process, a conflict arises about the conciliation between two worlds, about a here and a there that requires a readjustment in the experience of the migrant subject. This readjustment is often felt as a turbulent moment in the integrity of the subject, which is reflected in the relations of Otherness and with the cultural milieu. Thus, this migration process is also an identity transformation. In this way, it was tried to study how the vicissitudes of the migratory context act in the subject, who's always in constant transformation, in the light of an ethnopschoanalytic perspective.

In order to be eligible for the study on identity and migration, two male migrant participants from Guinea-Bissau were interviewed. The first participant, João, 59 years old, and the second, Cristóvão, 49 years old. The method used here was the Free Association Narrative Interviewm based on a qualitative methodology, specifically, a case-study based on the psychoanalytic principle of free association. In this way, the questions about the conciliation and integration of these two cultural universes in the identity, transgenerational objects and parental imagos, in each subject, were salient in the results.

Keywords: Ethnopschanalysis, Migration, Identity, Guinea-Bissau.

Índice

Introdução	1
Capítulo I.....	4
1. Etnopsicanálise	4
2. Vicissitudes do processo migratório	7
3. Identidade e Migração	11
Capítulo II	17
1. Sobre o Objeto de Estudo em Associação com o Método.....	17
Capítulo III.....	19
1. Tipo de estudo.....	19
2. Método.....	21
3. Procedimento de recolha relativamente aos participantes	22
4. Participantes.....	23
5. Procedimento de análise relativamente aos resultados	24
Resultados	25
1. João F.....	25
A. Análise da Narrativa	25
B. Análise dos Grandes Temas	32
2. Cristóvão Cabral	37
A. Análise da Narrativa	37
B. Análise dos Grandes Temas	46
Discussão.....	52
Conclusão.....	61
Referências	65
Anexos	70

Anexo A – João F.....	71
Anexo B – Cristóvão Cabral.....	81
Anexo C – Consentimento Informado.....	96

INTRODUÇÃO

No atual contexto das mobilidades humanas assistimos a uma confluência de culturas, através dos processos de globalização, que colocam em diálogo, cada vez mais, os vários lugares do mundo e que invariavelmente afunilam idiosincrasias muito próprias, gerando novas formas de relação.

Torna-se, portanto, cada vez mais premente a necessidade de explorar as modalidades apresentadas por estes sujeitos a diversos níveis – digam elas respeito ao campo político, social, integrativo ou clínico. O ponto que nos interessa aqui não é certamente o dos fenómenos da globalização, nem o campo sociocultural das relações entre as várias culturas, mas sim procurar compreender como é que estas novas dinâmicas podem (ou não) impactar cada vez mais a vivência do imigrante. Para isso, procuraremos conhecer a história do imigrante, a história que este sujeito traz consigo e que com ela constrói, buscando novas abordagens clínicas para este fenómeno das migrações e tendo vista elaboração de respostas mais adequadas e atualizadas. A pertinência deste estudo fica, assim, clara.

O interesse académico, por refletir sobre este assunto é também, invariavelmente, um interesse pessoal, uma procura sobre aquilo que me compõe (em parte), desta forma, tão semelhante: do outro lado, um lugar desconhecido.

É também este lado que me fascina.

Desta forma, a presente dissertação terá como objetivo principal estudar o impacto do processo migratório no sujeito migrante, focalizando as temáticas da identidade cultural e da vivência migratória. Sobre este objetivo, colocou-se como pano de fundo a perspetiva etnopsicanalítica, que tem como fundamento principal a complementaridade das matérias psicanalíticas e antropológicas. Para tal, os participantes aqui enquadrados, adultos do sexo masculino, são de cultura Guineense.

A escolha desta população (guineense) passa essencialmente por encontrarmos uma mobilidade migratória significativa entre Guiné-Portugal, muito devido a uma história colonial desenrolada entre os dois países. Sobre este dado, verificamos que na “secção de história da página oficial do Governo da República da Guiné-Bissau (...) o relato da história nacional começa da seguinte forma: os rios da Guiné e as ilhas de Cabo-Verde foram as

primeiras áreas de África exploradas pelos portugueses no século XV. Portugal clamou Guiné Portuguesa em 1449 (...). Em 1630, um general capitão da Guiné Portuguesa estabeleceu-se para administrar o território. Assim a história da Guiné começa a ser contada a partir da chegada dos portugueses ao território, sendo omitida a história anterior a essa viagem.” (Cabecinhas & Nhaga, 2008). Não havia qualquer referência, antes da independência, a uma identidade da guiné; “os indivíduos nascidos na Guiné-Bissau identificavam-se por uma identidade portuguesa, numa referência à Guiné portuguesa, em razão das políticas coloniais de incorporação dos nativos. Com a independência, os indivíduos passaram a afirmar uma identidade guineense, que no período colonial não lhes era permitida” (Mourão, 2009). Através destes dados históricos, verificamos uma importância acrescida sobre as características de identificação a uma cultura, no qual é importante enquadrar nas questões da identidade e da imigração.

Neste sentido, o mundo da migração é um mundo espelhado: é um objeto refletido em duas imagens situadas em pontos diametralmente opostos. Como refere Ratcliff (2012), a “migração é sempre uma passagem de fronteira entre dois mundos”. É por isso o produto de dois lugares, cada um deles específicos, particular e circunscrito, que quando sobrepostos na e pela vivência, exigem um trabalho de pensamento, uma reconstrução da realidade e, sobretudo, do próprio sujeito. Um novo mundo, fruto da integração de um mundo interno adaptado a certa envolvimento num outro ambiente, diverso e desconhecido. Quando falamos deste novo mundo, referimo-nos sobretudo ao que se destaca como mais evidente: a cultura, expressa entre as barreiras e fronteiras, geográficas ou simbólicas; que em constantes metamorfoses, produz no e com o sujeito um campo de signos e cosmogonias próprias que são socialmente partilhadas e que fomentam paralelamente uma integridade nacional e uma identidade própria de cada um. A *cultura* é um veículo dinâmico, com uma linguagem própria e de artefactos singulares.

O mundo da migração é assim a construção de duas culturas – *um cá e um lá* –, onde o personagem principal – o *migrante* – é “alguém deslocado, ‘suspense entre dois mundos’ (Nathan, 1986), ‘órfão da própria cultura’ (Bem Jelloun, 1977), numa condição de ‘des-identidade’ (Lai, 1988) ou ‘*manque à être*’ (Bastide, 1976)” (Pussetti, 2009). Esta é uma forma, entre várias, de denominar um migrante/estrangeiro. Outra forma de olhar, de uma abordagem oposta, será como Nathan (2001) refere: um “estrangeiro, mesmo o mais desprovido de recursos, é rico nos idiomas que traz consigo, rico de odores e sensações, rico sobretudo de explicações, de seres, de objetos de onde ele vem, pela magia da viagem,

representando diante de nós, seus hospedeiros.”. De todo o modo, este sujeito, sempre sujeito de *si-mesmo*, adquire um estatuto/papel de imigrante; e o processo de se tornar um migrante é também uma (re)transformação de *si-mesmo*. Este novo mundo força, em certa medida e na medida do possível a um reajuste urgente, a uma conciliação deste *cá e lá*, a uma mobilidade identitária – que poderá ou não se encontrar em risco.

Entramos assim no tema dos processos identitários.

Mas falar de identidade, “um conceito problemático para os psicanalistas” (Souffir, & Miedzyrzecki, 1999) inscrito no contexto das mobilidades culturais, é desafiante. Por um lado, por se considerar que a seguinte fórmula está em risco no sujeito migrante: num lugar de origem (este aliado a um espaço mental, um continente) está um lugar de pertença (este espaço de subjetivação e relação); e por outro, porque “a noção de identidade situa-se na interface entre o espaço do ‘self’ e o espaço social. Estudar a identidade é uma maneira de abordar ao mesmo tempo a questão da construção da personalidade e das relações dessa construção no laço social” (Denis, 1999). São, portanto, dois conceitos em movimento que, em diálogo conjunto, se traduzem num discurso único e muito rico e, como refere Roth (2003), são complexas “as questões sobre a cultura e como ela medeia a identidade”.

Este é o preâmbulo referente aos temas que irão circunscrever este trabalho, com um objetivo de articular as questões em torno do mundo da migração e dos sujeitos que o constituem.

Deste modo, estruturou-se a presente dissertação em três partes. A primeira parte incide exclusivamente sobre a nomenclatura teórico-conceitual do estudo e, de forma a oferecer uma leitura mais clara e prática, foi dividida em três subcapítulos: 1) *Etnopsicanálise*, 2) *Vicissitudes do processo migratório* e 3) *Identidade e migração*. A segunda parte refere-se ao tipo de estudo e aos respetivos constituintes e características. Assim, o estudo conta com uma entrevista, de cada entrevistado, tornando este estudo de carácter qualitativo e incidindo sobre os *estudos-de-caso*. Como forma de explorar então estas temáticas, selecionou-se o método FANI (*Free Association Narrative Interview*), o qual será explicado mais adiante, que levará a cabo uma análise psicodinâmica dos resultados. Seguidamente, foram analisadas as narrativas, enquadrando-se, portanto, nos resultados. A análise foi composta por dois momentos: o primeiro, consistiu numa análise feita em grupo sobre o caso; o segundo, numa abordagem psicanalítica aos grandes temas (o mais salientes de cada narrativa).

A terceira parte é referente à discussão das narrativas, de forma a abarcar as grandes conclusões que foram expressas neste trabalho e enquadrar os grandes temas na literatura

expressa no corpo teórico. Por fim, uma pequena conclusão com algumas notas importantes, de modo a encerrar todo o estudo aqui (d)escrito.

CAPÍTULO I

1. Etnopsicanálise

Dado a natureza da presente dissertação, considerou-se pertinente abordar, primeiro, algumas noções da perspectiva etnopsicanalítica, para posteriormente ser possível aliar com as questões do foro psíquico do sujeito migrante; assim, para poder dar esse passo em terreno firme, será exposto algumas noções deste modelo teórico que conjuga este Outro-Estrangeiro e todo o seu património cultural, com os elementos psíquicos que o constituem.

Em primeira instância, surge a antropologia psicanalítica, sendo esta a “expressão que aparece mais frequentemente quando se trata de caracterizar Géza Róheim. Ele mesmo é sempre apresentado como o único ou como o primeiro etnólogo que aderiu totalmente à psicanálise.” (Dadoun, 1967). Assim, Róheim, psicanalista e antropólogo oriundo de Budapeste, é considerado como “um verdadeiro pioneiro nos seus esforços para aplicar a teoria e técnica psicanalítica e à antropologia.” (Calogeras, 1971), sendo-lhe de particular importância a “expressão do seu carácter cultural e a sua aderência a uma orientação psicanalítica particular.” (idem.). Apesar de não ser o primeiro a introduzir o pensamento *Etnopsi*, foi o que mais “psicanalisou” as culturas, valendo-lhe por isso o pioneirismo na Antropologia Psicanalítica. Os seus trabalhos incidiram inicialmente na análise das diferenças culturais, para posteriormente dedicar-se “às práticas religiosas dos nativos, geralmente ‘mágicas’ e terapêuticas. A partir de então, os estudos de xamanismo e possessão passam a se configurar como os “pratos principais” dos estudos etnopsicanalíticos” (Barros & Bairrão, 2010).

Róheim inspira-se no quadro teórico freudiano, sendo este (Freud) o primeiro a lançar-se na tentativa de conciliar o pensamento psicanalítico com os padrões culturais. Assim, Freud lançou-se, segundo as palavras de Paduart (2008), num projeto um pouco megalómano com *Totem e Tabu (1913)*; para este último autor existe, com efeito, a “ambição de mostrar que as descobertas da psicanálise (inconsciente, sexualidade infantil, censura, recalçamento, complexo de Édipo) permitiam compreender as origens da moral, das religiões e da

civilização.”. Para esse efeito, Freud reúne uma grande quantidade material de análise de nomes como “Darwin, Robertson Smith, especialista nas religiões bíblicas e no totemismo, e nos grandes antropólogos do século XIX, como Frazer e Tylor” (idem.), para chegar às conclusões plasmadas principalmente em *Totem e Tabu* (1913), mas também em *Mal-Estar na Civilização* (1930) e *Moisés e Monoteísmo* (1939). O pano de fundo que vigora no pensamento freudiano é de que a dinâmica intrapsíquica, ao nível inconsciente, é de carácter universal, apesar da sua expressão manifesta ser modelada pela cultura, pela religião, pela integração dos Tabus. Sobre esta premissa, observamos então um postulado universal sobre o conteúdo latente inscrito na dinâmica psíquica de cada sujeito. Róheim manteve-se fiel a esta premissa freudiana, acrescentando que a cultura é também ela universal. Assim, Róheim clarifica que o postulado base da antropologia psicanalítica inscreve-se no “facto da dupla universalidade da cultura do psiquismo” (Pereira, 1981).

Esta estrutura inicial fora importante para determinar as saliências expressas ainda hoje no campo da etnopsicanálise, naquelas que dizem respeito especificamente à forma de olhar, encarar os sujeitos migrantes/estrangeiros. Sobre estas considerações expressas no âmbito da antropologia psicanalítica, não seria senão expectável que viessem a ser alvo de críticas e de escrutínio, por parte, especialmente, de antropólogos. Malinowski fora, neste sentido, o antropólogo que mais criticou o modelo aqui expresso, afirmando que as premissas de carácter universal não encontram um fundamento legítimo e verdadeiro. Para ele “Freud não havia levado em consideração a diversidade entre as configurações familiares e sociais” (Barros e Bairrão, 2010). Sobre este debate entre universalismo-relativismo, toma-se como válido consagrar algumas ideias da estrutura intrapsíquica (enunciados de Freud) como constituintes que pertencem à esfera humana, e paralelamente, “*essencializar ou culturalizar*” as singularidades próprias de cada cultura, numa espécie de *intersubjetividade social (ou cultural)*.

Posteriormente, surge George Devereux. Este psicanalista e etnólogo de origem húngara (o seu nome prévio era György Dobó) fora importante para o abrandamento deste impasse epistemológico acima descrito, que se encontrava embrenhado nas críticas ao universalismo da cultura e da psique. Para Devereux, “não era possível psicanalisar o cultural: não podemos psicanalisar, diz ele, senão o psiquismo!” (Paduart, 2008). Neste seguimento, Devereux foi também o primeiro a empregar o termo etnopsicanálise e é tido por muitos como o primeiro etnopsicanalista. Relativamente ao seu conceito “*complementaridade*”, este surge a partir de uma necessidade de pensar Psiquiatria e Antropologia como um só campo metodológico,

contra a anterior proposta de recorrer à psicanálise para compreender os fenómenos culturais. Para o autor, “a etnopsiquiatria – necessariamente concebida como etnopsicanálise – é uma ciência pluridisciplinar e não interdisciplinar” (Devereux, 1981). Aqui, constitui-se um novo olhar empenhado na integração de dois modelos pré-existentes, que vem conjugar as duas disciplinas para pensar os fenómenos. Como parafraseiam Bairros e Bairrão (2010) “a verdadeira etnopsicanálise (...) efetua uma dupla análise de certos fatos, no campo da etnologia de uma parte, no campo da psicanálise de outra parte; e enuncia assim a natureza da relação (de complementaridade) entre esses dois sistemas de explicação (Devereux, 1972)”. Em suma, pretende-se fundir e unificar um novo tipo de pensamento sobre estas questões: “a etnopsiquiatria deve considerar conjuntamente os conceitos chave e os problemas de base da etnologia e da psiquiatria. Ela não se pode contentar em pedir emprestado as técnicas de exploração e explicação de uma e da outra das ciências. Existe, com efeito, uma diferença metodológica fundamental entre o empréstimo puro e simples das técnicas e a fecundação recíproca dos conceitos” (Devereux, 1977).

Através desta introdução sobre as questões que modelaram o percurso sobre a etnopsicanálise, torna-se mais fácil compreender as temáticas que se discutem neste trabalho. De uma forma geral, os primeiros trabalhos desenvolvidos por Freud, posteriormente trilhados por Róheim (ambos por “psicanalisarem” as culturas) e conseqüentemente, a abordagem a algumas noções de Devereux (o método complementarista), é possível enquadrar este indivíduo culturalmente diferente sobre os processos migratórios. “Os etnólogos ensinaram-nos que o homem é um ser de cultura (Róheim, 1943) e que “não existe a sociedade nem mesmo o indivíduo “inculto” (“*inculturado*”, sem cultura)”, notou Linton (1977). Deste ponto de vista, a “cultura é universal, não no sentido onde ela será a mesma em todo o lado, mas no sentido onde todo o homem nasce e também fala uma língua. Encontramos, face à dialética de um e do múltiplo, o universal e o particular” (Di & Moro, 2008). Mas então, “o que é este universal e o que é este particular na cultura?” (idem.).

É, portanto, o modelo etnopsicanalítico que irá orientar esta nossa aproximação a uma mais clara compreensão na dialética dos processos identitários que se encontram inerentes ao sujeito em mobilidade. Pensar a cultura como um universo que se revela e se caracteriza no sujeito, ao mesmo tempo que esta cultura, este lugar que o constitui, se torna numa condição frágil aquando é alterada.

Assim, ao fornecemos um olhar sobre o Outro que está em diálogo não só com as instâncias psíquicas que o caracterizam, mas também com as condicionantes exteriores a si, tornam este sujeito num *objeto de estudo* mais fecundo, completo e complexo.

2. Vicissitudes do processo migratório

Com a importância acrescida que temos vindo a observar relativamente aos movimentos migratórios, reconhece-se uma necessidade premente de compreender as razões, as causas e as consequências que enformam estes fenómenos, de modo a encontrar estratégias adequadas para responder aos desafios que os mesmos colocam. No que diz respeito à psicologia clínica é possível encontrar material de investigação e prático, mas é notório que há diversas questões a requerer ainda uma exploração atenta. Neste sentido, apesar de se tratar de um tema bastante abordado e discutido atualmente, os processos migratórios estão longe de serem movimentos característicos do mundo contemporâneo. Mesmo com uma análise pouco detalhada da História é possível identificar, desde o início da edificação civilizacional, a presença destes movimentos. “Antropólogos físicos argumentariam que a imigração de populações humanas é tão antiga quanto o surgimento dos hominídeos. Arqueologistas antropólogos apontam o início dos movimentos migratórios para os caçadores e coletores pré-históricos, bem como entre as pessoas que construíram as antigas civilizações do velho e do novo mundo. Antropólogos históricos que trabalharam com registo de arquivos, demonstraram que o movimento individual, dentro e fora das comunidades locais na Europa, América Latina, China e Japão têm acontecido por séculos” (Brettell,2013).

Hoje em dia, também os sectores sociais e do conhecimento que sobre eles se debruçam ou por eles são influenciados são em certa medida constantes, sem demérito das especificidades de cada movimentação individualmente considerada: a política; a economia; a saúde; o direito; são muitas vezes chamados a respostas concertadas e dialogantes durante os processos de que aqui se trata. Não obstante, observamos, a título de mero exemplo, uma diferença que se deteta hoje: o número de trabalhadores migrantes existentes. Tal como afirma Oliveira (2009) “a migração de trabalhadores não teve a sua origem no século XX. Tanto homens e mulheres têm-se deslocado dos seus países, em busca de melhor trabalho e melhores salários, noutros lugares e noutros tempos. Contudo, hoje, a diferença está em que o

número de trabalhadores migrantes é substancialmente superior ao verificado em qualquer outro período da História”.

“Nos dias de hoje cada vez mais pessoas deixam o seu país, o seu meio de vida, a sua cultura. Saindo das suas casas, afastam-se das suas maneiras de pensar, de ser e de fazer. Irão encontrar outras representações do mundo, outros sistemas de crença, outros valores. Mas esta passagem de um universo a outro, faz-se sem choque? O que é que expõem quando imigram? (...) como traduzir este reencontro nas interações, nos comportamentos dos indivíduos e nos processos psíquicos subjacentes? A alteridade cultural produz possibilidades infinitas.” (Di & Moro, 2008). O “processo migratório é fortemente perturbador para os migrantes. Nos casos em que a intenção de permanência no novo destino se manifesta como temporária, significam ruturas com um espaço da vida de origem que inclui relações familiares, laborais, sociais, uma tradição cultural, uma mesma língua, uma paisagem, odores e sabores comuns, que subjazem também em continuidades” (Rosária, Seabra & Santos, 2003). Por sua vez, Pussetti (2010) refere que “o migrante, ante a viagem, cria um cenário de expectativas nas quais espera que se desenrolem no plano prático, aquando a sua chegada ao seu novo local de residência. Os deslocamentos migratórios, feitos como uma aventura pessoal ou um plano coletivo, criam experiências subjetivas e dinâmicas transformadoras mediadas pela informação/ ou pela falta dela, por projeções e frustrações de expectativas e emoções, por questões estruturais sócio económicas”. Nesta condição de migração, “a família e as ruturas sociais, o dramático cruzamento de fronteiras e as incertezas no estabelecimento de uma casa no país vizinho, confrontam o imigrante ao novo processo de perda e de apropriação: “uma nova realidade se impõe e o desaparecimento dos procedimentos prévios produzem um processo de luto no que fora perdido e que ficara para trás. Em relação à nova realidade, surge o desafio de conhecer, incorporar e apropriar (ou não) – através das subjetividades – esta nova situação” (O’Connor, 2006). Aqui, nesta situação, surge uma “ ansiedade resultante deste “choque cultural” (Ticho, 1971; Handlin, 1973;) que desafia a estabilidade na organização psíquica do recém-chegado. “Outra ameaça é-lhe colocado pelo luto sobre as perdas inerentes à imigração. Esta coexistência do choque cultural e do luto causam uma série de agitações na identidade” (Ahktar, 1995). Por outras palavras, a vivência que se desenrola no processo migratório é muitas vezes sentida como penosa e difícil, tanto na sua vertente prática do quotidiano inscrito numa vulnerabilidade social como pelas dificuldades de integrar a experiência, no sentido psicológico, que além de complicadas *per se* podem também ser amplamente agravadas pela vivência prática. Ainda no mesmo sentido, esta vivência ligada à condição do migrante

acarreta frequentemente perdas que são manifestas. Estas perdas estão primeiramente relacionadas com a perda do contato com a língua, com o afastamento dos lugares que habitam no e com o sujeito, com a distância da família ou amigos, com a inacessibilidade dos “artefactos culturais” que lhe são próprios.

O migrante é então “aquele que desafia a alteridade, que migra de uma posição a outra, de uma realidade a outra, no espaço e no tempo, sempre acumulando suas experiências de percurso em sua subjetividade (...) o migrante redefine a condição humana na contemporaneidade” (Pastori, 2006).

Este migrante é, portanto, composto por duas realidades que, em alternância, estão sobrepostas, podendo tornar a “apreensão de si e do mundo marcada pelo desconhecimento e reconhecimento e, portanto, tornando sucessiva e concomitante, a alienação e a verdade, a identidade e a subjetividade, presentes em sua condição de ser” (Rosária, 1998, p. 126). No entanto, não podemos afirmar que é no movimento migratório *per se* que indiciam os elementos base para a ameaça identitária; é principalmente, as consequências inerentes dessa viagem, os constituintes próprios do sujeito que o colocam em alerta: os objetos internos, os “artefactos culturais”, a língua (que num mundo estrangeiro é possivelmente desconhecida) que está em falta e que operam como uma estrutura na identidade do sujeito. “A migração, precisamente, não é uma experiência traumática isolada, que se manifesta no momento da partida-separação do lugar de origem ou no da chegada ao sitio novo, desconhecido, onde o indivíduo se radicará. Pelo contrário, inclui uma constelação de fatores determinantes de angústia e sofrimento” (Grinberg & Grinberg, 1996). São todos estes elementos que se constituem como fatores de perigo identitário no processo de imigração.

Como afirma Pastori (2006) este processo “pressupõe o afastamento de um lugar e, como consequência, o afastamento de referências constitutivas de determinados vínculos identitários”. Mais, são estas perdas de objeto significativas que podem “desencadear um estado de angústia pela ameaça que representa a ausência, ou a modificação, desse vínculo. Isso pode determinar uma revivência da condição de desamparo, em que o ego sente ameaça da sua capacidade de síntese.” (idem.).

Cabe neste novo mundo, ao migrante, um lugar desconhecido que, em última instância, é um exílio daquilo que o constitui. Aqui, onde “os imigrantes sofrem do terrível mal de exílio.” (Nathan, 2001), este [exílio] constitui-se como um sofrimento, um dos mais agudos; feito de

sideração diante da sua própria surdez, da impossibilidade de parar a nostalgia, ou a esperança frustrada de um retorno aos dias de outrora” (Idem.).

Este impasse imobiliza o sujeito no qual acresce-lhe uma integração de si-mesmo com este novo lugar, e de um reajuste deste lugar para consigo mesmo. Sobre esta assimilação é necessário um trabalho profuso, uma reavaliação constante que pode cair, em dois pontos opostos de um mesmo espectro: por um lado, a recusa total deste novo lugar, a rejeição da Alteridade, e no latente, uma rejeição de si-mesmo; do outro lado, a uniformização destes dois lugares, destas duas culturas, uma homogeneização dos elementos culturais destes lugares distintos que caem, por sua vez, num único mundo indistinto, difundido.

É necessário, como alude Nathan (1986, cit. Por Sturm, Baubet et Moro) ter em consideração que a “integração das representações culturais é fundamental para o desenvolvimento da psiché humana”. Para Kaës, a vida é “uma sucessão de crises onde a continuidade interna (*dedans*) depende muito do suplemento psicossocial, que estabelece uma função de continente. (...) uma grupalidade psíquica é uma formação do inconsciente constituída por identificações, fantasmas e imagens do corpo... a grupalidade gera funções de ligação, de representação e de transformação.” (Heraudet, 2007).

Desta forma, é verificável neste impasse advindo das transformações psíquicas, sendo estas uma possível “consequência do processo migratório” (Pastori, 2006) e que para determinados sujeitos “a experiência migratória, como um momento em que o deslocamento favorece um não pertencimento, pode revelar uma angústia de falta de sentido, com a perda dos referenciais identificatórios” (Silva, 2016). Mais, “a qualidade específica da reação face à experiência traumática da migração é o sentimento de ‘desamparo’. Este sentimento de desamparo baseia-se originalmente no modelo do trauma do nascimento (O. Rank, 1961) e na perda da mãe protetora. Corresponderá igualmente à experiência da perda do ‘objeto continente’ (Bion, 1970), que implica a ameaça, em situações extremas, de desintegração e dissolução egóica, com perda dos limites do Eu” (Grinberg & Grinberg, 1996). Porém, poder-se-á dar o caso onde a “migração exerce apenas uma função desestabilizadora sobre o sentimento de identidade. Por vezes, a migração pode ser decidida, consciente ou inconscientemente, como uma maneira de tentar consolidar o sentimento de identidade através do contato mais direto com os lugares que constituem o berço dos antepassados” (idem.). De qualquer das formas, “a migração porá à prova a estabilidade psíquica e emocional. Só o bom funcionamento com os objetos internos, a aceitação das perdas e a

elaboração dos lutos permitirá integrar de maneira discriminada os dois países, os dois tempos, o grupo de antes e o grupo atual, que dará lugar à reorganização e consolidação do sentimento de identidade, que corresponderá a alguém que continua a ser a mesma pessoa apesar das mudanças e remodelações” (idem.)

Em suma “a entrada do homem na ordem da cultura dá-se através da perda do mito de pertencer a um conjunto que lhe proporciona uma identidade e lhe deve o reconhecimento e a realização. Entrar na cultura supõe acatar, fazer suas as regras de funcionamento da conjuntura. Mas não só. A sua condição de sujeito dividido supõe que carregue a exclusão, a insatisfação, e dá-lhe o direito de transcender ao lugar em que é colocado e apontar na direção do seu desejo. Migrar, emigrar, de novo”, e se, para cada ser humano existe a importante condição “do direito que tem à sua própria história e a uma coerência na reconstrução que deve poder ter um lugar verdadeiro” (Mijolla, 1999) mas, se este direito estiver em modo iminente, interrompido, como será possível desenvolver todas as consequências psíquicas que daí podem surgir?

Em suma, podemos referir que “a migração, então, é uma das contingências da vida que expõe o indivíduo a estados de desorganização interior” (Silva, 2016). Nesta senda, podemos acrescentar que parece paralelamente existir uma dimensão simbólica expressa nas categorizações sociais que forçam os imigrantes a determinados grupos sociais, por vezes com conotações negativas, e que, neste movimento, acabam por causar um impacto na vivência do sujeito. Esta vivência social, a qual não pretendo generalizar ou tornar apanágio do processo migratório, comporta frequentemente vicissitudes que dificultam a integração do sujeito. Segundo “Grinberg e Grinberg (1982), a experiência migratória e a constelação de perdas que a migração leva o sujeito a vivenciar pode vir a ser traumática caso não tenha condição psíquica para elaborá-la.” (Silva, 2016).

3. Identidade e Migração

Como já foi salientado, os processos migratórios induzem transformações na dinâmica relacional, na estruturação identitária e na dialética da organização social. Mas como compreender, na íntegra, estes fenómenos? Como relacioná-los com as questões identitárias,

que são conceptualizados tantas vezes, de formas tão diversificadas? E principalmente, como definir *identidade*, quando esta se encontra aliada a tantas conjeturas substancialmente variáveis?

Através do pano de fundo sobre como é caracterizado integralmente a experiência migratória, é possível salientar então, mais detalhadamente, as questões que incidem na (re)construção identitária no sujeito migrante. Como temos vindo a observar, encontram-se muitos elementos que estão em jogo na condição do imigrante: dos processos de apropriação, os lutos dos pertencentes culturais, familiares e sociais deixados para trás, até há apropriação dos novos artefactos culturais dos quais o sujeito apreende, da integração das novas relações que estabelece neste novo lugar. Toda esta nova contextualização agita, de alguma forma, com a identidade já construída no sujeito.

Mas para embarcamos na questão da identidade, é necessária uma nota prévia. A identidade é um conceito com uma literatura muito extensa e diversificada, que toca em diversas áreas de conhecimento e saberes da psicanálise. Nesta dissertação interessa-nos a identidade decorrente das teorias psicanalíticas nas quais inscrevem as modalidades da cultura na identidade, para, seguidamente, enquadrarmos nas problemáticas dos processos migratórios.

Deste modo, encontramos questões muito características aquando exploramos o conceito de identidade: “quem sou eu? Como é que me posso definir? Como me reconheço? Serei sempre o mesmo apesar das mudanças no tempo e no espaço?” (Desplechin, 2013). Estas questões, quando enquadradas nas questões do meio cultural, podem ser reformuladas da seguinte maneira: “Quem somos, como pessoas? Quem sou eu? Ou, como é que os outros entendem sobre mim após lerem as notas autobiográficas? Qual é a cultura em referência à qual a minha identidade é construída? Qual é o valor da noção de cultura?” (Roth, 2003).

Para compreendermos a identidade como conceito, é necessário explorarmos como o termo foi sendo desenvolvido dentro do âmbito psicanalítico. Este o conceito de identidade não está alicerçado aos primeiros momentos da fundação psicanalítica, embora seja “frequentemente repetida, não é uma noção freudiana” (Mijolla, 1999). Para Freud, o objetivo era construir uma teoria *do Homem* debruçada sobre “os funcionamentos internos de um aparelho psíquico alimentado por energias da pulsão instintiva” (Greenberg & Mitchell, 2003). Deste modo, na

literatura freudiana, o mais próximo que encontramos sobre esta noção aproximada às questões da identidade, surge na sua obra intitulada *Introdução ao conceito de narcisismo (1914)*, ao qual o autor se refere ao “indivíduo [que] carrega de facto uma dupla existência: uma para servir aos seus próprios propósitos e a outra, como elo de uma corrente, servindo-se contra a sua vontade, ou pelo menos involuntariamente.” (Freud, 1961).

Surgindo posteriormente as teorias-objetais, estas vêm a atualizar a noção de sujeito, admitindo que esta não se inscreve (só) numa dinâmica intrapsíquica, mas sobretudo, que a esfera humana é modelada e (co) construída pelas primeiras figuras de relação. Por outras palavras, a dinâmica relacional prevalece aos determinantes *intrapsíquicos* que se constituem no sujeito. Como refere Cunha (2007) “à luz das teorias objetais, para Jacobson (cit. Garza-Guerrero A.C., 1974) a identidade do ego é uma estrutura egóica que envolve funções sintéticas, com uma organização que consolida o sentimento de continuidade, da consistência entre as representações externas do mundo objetal, do conceito de *self* e do sentimento de confirmação, ou seja, na corroboração da identidade na interação com o meio e o seu reconhecimento”. A partir desta nova configuração psicanalítica, abrir-se-ão portas para vindouros estudos que intersectem, dentro dos processos identitários, as noções de subjetividade e intersubjetividade. É sobre estas últimas noções que iremos debruçar, após conceptualizar o termo identidade.

Deste modo, sobre a construção de **identidade**, Arnoux (1999) refere que esta “é imagem e sentimento. Ter uma identidade, é assumir uma imagem completa de si. É, do ponto de vista inconsciente uma identificação, no sentido pleno, que passa através do espelho. É também, pela base inconsciente da vivência da identidade, um sentimento. Em Ladame (1999), “a noção de identidade reenvia ao narcisismo, ao investimento libiDianal de si, positivo ou negativo, às identificações inconscientes e aos conflitos identificatórios (...) [ela] representa também um limite. Indispensável por colocar uma fronteira entre o individual e o coletivo, e de preservar também a individualidade, ela não é menos uma limitação, opondo-se à idealização de completude («aceitar que sou X significa que não sou Y»)". Mais ainda, como refere Deplechin (2013) a “identidade, (...) inscreve-se provavelmente na prova de diferenciação e é certamente o Eu que se situa como o ponto mais antigo da sua construção. Esta construção do Eu surge por intermédio de um Outro que se constitui no sujeito”. Ainda sobre nomear o conceito de identidade, esta “designa um processo psíquico através do qual acedemos à representação da nossa continuidade de existência. Formada pela assimilação e elaboração de introjeções, a identidade desenvolve-se e fundamenta a sua consolidação, nas

identificações projetivas assimiladas.” (Cunha, 2007). Para finalizar, “para Jean Bégoin (2002), a identidade é um processo que se vai desenvolvendo paulatinamente até à fase adulta e culmina com a integração da capacidade de parentalidade.” (idem.). Sobre este pano de fundo, realçamos que a construção da identidade é construída através de um Outro, através de movimentos integrativos da psique, nomeadamente as identificações inconscientes e os fenómenos de apropriação relativamente às suas relações de objeto, até àqueles movimentos que o façam dissociar-se do seu grupo e constituir-se como sujeito de si-mesmo. Sobre este espetro dos primeiros momentos da construção da identidade do sujeito, até às transformações desta sua identidade ao longo da vida, salientam-se as questões da intersubjetividade, termo este fundamental na constituição de Alteridade no sujeito.

Sobre este assunto, Hollway (2010), no seu artigo *Relationality: the intersubjective foundations of identity* (2010), refere que “a **intersubjetividade** é fundamental devido os processos de desenvolvimento primários envolvidos em criar a identidade, começando com a unidade mãe-criança, então individualidade é inalienável, baseado no corpo singular.” Ainda sobre a mesma autora, encontramos a premissa de que “relacionalidade é o princípio fundamental para a formação e transição da identidade”. Aqui, o conceito sofre uma abordagem significativamente diferente aquando comparadas com algumas lógicas encontradas na literatura, nomeadamente, as que inferem a diferença entre subjetividade e identidade (como Hollway se refere aos trabalhos de Cromby e Venn), ou que a identidade é uma projeção da relação para o meio exterior. A diferença central presente nesta forma de encarar a identidade é de que ela está inserida num princípio dinâmico, que a identidade é expressa, dentro de num movimento constante, através da e na construção da relação. Tal como afirma Scharff (1992 cit. por Hollway), “somos construídos de relações dinâmicas e internalizadas entre o Eu (*self*) e objeto. Por sua vez, externalizamos os nossos mundos internos para os nossos relacionamentos externos, que tornam novamente a influência a nossa organização interna”.

Sobre a subjetividade esta apoia-se “na intersubjetividade e (...) essa dimensão possui um potencial de subjetivação” (Magalhães & Feres-Carneiro, 2005); mais, ela “é concebida como uma construção constante na relação com o outro. Esta noção de sujeito sinaliza mudança da conceção de aparelho psíquico fechado, para a conceção de organização psíquica com diferentes espaços em constante transformação” (Piva, 2009).

Kaës explora a noção de sujeito sobre um olhar, parece-me, muito interessante. Para o autor, o sujeito é sempre um “intersujeito” (Kaës, 1993), sendo este uma “produção intersubjectiva da psique” (idem.). Estamos então num nível mais profundo do que a simples constatação da existência da relação intersubjectiva. Um *intersujeito* caracteriza-se através de uma interdependência do outro, no qual o sujeito é constituído por um “mais-que-um-outro” que o precede. Importa realçar que, embora esta premissa se enquadre na temática do *transgeracional psíquico*, é possível conservar uma ideia importante: o sujeito é sempre produto de toda uma história que o precede (em Kaës, esta ideia prende-se com a não-escolha do grupo primevo e do corpo¹) e neste contexto específico da dissertação é possível olhar para este sujeito, um sujeito que é “mais-que-um-outro”, no sentido cultural. Por outras palavras, é estes mais que um outro também cultural que engendra este sujeito.

Neste sentido, “a cultura não é pensada como um quadro fixo, mas como um processo criado nas interações humanas (Moro, 1998).” (cit. Por Sturm, Baubet et Moro) e é esta cultura (com todo os seus artefactos a que dizem respeito) que o tornam, também, indivíduo e sujeito-de-relação. Sobre estas questões, denotamos assim, um gradiente essencial: a identidade é constitutiva de um único sujeito, este diferente de um Outro, mas sendo este outro que nos remete a olhar a identidade como própria, singular, exclusiva. Por outras palavras, é através de um outro que podemos considerar uma identidade definida, inscrita em si mesmo e para o outro.

Sobre este indivíduo é possível enquadrar uma outra teoria desenvolvida por Devereux, pois “a diversidade das formações simbólicas só se tornam compreensíveis a partir do momento em que está ligada ao inconsciente que lhe dá origem.” (Laplantine, 1978). Sobre esta questão relativa ao inconsciente, o autor explora o conceito enquadrado nas questões da etnopsicanálise. Para ele, “o inconsciente é composto por dois elementos: aquele que nunca foi inconsciente – os representantes psíquicos do Id, incluindo o das forças pulsionais – e aquele que foi primeiramente consciente, mas seguidamente recalcado. O material recalcado é constituído pela impressão dos traços mnésicos deixados tanto pelas experiências objetivas exteriores como pelas experiências subjetivas anteriores – emoções, fantasmas, estados somáticos anteriores. (Devereux, 1977). Neste seguimento, Devereux desenvolve então, os dois segmentos inconscientes: primeiro, o segmento inconsciente idiossincrático; segundo, o segmento inconsciente da personalidade étnica.

¹ “não temos inteiramente a escolha de sermos ou não colocados num grupo, nem a escolha de termos ou não um corpo: é assim que vimos ao mundo, por um corpo e um grupo, e o mundo é corpo e grupo” (Kaës, 1993).

Relativamente ao primeiro segmento, este “compõe-se de elementos que o indivíduo foi forçado a recalcar pela ação dos stresses únicos e específicos que ele passou. Estes stresses podem (...) as experiências que não são nem características de uma cultura, nem numericamente frequentes, mas que atingem certos indivíduos”. (idem.). Sobre o segundo segmento, “este faz parte do inconsciente total que ele possui [o sujeito] em comum com a maior parte dos membros da sua cultura. É composta de tudo aquilo que, em conformidade com as exigências fundamentais da cultura, cada geração apreende ela mesmo a recalcar e, por sua vez, a forçar a geração seguinte a recalcar” (idem.)

“Escusado será dizer que o ser humano não é somente um inconsciente étnico ou individual: sofre também, no curso da sua vida traumatismos ao mesmo tempo numericamente frequentes e típicos do seu meio, e isto em proporções variáveis.” (Devereux, 1977). Em suma, “devemos a G. Devereux a ideia que o psiquismo e a cultura são co emergentes. Efetivamente, a identidade é imediatamente e inevitavelmente cultural (*culturée*) (...) cada cultura comporta uma resposta e solução particular aos problemas humanos universais. Cada cultura tem as suas concepções normativas para definir o normal e anormal” (Paduart, 2004).

Sobre estas questões relativas ao funcionamento psíquico, ao subjetivo e cultura, é possível reunir algumas considerações, que tecem o pano de fundo que interliga as reflexões gerais sobre a Identidade. Sobre a questão da identidade, esta condensa um Dianamismo constante, que se movimenta entre um si-mesmo e um Outro; entre um lugar de origem e um lugar estrangeiro. A Cultura e o Homem não estão dissociados, pelo contrário, são encaixes inseparáveis, que um sem outro, não perduram. Sobre este pano de fundo das questões identitárias (enquanto noções) é que podemos enquadrar com os elementos culturais da teoria psicanalítica. Neste seguimento, o “com uma outra cultura, diferente daquela pela qual se aprendeu os mais elementares hábitos e os mais intensos sentimentos, parece confrontar-nos com uma diferença que nos toca de forma peculiar. Da mesma maneira, na situação clínica, são também sentimentos que se apresentam com uma intensidade que surpreende e que, justamente por isto, podem tornar-se poderosos instrumentos no processo de tratamento” (Pastori, 2006)

CAPÍTULO II

1. Sobre o Objeto de Estudo em Associação com o Método

A partir das considerações expressas até aqui, é possível construir uma ponte até ao objeto nosso de estudo. Antes de mais, importa salientar que estas considerações apresentadas até agora são algumas da literatura integral, as quais pareceram enquadrar-se melhor sobre a natureza deste estudo. Neste sentido, apesar de encontrarmos uma extensa literatura sobre os assuntos abordados, não indica que este estudo seja uma repetição de outros estudos. Iremos perceber como e porquê.

Antes de mais, a literatura apresentada é característica em duas vertentes: a primeira, incidida numa nomenclatura psicanalítica, que tratou o problema da Cultura na construção do sujeito-em-si-mesmo. Como vimos, o tratamento desta variável abre portas a uma ideia da constituição de sujeito mais completa, mais complexa. Aqui o sujeito é indissociável do seu meio e neste sentido, é sensato colocar os dois temas em diálogo. Mais ainda, é pertinente a exposição do retrato sobre a intersubjetividade, este que reencaminha o sujeito-fechado-em-si-mesmo para um sujeito-em-relação, um “*intersujeito*”. Deste modo, o sujeito é considerado um *intersujeito* relativamente à componente cultural. A segunda característica, incide sobre o tratamento antropológico relativamente às questões da migração, especialmente no que toca à compreensão das causas e consequências deste processo. O repertório de estudos antropológicos sobre estas questões não nasce agora, no entanto, os “antropologistas atualmente estudam uma ampla variedade de tópicos relacionados com a migração” (Vertovec, 2007). Sobre estas duas vertentes, realçando-se as considerações mais importantes, é possível caracterizar o estudo em questão.

Em primeiro lugar, este estudo é de carácter qualitativo, com o objetivo de aceder à experiência dos sujeitos entrevistados que sejam imigrantes. Através do método FANI (que falar-se-á mais adiante), é solicitados aos sujeitos que partilhem a sua história e construam a sua narrativa. O que se pretende com estas narrativas é conhecer o sujeito enquanto sujeito dinâmico que, sobre o pressuposto psicanalítico da associação livre, conduzirá este sujeito a expressar os conflitos inconscientes, as formas de relacionamento com os seus objetos internos e a sua dinâmica psíquica. Assim, sobre este pressuposto, é admitido que o sujeito

faz-se revelar nas entrevistas. Neste tipo de estudo, não é elaborada uma hipótese concreta do que é pretendido dos sujeitos; É antes de mais oferecer o espaço para procurar o que o sujeito traz e se faz expressar nas entrevistas.

Para este estudo então, o sujeito entrevistado coloca-se inscrito como intersujeito e, como refere Hollway e Jefferson (2000) relativamente às questões metodológicas: as narrativas emergem durante a procura de um método de pesquisa que fosse adequada ao sujeito psicossocial. “Esta abordagem é consistente com a ênfase na reflexividade na entrevista, mas compreende a subjetividade do entrevistado através de um modelo que incluem forças inconscientes e conflituais, em vez das forças meramente conscientes” (Hollway & Jefferson, 2008).

Neste sentido, segue-se uma linha de investigação qualitativa, mais especificamente, *estudo-de-caso*. Aqui pretende-se aceder à experiência singular do sujeito, e compreender como este vem estruturar o processo migratório em si-mesmo. Partindo deste foco, é possível escapar às nosologias psicopatológicas que muitas vezes encaixam os sujeitos em categorias que suplantam o carácter individual de cada sujeito² e, portanto, secundarizam o carácter subjetivo da história do sujeito, para dar um maior espaço às questões de categorização do sujeito. Por outras palavras, procura olhar-se o Outro através de uma abordagem compreensiva, através do método FANI. Este método tem a vantagem de encaminhar o sujeito na sua própria história, permitindo-lho conduzir a sua própria narrativa, de forma a salientar os traços e características mais relevantes. Neste sentido, o sujeito aqui é encarado como um sujeito psicossocial, em primeiro lugar, e segundo, como um sujeito defendido.

Este método, como veremos, procura fugir às configurações qualitativas que pretendem aceder à história do sujeito através de entrevistas semiestruturadas, nas quais circunscrevem o sujeito entrevistado àquilo que se procura saber. Aqui, ao não estipularmos uma hipótese clara sobre o objeto de estudo, procura-se dar ao sujeito o “direito” para conduzir a sua própria narrativa, deste modo, expressando as vivências mais significativas que possam ser suscitadas pelo encontro.

² Como exemplo, o artigo do psiquiatra Atchotegui (2000). *Estrés limite y salud mental: El síndrome del inmigrante con estrés crónico y multiple (síndrome de ulises)* é característico de condicionar o movimento migratório como patológico. Este artigo foi bem-recebido pela comunidade científica e ainda hoje preserva-se a sua “exatidão” e “veracidade”.

CAPÍTULO III

1. Tipo de estudo

O tipo de estudo inscrito nesta dissertação é metodologicamente de carácter qualitativo, embora não se enquadre numa metodologia muito comum, como veremos a seguir.

As “metodologias de pesquisa qualitativa podem investigar de forma mais completa (e mais válida) a complexidade do fenómeno humano, incluindo problemáticas como etnicidade, cultura, género e sexualidade” (Gough, B. & Lyons, A., 2016) o que, dada a natureza deste trabalho é considerado pertinente.

Um dos princípios-base destas metodologias incide sobre o aprofundamento substancial das temáticas que se pretende averiguar, de forma mais direta e não apoiado, em principio, em valores normativos (muito central nos estudos quantitativos). Neste sentido, estas metodologias inscrevem-se tipicamente em entrevistas semiestruturadas face-a-face, que são as tipicamente as mais comuns “de pesquisa qualitativa, usado para encontrar melhor as experiências dos sujeitos em contexto e dos significados em questão” (Hollway & Jefferson, 2008). Embora sejam as mais utilizadas, procurou fugir-se integralmente a este tipo de entrevistas neste estudo, por várias razões. Em primeiro lugar, encontramos nas entrevistas semiestruturadas um *a priori* que se pretende procurar no Outro, através de questões previamente construídas pelo entrevistado, as quais ele pretende explorar. Sobre este pressuposto, encerra-se um aglomerado de outras questões que poderiam ser suscitadas pelo encontro entrevistado-entrevistador. Em suma, torna-se claro que existe um *a priori* que se pretende procurar no Outro, e não a procura do que o Outro tem realmente a verbalizar, fora dos moldes de uma entrevista construída.

Em segundo lugar, encontramos a seguinte premissa subjacente nas entrevistas semiestruturadas: o princípio da transparência da linguagem. Este pressupõe, como o nome indica, que a linguagem é a mesma no encontro entre o entrevistado e entrevistador. Sobre este princípio, parte-se então do pressuposto que ambos se expressam da mesma forma e compreendam integralmente o que cada um se refere. No entanto, torna-se evidente que a teia que modela os significados na dialética relacional entre ambos os atores, não é a mesma.

Identificamos aqui a primeira falha na metodologia: não existe uma transparência da linguagem tão evidente.

Neste sentido, procurou fugir-se um pouco a estas formulações metodológicas que comprometem a narrativa que se pretende e procurando ir ao encontro daquilo que o sujeito entrevistado pretende trazer para a entrevista. Aqui, compreende-se que este *sujeito-em-relação* se faça mediar pela linguagem, expressando-se de uma forma singular, as dinâmicas que o compõem, através da narrativa que o próprio conduz na entrevista.

Para além disso, é importante frisar que este sujeito em situação de entrevista é considerado um “*sujeito defendido*”, na aceção de Hollway & Jefferson (2008). Este sujeito defendido é, antes de mais contrário à ideia tradicional de *sujeito racional*. Este sujeito é então considerado da seguinte forma: “é uma proposição fundamental na teoria psicanalítica que a ansiedade é inerente á condição humana, especificamente as ameaças ao Ego que geram ansiedade” (Hollway & Jefferson, 2009).

Sobre este retrato do sujeito, procura-se no âmbito das entrevistas aceder ao conteúdo latente que subjaz o discurso, ao mesmo tempo que estes conteúdos latentes dão forma à rede de significados que estão estruturadas no sujeito.

Desta forma, o tipo de estudo é de carácter qualitativo (e mais especificamente em “estudos-de-caso”) enquadrando-se em pressupostos psicanalíticos sobre as concepções de sujeito e de linguagem. Aqui, os estudos-de-caso podem ser conceptualizados da seguinte forma: “o estudo de caso, como o experimento, não representa uma "amostragem", e o objetivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística)” (Yin, 2001).

Através deste quadro aqui descrito, é possível compreender o sujeito enquanto ser psicossocial, enquanto sujeito holístico através do instrumento metodológico FANI que determina a procura do Outro através de uma narrativa conduzida pelo entrevistado, e não pelo entrevistador.

2. Método

O método aqui utilizado tem como designação, método de Análise de Narrativas de Associação Livre, que apresenta como princípio nuclear a associação livre, enquadrada nas técnicas fundamentais da Psicanálise.

Este método apoia-se na ideia de que, através da associação livre, o sujeito coloque em evidência as matérias mais relevantes que vão lhe surgindo ou que lhe sejam evocadas, visto que o mais importante é como coloca o seu mundo representacional em *Verbo*. Sobre este princípio psicanalítico da associação livre, Hollway e Jefferson (2008) referem que este “pressupõe que as ligações inconscientes serão reveladas através das ligações que os sujeitos fazem se estiverem livres para estruturar as suas próprias narrativas. Nisto acrescenta-se uma outra dimensão ao princípio de preservar o todo em questão, em vez de parti-lo em partes. A ‘forma’ ou a gestalt revela a dinâmica inconsciente que estrutura a memória, e, portanto, o investimento subjetivo que o sujeito faz das suas ações passadas e experiências.” Assim, aqui o sujeito é visto como um “sujeito defendido” (Wendy & Jefferson, 2008). Esta ideia assenta numa “proposição fundamental na teoria psicanalítica que a ansiedade é inerente na condição humana, especificamente, que ameaças ao self geram ansiedade. Defesas contra a ansiedade são largamente mobilizadas a um nível inconsciente.” (idem.). A ideia do método baseia-se no pressuposto de que o sujeito, ingressando na sua própria narrativa é conduzido através de dinâmicas inconscientes que inscrevem no seu discurso a rede de signos e significantes que são próprios da sua estrutura psíquica. Neste sentido, “o sujeito pode ser interpretado holisticamente” (Wendy & Jefferson, 2008), porque através de uma única entrevista dá-se a conhecer como um sujeito total.

Partindo deste quadro geral, introduz-se uma questão inicial (“*como é ser guineense e viver cá em Portugal...*”), sendo esta ampla o suficiente para que o sujeito possa enveredar pelo caminho que assim preferir. Aqui, o método “requer perguntar algumas questões que são abertas, mas que eliciam histórias concretas relacionadas com a experiência do sujeito” (Hollway & Jefferson, 2000).

Esta questão, como tal, oferece ao sujeito que narre a sua história, que seja solicitado a percorrer no seu próprio discurso a cadeia de elementos significativos e simbólicos que o constroem, pois “o central para o processo interpretativo são as associações livres feitas pelo entrevistado” (Wendy & Jefferson, 2008). Neste sentido, é tido como um “contador de

histórias, mais que um sujeito que um respondente” (idem.). Cabe ao entrevistado a responsabilidade de escutar ativamente e caminhar com o entrevistado na sua narrativa.

“Como pesquisadores, portanto, não podemos ser desprezados, mas devemos examinar o nosso envolvimento subjetivo, porque vai ajudar a moldar a forma como nós interpretamos os dados da entrevista” (Wendy & Jefferson, 2008). Sobre esta questão, encaixando nos fenómenos transferenciais-contratransferenciais, que é pertinente não só na formulação dos resultados, mas também no decurso da própria entrevista, por se tratar de um único momento de contacto (entrevistador-entrevistado) e pela falta de manejo dos conhecimentos pratico-clínicos, é possível que uma maior atenção às suas ocorrências. Não obstante, o ter em conta estes movimentos, tanto no momento da entrevista como no processo de interpretação dos dados é fulcral e tenderá à construção de uma melhor análise.

3. Procedimento de recolha relativamente aos participantes

Relativamente ao procedimento na escolha dos participantes, começou-se por fazer contactos principalmente com associações de imigrantes, localizadas na Grande Área de Lisboa. A amostra fora selecionada por conveniência.

Aquando um primeiro contacto feito com as associações, eram fornecidos alguns dados mais específicos sobre as características dos sujeitos. Neste caso, as características relativas aos participantes eram simples: homem migrante, nacional de países terceiros, e que residissem aqui em Lisboa por algum tempo. A partir destas especificações, as associações entrariam em contacto com potenciais sujeitos que poderiam estar interessados em fazer parte do estudo ou que se enquadrassem no tema da dissertação. Aos que responderam afirmativamente ao pedido, fora feito um contacto posterior por uma das seguintes vias: ou fora disponibilizado o contacto pessoal do sujeito, a fim de marcar diretamente um dia e hora para a respetiva entrevista ou a marcação da entrevista seria feita mediada pela associação.

Os contactos, nos quais são apresentados como os participantes nesta dissertação, foram fornecidos pela Associação Guineense de Solidariedade Social (Aguinense), sediada em Chelas, Lisboa. Esta associação insere-se exclusivamente ao apoio da comunidade imigrante guineense, mais particularmente ao desenvolvimento de atividades com as crianças e adolescentes.

Ambas as entrevistas foram realizadas no espaço Aguiense, por de ser um espaço já conhecido e confortável para os participantes.

A primeira entrevista, de João F., que se encontra expressa nesta dissertação teve a duração de cinquenta minutos. A segunda, relativa ao Cristóvão Cabral, teve uma duração de uma hora e cinco minutos.

Os participantes foram informados, ante a entrevista, sobre o presente estudo, este inscrito num exercício académico e quais eram objetivos gerais que estavam delineados. Foi garantido o anonimato das informações fornecidas pelos mesmos e caso se gerasse qualquer tipo de dúvida sobre o projeto, era devolvido uma resposta clara e transparente. Em termos práticos, foi apresentado um consentimento informado (ANEXO 3) que ao assinarem, consentiam a participação no estudo.

4. Participantes

João F. é o primeiro participante a ser relatado no presente estudo. Com idade de 59 anos, é oriundo da Guiné Bissau e de Etnia *Manjaco* (animista). “Os manjacos são um pequeno grupo étnico costeiro cujos membros têm uma forte propensão para a migração” (Lopes, 2005). Mudou-se para Portugal em 1982 com 25 anos e desde então permaneceu cá, entre pequenas imigrações por Inglaterra e a B. [país da Europa]. Todos os seus avós são portugueses, há exceção da sua avó materna, proveniente da Guiné. Os seus pais, são também portugueses. Vem para Portugal após um acidente de viação, donde resultou a morte de três pessoas, sendo-lhe concedido uma Amnistia Internacional. Atualmente, reside com a sua companheira amoRosária, e com o seu filho mais novo, o Filipe: o seu único filho, de uma fratria de oito, nacional da Guiné-Bissau. Para além deste filho, tem também mais oito, já adultos.

Cristóvão Cabral tem 49 anos é também nacional da Guiné-Bissau. Veio para Portugal aos doze anos, residindo cá até aos seus dezoito anos, altura em que regressou novamente para o seu país de origem. Mais tarde, volta e instala-se definitivamente em Lisboa, com idade 31 anos, após um acidente de mota, que o obriga a viajar para cá, estando ele numa situação de vida-morte. A mãe é de etnia *balanta* (animista) e o seu pai é português. O seu avô foi um Governador das Ilhas Bijagós e a sua avó é oriunda de Cabo-Verde. Tem dois filhos que residem na Guiné e o seu filho mais novo, o David.

5. Procedimento de análise relativamente aos resultados

De forma a poder avaliar os resultados, foi necessário, num primeiro momento, proceder-se a uma análise conjunta sobre as transcrições integrais das narrativas (ANEXO A e B). Para tal, constituíram-se grupos de análise, formados por: a entrevistadora (que lê a transcrição da narrativa), a orientadora de dissertação, psicólogas e estudantes de psicologia. Através da leitura das transcrições nos respetivos grupos, cada participante era livre de partilhar o que ia pensando sobre o que o caso ia evocando. Deste modo, geravam-se vários pensamentos e olhares distintos que permitiam uma análise mais completa e dinâmica do caso, muito devido às representações múltiplas de alteridade inscritas em cada um.

Na leitura da transcrição da narrativa do João F., o grupo fora constituído por cinco participantes: para além da entrevistadora e da orientadora, duas psicólogas recém-formadas e uma estudante de Psicologia Clínica. Esta sessão de análise demorou aproximadamente duas horas. Relativamente à narrativa do Cristóvão Cabral, constituiu-se, para além das duas primeiras participantes, dois psicólogos. Esta sessão de análise demorou igualmente duas horas.

Num segundo momento, foi feita uma análise integral sobre os grandes temas que suscitaram maior relevância das análises. Este processo foi feito individualmente pela entrevistadora/investigadora.

Sobre estes grandes temas, realçamos três que se apresentam como mais importantes nas narrativas dos dois entrevistados: 1) Um Cá e um Lá – Integração de um Lugar; 2) Transmissão dos imagos parentais e 3) Características da Identidade.

RESULTADOS

Os resultados encontram-se divididos em dois momentos de análise. No primeiro momento – a análise da narrativa – procurou analisar-se na íntegra todo o discurso do sujeito. Este momento conta com as considerações decorrentes da análise em grupo.

No segundo momento – análise dos grandes temas – procurou realçar-se os traços que foram considerados como mais salientes nas narrativas dos sujeitos. É importante referir que foram modificados e omitidos alguns nomes de pessoas e lugares, as quais pudessem ser consideradas como informações para se identificar os sujeitos em questão.

1. João F.

A. Análise da Narrativa

Após a solicitação feita pela entrevistadora, pela pergunta inicial, incidindo sobre uma questão que remonta à identidade (“*gostaria que me falasse de como é ser guineense e viver aqui, em Portugal...*”), João introduz apenas que nasceu lá, deslocando logo de seguida o tema para a sua genealogia familiar, até à altura dos seus avós. Aqui, compreende-se que a questão sobre si-mesmo é voltada para o lugar *concreto* da sua origem e encerrando, desde logo, uma continuidade no assunto. Neste movimento de deslocamento para uma história que o precede, faz-se perceber no discurso de João os vários acontecimentos que surgem, especialmente inscritos em momentos de mudança da vida dos seus pais (“*saiu de professor... foi... como chefe dos correios*”; “*a minha mãe passou como telefonista*”; “*quando se deu a independência*”). Nestes momentos de mudança, denota-se uma temática muito centrada da época colonial, donde se compreende que João, por meio de *colagem às entidades paternas*, coloca-se numa posição privilegiada (“*altos cargos*”) que está associada a esta realidade colonial (colocando-se, desta forma no lado de colonizador), por meio de associação ao seu “*pai branco*”. Notamos, que a profissão do seu pai (“*chefe de X.*”) não é um alto cargo, o que se torna, de qualquer das formas, secundário para uma análise; o importante aqui, como foi compreendido na análise de grupo, é a *idealização da figura paterna* que João faz.

Um ponto de viragem que João identifica na sua narrativa é a morte do seu pai, embora esta circunstância não seja evidentemente expressa: “*ele teve um acidente de viação (...) a minha mãe veio (...) receber o subsídio de viuvez*”. Neste enunciado, no qual se parece traduzir por um desligamento, um mecanismo de evitamento às circunstâncias da vida do pai (não só esta da sua morte, mas também por referir, sem explorar a ideia, o não regresso do seu pai a Portugal, porque “*ele não fez mal a ninguém*”), João evidencia uma mudança no funcionamento do agregado familiar (“*a vida nos complicou...*”). Sobre este acontecimento, a mãe de João “*começou a mandar os filhos, um por cada vez*” cá para Portugal, ficando ao encargo de João ocupar o lugar do pai: “*fiquei lá a trabalhar (...) a aguentar o resto da família*”. Relativamente à fratria de João, este indica inicialmente uma constituída por dois sujeitos (“*nasceu a minha irmã mais velha e o segundo filho sou eu*”), passando, neste momento do seu discurso, a constituir-se uma fratria de cinco – ele inclusive: “*veio a minha irmã, a Rosária, depois veio o meu irmão João, o JÓJÓ, depois veio a filha e veio o meu irmão mais novo*”. Este movimento é característico de João, no qual será expresso novamente e lido com maior atenção posteriormente.

Em 1981/2, João, que nesta altura trabalhara como taxista, sofre (também como o seu pai) um acidente de viação, onde morreram três pessoas. Nesta altura é detido pelo ocorrido, não elaborando muito mais: ele foi “*preso*”. Por este motivo, vem viver para Portugal, de modo a fugir às represálias do acidente. Vem, por um lado, devido ao concebimento de uma Amnistia, e também, por outro lado, como refere, porque a mãe assim o diz: “*tu também vais para Portugal*”. Surge uma questão associada a estas “ordens” respeitantes à mãe: mencionado por João, a mãe manda os filhos para Portugal, e porventura João é o único filho que permanece na Guiné; somente quando é exigido pelas condições externas, é que João imigra para Portugal. Este Portugal é dúbio, persistindo a incerteza (neste contexto) se é um lugar sentido como melhor, ou se é um outro lugar diferente, devido à expulsão do seu lugar de origem.

Neste seguimento, observamos uma rápida passagem entre *cá* e *lá*: João debruça-se sobre os aspetos quando já se instalara em Portugal, referenciando primeiro o curso que fizera (“*vim aqui e fui tirar um curso de mecânico, no Centro de F. S.*”), depois onde trabalhara (“*trabalhei nos bombeiros voluntários*”) para depois aludir as suas pequenas deslocações migratórias (“*vim aqui (...) depois emigrei para a B. [país da Europa] (...) voltei para Portugal*”). Estes pontos que João vem falando, revelam uma não-inscrição *no seu lugar*: João vem evidenciando passagens abruptas de um e outro lugar no seu discurso, solicitando assim a ideia de que João parece residir num lugar escuro.

Posteriormente, João coloca em evidência um casamento com “*uma rapariga de São-Tomé*” que dá origem a duas filhas, explorando seguidamente o percurso exclusivamente profissional destas. A Alexandra, procuradora no Ministério Público no Tribunal da M. e a segunda, a Diana, formada em Marketing. Logo a seguir, referencia mais duas filhas, a Luísa e a Catarina para depois fazer menção a mais uma filha e um filho. Onde inicialmente surgia duas filhas, passamos a conseguir identificar seis filhos, para posteriormente, aferir a existência total de oito filhos. No mesmo movimento de se enquadrar numa fratria de dois, conseguimos transpor a mesma lógica para os seus filhos: primeiro, encontramos a existência de dois (ele e a irmã), para passarem a cinco (“*nasceu a minha irmã mais velha e o segundo filho sou eu*” (...)) “*veio a minha irmã (...) depois o Jójó (...), depois a filha e o meu irmão mais novo*”); agora, relativamente aos filhos, observamos a passagem da existência de duas, para oito. Esta característica é reflexo do modo como organiza os elementos da realidade externa, ou seja, um molde funcional de, se se pode assim apelidar, de “destruturação restitutiva”: primeiro, segmenta o grupo de semelhantes, para depois restituir *quem realmente* o grupo é (primeiro são dois para serem quatro; primeiro são dois para serem oito).

Neste momento da entrevista, fora deslocado o foco para a questão da nacionalidade, a qual iremos observar, que é uma temática substancialmente importante no seu discurso. Deste modo, introduz-se na narrativa a questão do seu filho mais novo, o Filipe (de catorze anos), sendo o único filho que não tem nacionalidade portuguesa (tendo nacionalidade guineense).

João descreve quais as circunstâncias que levaram ao nascimento do Filipe: conheceu uma rapariga da Costa-do-Marfim que estaria na Guiné por motivos turísticos. Esta rapariga, que falava “*só Francês e Inglês*”, era uma estrangeira no país, tal como João se identifica a si mesmo: “*Já ninguém me conhecia, portanto já era também um estranho*”. Esta passagem releva uma forma de João se colocar relativamente à sua origem. Guiné, onde nascera, é um lugar que já não o reconhece, como ele também não o reconhece dentro de si: este lugar de origem em João parece ser um lugar de ausência (não é de cá, nem de lá).

O palco de acontecimentos com a mãe de Filipe é também curioso: primeiro, parece surgir a imagem de dois sujeitos num lugar desconhecido, donde estas duas personagens são, também, desconhecidas entre si; depois, a mãe, não pode ficar com a criança porque a “*a família, escolheram o marido para ela*”. Esta mãe é muçulmana e como ele refere “*ali os muçulmanos, arranjam os maridos*”. Através deste marido, que parece ser um mediador/condutor para expressar a sua posição face ao filho, é que a mãe não pode ficar com

o seu filho Filipe. Mais ainda, esta criança surge desde o início com uma carga simbólica muito vincada: *“ele é filho de branco. Ele é negro, mas é filho manchado”*. Coloca-se a hipótese do que aparenta ser este *filho branco*³, e qual a representação *deste filho manchado*. Filho branco, por extensão ao seu pai branco? Falamos de uma continuidade transgeracional (visto que o pai de João era branco)? Ou pelo contrário, é um filho não desejado? Ou mais, é um filho excluído da sua linhagem que o João concebe em si-mesmo?

É neste lugar incerto que nasce Filipe (fica-se na dúvida se nasce na Costa-do-Marfim ou na Guiné). Filipe, por sua vez é também considerado um estranho, como se verá mais adiante.

No seguimento da entrevista, compreendemos que este *“bebé”* acabaria por viver com os familiares de João, mais precisamente, com o seu primo. Até à data de chegada deste filho (abril de 2016), João vai relatando o quão difícil foi trazê-lo para Portugal, burocraticamente falando (*“mas para trazer o miúdo não é fácil. De um país para outro país. É preciso documentos, é preciso tribunal (...) tratar do passaporte, tenho que ir ao tribunal de menores, o tribunal tem que saber do paradeiro da mãe.”*). Neste sentido, continua a falar de Filipe, sempre com um olhar esterilizado sobre a relação entre os dois: todas as componentes a que remete são de cariz burocrático, sobre a autenticação e formalização da sua vinda para Portugal, sobre uma questão de estatutos (quer ao nível da nacionalidade, quer ao nível de um estatuto na relação). João atenua esta relação de ausência através do apoio monetário: *“eu mandei dinheiro para o meu primo naquela altura, trezentos mil francos, que dá à volta de quinhentos euros, cem contos, para cuidar para ajudar com aquilo que eu puder”*. Há medida que Filipe crescia, João evidencia que ele *“mostrava interesse em vir para cá”*, não obstante a precariedade na forma para trazê-lo para Portugal (*“mas para trazê-lo... tratar do passaporte, tenho que ir ao tribunal dos menores, o tribunal tem que saber do paradeiro da mãe.... Essas coisas todas e a mãe não que já está noutra país, vai vir outra vez e não vai querer vir. O marido dela não vai deixar ela vir.”*). Aquando lá estava, João arranja forma de colocar o menino numa escola portuguesa (*“o meu filho foi lá estudar. Ficou naquela escola portuguesa. Foi ali que ele começou a desenvolver as capacidades”*).

João refere que *“se o miúdo já for português eu já posso vir com o miúdo sem impedimentos de qualquer entidade da Guiné, porque o miúdo já tem nacionalidade portuguesa”*. Esta questão da nacionalidade, tal como fora referido, parece ser importante no seu discurso,

³ Tive a oportunidade de conhecer o Filipe na associação onde foram realizadas as entrevistas. A tez de Filipe é escura.

porque se expressa como um elemento de semelhança – ter a mesma nacionalidade que o pai tem.

Após a “*autorização*” burocrática sobre a vinda do Filipe, “*os irmãos, os meus filhos todos juntos, juntaram o dinheiro, todos... e pagaram o bilhete, e a minha irmã veio com ele*”, irmã esta que trata do processo quase integral da vinda do mesmo para Portugal. Esta passagem é relevante (e não será a única, como veremos adiante): antes de mais, a deslocação do seu filho para junto de si é marcada fortemente por um impasse da sua parte, à qual desloca a raiz do problema nas causalidades externas e, portanto, sendo *invariavelmente* uma dificuldade trazê-lo para cá. Esta ideia, pode surgir devido ao facto de Filipe ser guineense e, portanto, sendo este um desconhecido da sua terra natal, pode ser um desconhecido de si-mesmo. Elaborado de uma outra forma seria: *quem é, realmente, este meu filho?*

Em segundo lugar, a presença do seu filho parece ser transtornante no sentido em que, de um aparato familiar seu, de uma continuidade sua (este seu filho), gera-se uma vivência dolorosa, associada a um mal-estar físico. Colocou-se a ideia (na análise de grupo) que, através da ausência de um lugar, expresso na latência da narrativa, surgem os acontecimentos trágicos.

Já em Portugal, inscrito na escola, João é chamado para falar com o reitor de Filipe, ao qual este refere que o “*o miúdo é inteligentíssimo... Ainda não vi um miúdo com uma capacidade... Veio de África com uma capacidade*”. O fio-condutor sobre esta temática é alterado radicalmente, pois João introduz os problemas físicos que teve (“*dá-lhe todo o apoio que este miúdo tem a cabeça... vai muito longe... eu também, apanhei dois AVC*”). Desta forma, sobre a conversa relativa ao Filipe, João inicia o discurso sobre os AVC’s. Sobre esta passagem, surge na análise da entrevista em grupo que, aquando a narração de algum elemento que caracteriza a sua vida (neste caso, a vinda de Filipe) João patenteia a existência *de uma outra coisa* trágica: após elevar (-se, através da profissão dos seus filhos e neste caso em particular, sobre a inteligência do seu filho mais novo) vem toda uma outra parte latente que está longe de ser superlativa.

Neste seguimento, volta à temática dos filhos: todos eles, são de nacionalidade portuguesa e como veremos a seguir, são transportados por João para outro lugar. No caso do Filipe, a exceção relativamente à nacionalidade, João refere que “*se a nacionalidade do meu filho sair, eu vou mandar o miúdo para Inglaterra*”. A ideia que subjaz esta premissa apela à integração de um espaço integro, fecundo. Por outras palavras, o assentar num certo lugar é uma dinâmica desconhecida, ou seja, uma labilidade na integração do lugar dentro do seu espaço

mental. Ao mesmo tempo, observamos que *do outro lado é melhor: “envio-lhe para ao pé da irmã (...) Na Inglaterra tem mais capacidade (...)*. Esta Inglaterra aqui contada, é também um lugar que João trilhou. Lá, também ele estivera imigrado, mas no seu discurso coloca-se uma diferença: esteve lá, como português, como *se fosse Portugal*. Para João parece existir duas formas de assimilar este lugar (sempre desconhecido): a existência em simultâneo de um *cá* e de um *lá*; um espaço bifurcado onde não há forma de integrar e a existência de um *lá*, que em comparação com este *cá*, é sempre melhor.

Neste momento da entrevista, é colocado a seguinte questão: “*como é estar com o Filipe cá?*”. Sobre a resposta recai o seguinte “*eu criei os meus oitos filhos com a companheira, que tem também três filhos*”. No seguimento, fala sobre as condições que levaram até começar a viver com a atual companheira, ficando silenciosamente de parte a relação com o seu filho. Relata sobre estes três filhos da atual companheira, donde “ordena” o primeiro a rumar “*para Inglaterra*” e “*tirar um curso de língua*”. Relativamente ao segundo filho, João coloca-o numa posição de escolha “*ou ir trabalhar ou vou-te meter na tropa*”. Sobre o último filho, o mais novo “*o irmão lá de Inglaterra, optou-se por mandar buscar o outro*”. É neste momento que introduz em cena o seu filho Filipe, voltando á ideia de ele se mudar para Inglaterra.

O tema muda novamente. Aqui, retoma à sua filha Alexandra, a procuradora no Ministério Público. Descreve muito brevemente o percurso dela, até se situar no essencial. João, por meio de projeção, “*se fores inteligente como eu vais ser juíza, concorrer ao ministério público*”, pretende que a filha concorra a um “alto cargo”. Aqui deparamo-nos outra vez com o mesmo enunciado que descrito no início da narrativa: a relação com o Outro (dentro ou fora do círculo familiar) é colocada em moldes assimétricos (ou de poder?), donde um é colonizado e o outro colonizador. Neste contexto, João refere que “*esse advogado (ideia de alguém que ordene no trabalho de outrem) nunca te vai deixar seguir ou poder deixar-te expandir acima dele, vai te tapar o buraco, porque ele já lá está!*”. É interessante observar que João coloca-se neste lado de alguém *que comanda*, que neste caso, torna-se claro que “ordenou” a filha a concorrer ao respetivo cargo. A ideia circunscrita à profissão de advogado, expressa neste excerto da narrativa, no contexto profissional da filha, é de alguém que está a “*trabalhar para um escritório, para poderem sobreviver e esses nunca vão sair dessa plataforma daquele escritório porque o próprio advogado não vai deixá-lo... subirem por mérito próprio (...) quem está à frente, não deixa os outros passar*”.

Após notar algumas referências da sua outra filha, a Diana, esta sendo o oposto da sua irmã Alexandra, João aponta o facto de que as suas *“filhas gostam”* dele, *e o meu filho também, o Manuel e este que eu também mandei buscar já me agarrou também*. Sobre esta passagem, introduz novamente o assunto do Filipe, referindo que *“este merece muito mais cuidado porque... não viveu comigo. Só agora é que começou a ter relações de pai para filho, comigo. (...) é preciso ir (...) com calma, mostrar o caminho, essas coisas, para ele também não descuidar. Uma pessoa veio de África... se agente não o puser muito... controlá-lo muito”*. João aqui parece *identificar-se* com a condição do filho, este que vem de longe e requer um maior cuidado. Neste sentido o fornecer qualidades de vida superiores (modificar esta frase), *“tênis de marca nos pés, camisa de marca”* não é forma de educá-lo, porque (os irmãos) *“já estão-lo a estragar!”*. Sobre este panorama, João evidencia outra vez o mesmo movimento: introduz a temática do seu mal-estar físico, sobre uma condição de finitude: *“na minha família morrem muito cedo. O meu pai morreu cedo, o meu avô morreu cedo. A minha mãe morreu cedo. A minha irmã morreu cedo com cinquenta e cinco anos, a mais velha”*; de novo, menciona os problemas que o condicionam, *“problema renal (...) problema de AVC (...), imobilidade nos membros inferiores e superiores (...), problemas da próstata*.

Já no final da sua narrativa, refere que *“uma pessoa tem que ter cuidado, para educar os filhos, para explicar ‘olha, não faças isto, senão mais tarde vais sofrer’”*. Sobre este pano de fundo, compreende-se que João procura dar continuidade de si-mesmo nos filhos, sendo, portanto, uma espécie de *extensão de e para os filhos*. Sobre esta questão é necessário realçar algumas características: no discurso de João, observamos uma idealização de algumas personagens que o constituem, sendo estes principalmente aqueles que se deslocaram para Inglaterra e, especialmente, a sua filha Alexandra. Sobre os seus próximos, ele aparece numa posição que ele *“(co) manda”*, sendo ele o que melhor sabe para a vida dos que o rodeiam (numa lógica quase de omnisciência). Este movimento de encaminhar os filhos para um *outro sitio* é um mecanismo de reparação, no sentido em que não conseguindo reparar-se internamente, tenta reparar o que está os elementos que se encontram exterior. Aqui reflete-se uma condição de fragilidade de si-mesmo, que faz com que se valorize no papel de pai e que vá sendo expresso por mecanismos antidepressivos. Mais ainda, valorização que encontramos em João é fruto, como fora percebido em análise da sua narrativa em grupo, de uma tomada de consciência à qual se apropriou.

B. Análise dos Grandes Temas

Após a análise da narrativa feita em grupo, é possível elaborar os movimentos mais flagrantes que percorrem todo o seu discurso. Sobre estes grandes temas, serão falados os seguintes: Um Cá e Lá – Integração de um Lugar; Transmissão dos imagos parentais e as características da identidade.

Um Cá e Lá – Integração de um Lugar

Em João surge uma problemática relativa à identificação do seu lugar de origem, ou seja, a estrutura originária do lugar que o próprio ocupa, sendo-lhe concedido por um lado, e apropriado pelo próprio, por outro. Deste modo, encontramos ao longo da sua narrativa algumas passagens que hipotetizam esta ideia.

João coloca-se entre dois lugares, entre Portugal e Guiné, mas de uma forma particular: a não-pertença nem de um lado nem do outro; um impasse sobre o lugar que o remete, em primeira e última instância, à sua identidade. Sobre esta consideração, sabemos que João *nasce na Guiné* e muda-se para Portugal. Sabemos pouco o que o caracteriza num ou noutro lugar. Na Guiné, aquando adulto refere que *“fiquei lá a trabalhar também, a aguentar o resto da família”*, que vem na consequência da morte do pai. Também como consequência de um acidente de viação que leva à morte de três pessoas, a mãe infere a sua vinda para cá: *“tu também vais para Portugal”*.

Sobre este pano-de-fundo, coloca-se a hipótese se esta saída da Guiné não ser elaborada como uma expulsão relativamente à sua origem. Desde a sua mudança, visitou três vezes a Guiné, chegando (como fora referenciado anteriormente) a afirmar que *lá ninguém o conhecia e “era também [como a rapariga da Costa do Marfim] um estranho”*. Para além disso, sabemos que João fora casado com uma São-Tomense, dois quais geraram vários filhos. Sobre estas características, compreendemos um movimento de aproximação, de apropriação aos elementos culturais que o constituem. João é guineense, e procura formas de se aproximar, de alguma forma, a este apanágio. “Verifica-se que, por vezes, a migração provoca uma quebra acentuada, implicando uma perda do contexto cultural e a função de sustentar deste quadro.”

(Bouche-Florin et al., 2005). Coloca-se como hipótese se não é este o movimento desempenhado por João: a procura deste seu contexto cultural.

Em segundo lugar, surge a relação com este seu filho Filipe, no qual podemos significar algumas características mais salientes. Filipe é o único filho de Filipe nacional da Guiné; é também o único filho que não viveu em relação próxima com este pai (conheceram-se e vivem desde abril de 2016, que até à data da entrevista são seis/sete meses). Sobre uma herança filiativa, é passível observar que este filho remete a João um conjunto de significantes inseridos dentro desta temática. Se para João, a Guiné é um lugar estranho, um lugar escuro, Filipe é a expressão caracterizante, no sentido em que é gerado de uma “mãe-desconhecida”, num “país-desconhecido”. João sente uma estranheza perante este filho, por efetivamente por não o conhecer, mas também porque perpetua esta condicionante na relação:

“Na Inglaterra tem mais capacidade de aprender língua, Inglês, porque hoje na vida já se viu... uma pessoa que não sabe inglês, francês, já começa a patinar”; “Não sabe falar inglês é como não falar nada!”; “Se for novo para Inglaterra, estudar lá na Inglaterra ele já vai, tenho a certeza, vai saber falar inglês”

“Eu estive na Inglaterra e não sei falar inglês”; “É muito difícil aprender inglês quando estou a lidar com portugueses, porque ali falamos só a nossa língua”

“Mas com a criança é diferente. As crianças chegam e já conseguem lidar melhor que o adulto...”

O colocar este filho em Inglaterra, onde irá falar uma língua que o próprio desconhece é reforçar o desconhecido entre ambos; é originar uma língua que não é comum aos dois na e para a relação. Sobre a questão da Inglaterra *per se*, João apresenta também algumas características que são de importância significativa.

Para ele, o *cá* não é suficiente: é preciso enviar os filhos para um sitio melhor.

“se a nacionalidade [portuguesa] do meu filho sair, eu vou mandar o miúdo para a Inglaterra”; “Arranjar trabalho aqui em Portugal (...) é difícil, portanto é melhor rumares para Inglaterra!”; “Se... for agora para Inglaterra, tenho certeza que terá mais capacidade de concluir o curso o mais rápido possível”.

Neste seguimento concluímos que a questão de pertença a um lugar, a este lugar em Portugal não é suficientemente bom, sendo necessário ir *para um outro lado*, este lado, que é melhor. Aqui reforça-se a ideia de que João movimenta-se num sem-chão, entre lugares clivados, na

idealização de um outro lugar sempre melhor que este. Esta questão cinge-se, em parte, à sua identidade cultural, a uma parte de si que ficou condicionada a uma Guiné-estranha, desenraizadas. "A situação migratória, o desenraizamento, o rompimento com o quadro tradicional [provocam] muitas perturbações e problemas psíquicos" (Bouche-Florin et al., 2005).

Transmissão dos Imagos Parentais

Sobre este último grande tema, é necessário abordar um outro assunto primeiro para se compreender, na íntegra, a referência aqui colocada sobre a transmissão dos imagos parentais, pois esta temática surge na narrativa do João de uma forma muito subtil.

Sobre a transmissão, Kaës (1993) refere que “a preocupação pela questão da transmissão psíquica corresponde essencialmente a uma tentativa de tratar um problema narcísico”. Em Faimberg (1993) “a identificação é um tipo de ligação entre as gerações, [e] o objeto de identificação é ele mesmo um objeto histórico” (Faimberg, 1993). Mais ainda, é no sujeito que se traduzem um conjunto de variações ontológicas vividas num presente, através de uma recapitulação passada e uma construção futura. Este percurso histórico caracteriza-se pelas cargas simbólicas que encontram uma origem não meramente subjetiva, mas também transgeracional.

Neste sentido, encontramos na narrativa de João esta transmissão derivada dos pais que se encontra aliada às representações materno e paterna. Para Piva (2009) “sem (...) transmissões, o sujeito, além de não ser sujeito como tal, não poderia realizar seu próprio fim”, sobre este assunto, é possível compreender algumas linhas sobre a questão do transgeracional.

Deste modo, observamos num primeiro momento a questão da época colonial, pertencendo a um período de vida seu, mas principalmente dos seus pais. Denota-se que para João a questão dos estatutos é importante (significativa): “*saiu de professor, foi... como chefe dos correios*”; “*tiveram que deixar esses altos cargos para dar os cargos aos novos governantes*”; “*o meu pai foi funcionário de Estado na altura, na época colonial*”. Aqui, encontramos uma perseverança na imagem paterna. Mais ainda, aquando refere que “*não [o pai] vinha para Portugal porque não fez mal... as pessoas que estavam lá não tinham o problema de (...) ninguém lhe prendeu*”. Sobre esta característica compreendemos que João *cola-se ao estatuto do pai*, por intermédio de idealização positiva. No entanto, por identificar-se ao povo

colonizador, não é indicativo identificar-se ao imago paternal, pois este, como foi compreendido em análise, *não ocupa um lugar*, como o João.

Sobre a mãe, denotamos a existência de uma presença mais presente, embora não seja suficiente para caracterizar na íntegra a representação. *João transmite o lado da mãe (o que a mãe fez com ele, ele também faz com os filhos)*, ou seja, a função da mãe outrora passou por “*mandar os filhos*” para Portugal, tal como João manda os filhos para Inglaterra. Neste lugar, tomado como clivado que João se coloca, é também um lugar transmitido pela mãe, sendo esta a provocar o movimento futuro de João para com os filhos.

A transmissão psíquica é realçada aqui, por meio do transgeracional. Este conceito, diferente da transmissão intergeracional, caracteriza-se “fazendo-se no sentido descendente, através das vias de comunicação verbal e das suas particularidades estruturais (fenómenos do não-dito)” (Golse, 2014). O elemento transmitido não é pensando, sendo apenas refletido na realidade externa como, também, elemento de regulação psíquica interna. Desta forma, é elaborado o seu (não-) lugar de pertença: através da dinâmica da relação de objeto interna. Dito de outro modo, João concebe no seu espaço psíquico duas imagens: a imagem da mãe que dirige os seus filhos para um respetivo sítio e o pai, que indiretamente é colocado no papel de colonizador, tal como João se identifica. Em suma, encontramos um objeto em João constituído por “duas-faces”, que modelam as vivências que têm vindo a ser descritas até agora.

Aspetos da Identidade

Através das considerações sobre um lugar de ausência inscrito e através da representação dos ímago parentais em João, conseguimos realçar alguns aspetos sobre a identidade que é formada e formulada, parcialmente, pelos grandes temas previamente abordados. Por outras palavras, João coloca-se diante do Outro (este Outro bastante específico como veremos) sobre um papel de domínio. Este papel ao qual o sujeito se inscreve é disposto como uma expressão sobre uma herança transgeracional que João recebeu relativamente ao seu lugar de origem. Para ele, existe um desfasamento entre lugares, no sentido em que, *cá não é bom-o-suficiente*, enquanto *lá é tido como melhor (“se for agora para Inglaterra, tenho a certeza que terá mais capacidade de concluir o curso (...) em Inglaterra dá essa hipótese (...) Inglaterra dá essa possibilidade (...) Aqui não (...) Aqui demora-se muito”)*.

Assim, através deste lugar que fora concedido a João, integrado na representação e transmissão dos imagos parentais, compreendemos que João se relaciona de igual forma como se relacionaram com o próprio.

Em primeiro lugar, João coloca-se no papel de colonizador, por meio de *identificação à representação do pai*, no qual este ocupava um “alto cargo” na época colonial. Sobre a sua mãe, compreendemos que movimentara os filhos para *fora da Guiné*. Através destes dois dados, reparamos que João relaciona-se com os filhos de forma semelhante. A partir do seguinte enunciado “*a minha mãe veio para aqui [Portugal] tratar das coisas. Conseguiu a reforma e depois foi para a Guiné e começou a trazer os filhos pouco de cada vez. Começou a mandar os filhos, um por cada vez (...) a minha mãe então ‘Tu também vais para Portugal’. E então vim para Portugal e até hoje estou cá*”, João age da mesma forma, ao mandar os filhos (principalmente para Inglaterra):

“os meus filhos, além da parte dele. ... a mais velha está na Inglaterra, caso, já disse, que se a nacionalidade do meu filho sair, eu vou mandar o miúdo para Inglaterra”;

“Ficou comigo [filho da sua companheira, seu enteado], estudou, formou-se e depois disse ‘olha, arranjar trabalho, aqui em Portugal (...) vai ser difícil, portanto é melhor rumares para Inglaterra!’” “O irmão lá de Inglaterra, optou-se por mandar buscar o outro [para ir para Inglaterra também]

“Tenho lá o meu irmão [em Inglaterra]”.

“Se for para Inglaterra, tenho a certeza que terá mais capacidade”.

Esta característica encontra-se bastante vincada em toda a narrativa de João. Observamos que através deste lugar ausente, que lhe foi concedido e donde este se apropriou, João tenta fornecer o mesmo lugar, sob forma inconsciente aos seus descendentes. Neste sentido, o lugar que João concede aos seus é um lugar incerto, um lugar que o fora transmitido e integrado na sua identidade como um traço seu, único. Assim, este papel de colonizador toma como forma um domínio sobre o Outro, uma tentativa de imposição fruto de uma não-conciliação deste lugar em si-mesmo. Por outras palavras João, através de mecanismos de identificação projetiva, procura reparar no Outro o que em si não é possível restaurar.

2. Cristóvão Cabral

A. Análise da Narrativa

É solicitado inicialmente a Cristóvão para “*falar um pouco como é ser guineense e viver cá...*”, remetendo, logo em primeira instância para uma questão identitária. Cristóvão começa por descrever que veio para Portugal em 1979, com idade de doze anos, permanecendo cá a estudar até ao terceiro ano do curso geral, correspondendo atualmente ao 3º ano. Em 1985, quando tinha idade de 18 anos, Cristóvão volta para a Guiné, referindo-se ao *boom* de consumos de canábis e estupefacientes “*por todo o lado*” e optando por “*não consumir químicos*”. Salientamos aqui, em análise de grupo que em Portugal encontrava-se em risco, no sentido em que não teria caminho, e, portanto, decide voltar “*para ao pé dos seus pais*”. Dito de outro modo, encontramos uma perseveração egóica neste movimento de Cristóvão.

Nesta altura, já reinstalado na Guiné, Cristóvão começa a trabalhar, entrando “*no mercado de trabalho*” referindo-se: “*com o que eu já tinha cá [Portugal] já me dava mais valências para trabalhar, entrar no mercado de trabalho lá [Guiné]*”, sendo esta uma forma de poder fazer alguma coisa de diferente na Guiné. Seguidamente refere que como ajudante, trabalha para o cunhado, sendo este funcionário público alfandegário, executa “*trabalho de mecanografia [donde fizera dois anos de mecanografia em Portugal], preencher formulários, aprender algumas... uh... leis alfandegárias e essas coisas.*”. Posteriormente fora **aliciado** por uma outra pessoa, esta que oferecia melhores condições de trabalho (“*fui trabalhar para ele, mas não só porque ele aliciou-me, mas porque o meu cunhado não me dava também margem porque não me aumentava... assim... não tinha, não dava valor ao trabalho que eu tinha para com ele. Ele ganhava muito e pagava pouco.*”). O termo que Cristóvão coloca, aliciado, parece interessante, remetendo para uma lógica de transgressão.

Mudando o seu trabalho, Cristóvão começa então a trabalhar como “*responsável de vendas*” (“*eu importava combustíveis, baterias eletrólitos (...) pneus recauchutados*”). Aquando a empresa “*evolui*”, entram “*na cena de exportação, de castanhas caju, coconuts, óleo de palma*” fazendo com que Cristóvão evoluísse “*na hierarquia*”, ficando como “*um dos encarregados do armazém*”. Durante quatro anos trabalhou neste sector até o abandonar, visto que o seu chefe não cumprira com a sua promessa: “*eu tinha direito a xis percentagem de cada valor exportado e ele falhou por duas vezes (...) eu cumpro sempre com a minha palavra. Deixei-o. Fui trabalhar para um amigo meu que era também importador*”. Após este

trabalho para o amigo, volta a trabalhar para o ex-patrão: *“foi me recuperar outra vez, para eu voltar a fazer campanha outra vez para ele e fiz a última campanha que ele não pagou”*. Denotamos no discurso de Cristóvão um elemento de grupalidade (característica que encontramos evidente nas culturas africanas) relativamente ao trabalho, ou seja, estes trabalhos que Cristóvão vem retratando são sempre por mão de outrem. Neste sentido, Cristóvão não constrói por si próprio, estando sempre presente a associação com estes Outros. Após apresentar este retrato laboral, Cristóvão incide sobre o tema do pai. Em primeiro lugar, refere que ele é português, para depois refazer o que evidencia, dizendo que não é português (*“o meu pai é português (...) o meu pai (...) não é português”*). Aqui, explicará a história dos seus avós.

“Eu sou neto de um governador, lá de uma bijagosa antiga capital, o governador ‘chonchina’ (...) ele era o Simão J. B. (...) e a minha avó (...) o que é que aconteceu? Apareceu grávida. Apareceu grávida do governador. Coisa que ainda não sei se foi de livre consentimento ou se foi imposição (...) e com orgulho ele quis perfilhá-lo, mas ela não quis porque era solteira e tinha um filho e se fosse dito que tinha filho com um governador, seria uma chacota na altura (...) ela não quis... então ela registou como sendo António Cabral, porque ela é Antonina Cabral (...)”.

O avô, compreendemos, é português, dado o registo histórico em que a Guiné se encontrava na altura, governado por portugueses (*“Cabo-Verde é ocupada por na altura pelos portugueses”*). A avó, esta é cabo-verdiana, *“mestiça”*. Sobre a questão do nome do pai, iremos realçar posteriormente quando Cristóvão regressar mais aprofundadamente ao tema.

Sobre este pai, no entanto, sabemos que *“trabalhou na administração. Trabalhou como professor. Mas como português na antiga Guiné portuguesa”*. Mais significativo no seu discurso, vem quando Cristóvão *esbranquiça* o pai (*“porque o meu pai é branco. É branco... para se ter duas pessoas para se ter um branco.”*), no sentido de validar a questão de uma identidade portuguesa. Neste movimento, compreendemos paralelamente que Cristóvão tenta suprimir o lado materno, da avó, ao colocar este seu pai como branco e português, quando não é formalmente assim. Sobre a questão *de onde é o pai*, compreendemos que Cristóvão entra num registo de incerteza, no sentido em que se confunde com esta inscrição do pai: *“todo o mundo era português...e, no entanto, isso foi alargando e veio a independência (...) quando se deu a independência, o povo português se retirou e os guineenses se tornaram*

independentes... os guineenses que quiseram ser guineenses ficaram como guineenses! E o meu pai era um dos tais guineenses que... (...) Pela cabeça dele se foi pelo pai... pelo governador que não foi registado por ele (...) ele faleceu e... faleceu já português”.

Reside a questão: de onde é que este pai é então? No sentido que remete para uma questão da sua dinâmica psíquica interna, aquando Cristóvão fala do lugar do pai (onde ficamos sem compreender na essência se é cá [Portugal] se é lá [Guiné]) está ao mesmo tempo a referir-se a si-mesmo: de onde é que Cristóvão realmente é, onde é que se inscreve ele mesmo?

Após esta referência circunscrita a uma representação parental, Cristóvão volta à questão laboral. Aquando a morte do pai, houve um amigo seu que o arranjou uma *entrevista na TAGB* (Transportes Aéreos da Guiné-Bissau). Pela sua experiência, que ele refere por intermédio do amigo (*“falas várias línguas, tens uma boa caligrafia. Já sei que tens muita experiência. Vai lá que eu apresento-te o meu diretor comercial e... ele precisa de seis pessoas!”*). Cristóvão volta ao discurso do meio laboral de uma forma abruta, no sentido em que se movimenta entre este *cá* e *lá* muito labilmente: num momento refere-se a lá, noutra momento refere-se a cá (fala da altura dos seus avós, para falar do seu pai português; fala do pai que faleceu já português para voltar a falar dos seus trabalhos na Guiné). Parece existir uma confusão entre lugares que o constituem: este cá e lá encontram-se muito próximos, quase indiferenciados. Esta situação encontra-se associada há confusão expressa entre a sua representação paterna e a sua própria identidade. São duas confusões que até agora encontramos em Cristóvão de uma forma bastante vincada.

Neste trecho sobre o seu trabalho, começa por referir que fora selecionado como chefe de escala, no aeroporto, por ter sido o melhor (*“quiseram ficar comigo na escala. Uh, chefe de escala. Disseram que tinha aptidão para chefe de escala”*). Logo de seguida, refere que fora para a área comercial primeiro: *“venda de emissão de bilhetes, de passagem, entre várias outras coisas.”*. Posteriormente, refere que foi o *primeiro na área comercial*, que quando era suposto voltar para a escala, o seu chefe refere-se: *“não, eu preciso de ti aqui, na área comercial. Já vi que o que tu tens eu preciso aqui na área comercial, que é a porta de entrada para a companhia”*. Sobre estas questões, facilmente se torna confuso situarmo-nos no seu discurso (onde é que Cristóvão estava, para onde foi, onde é que era suposto ficar, aqui, na questão do seu trabalho) sendo uma expressão confusa que, o grupo de análise, a integra não compreendeu realmente.

Posteriormente, Cristóvão refere que compra uma mota “*para poder facilitar a minha saída da cidade para o aeroporto*”. Logo a seguir, começa por explicitar um acidente de aviação que resultou na morte de um dos pilotos, de João Bernardo Vieira, filho do presidente Nino Vieira. Sobre este acidente, Cristóvão descreve algumas considerações, principalmente sobre a homenagem que fizeram a este piloto, para depois referir o acidente que ele teve, nesse mesmo dia.

“fui atropelado na estrada, por um jipe, em mil novecentos e noventa e oito. Dia sete de abril de noventa e oito, fui atropelado na avenida principal, onde eu tinha a minha prioridade, estava a subir de mota e veio um jipe de lado... partiu-me esta perna direita toda. Os ossos, a clavícula. Tive, uh... tive que ser evacuado. Se não fosse evacuado nesse momento... tive sorte”

Sobre esta descrição, Cristóvão desvia o assunto para a comissão executiva constituída por vinte e cinco pessoas (ele incluído): fora esta equipa que o resgatara do acidente pois, refere ele conseguiu “*a simpatia de toda a companhia porque era um ótimo funcionário e (...) tinha um desenvolvimento muito grande na companhia (...) havia a companhia toda, naquele momento, aquelas vinte e cinco pessoas em cima de mim naquele momento para resolver o problema*”. Para Cristóvão, se não fossem estas pessoas a resgatá-lo, não teria tido sorte. Esta nomenclatura à volta do resgate é saliente no seu discurso: Cristóvão coloca-se/encontra-se em situações onde é necessário resgatá-lo. Primeiro, encontra-se a trabalhar, mas existe um Outro que o resgata para um trabalho melhor; os pais morrem, e um Outro também o resgata; aqui, tem um acidente e são estas pessoas que o resgatam. Nesta sua expressão das situações, Cristóvão realça esta característica de colocar no Outro o resgate para si-mesmo. Também referente ao pai, no qual este fora privado de uma ligação com a Guiné-Bissau pela avó, Cristóvão resgata-o, colocando-o então num lugar de pertença portuguesa. Sobre este movimento, será tratado mais adiante.

Ainda sobre o acidente, Cristóvão vai descrever minuciosamente o processo do acontecimento, iniciando-se primeiro nas questões precárias no momento do ocorrido: “*porque se não saísse de Bissau, tinha que ser amputado, e se eu fosse amputado aí, ganharia uma gangrena qualquer porque nem... nem agua oxigenada tinham para limpar, para estancar, nem nada coser (...) não me conseguiram estancar o sangue lá na Guiné*”. Posteriormente, refere-se ao processo de mobilizá-lo para Portugal: “*enviar-se o passaporte nesse momento para a embaixada, conseguiram o visto nesse momento, o bilhete de*

passagem não era problema”. Até à chegada do avião, passar-se-iam quatro horas após o acidente. Já cá, aquando chega pelas sete/oito horas da noite, levam-no para o Hospital São Francisco Xavier: *“chegamos ao hospital [ele e a sua irmã] e estive lá ainda umas duas horas sem ninguém me tocar. Depois mandaram-me para a ala, ‘isto não é para aqui, é para a ortopedia do Egas Moniz’*. Sobre a sua condição Cristóvão afirma que *“aquela madrugada (...) dar um sedativo, porque eu já tinha acabado os brufen’s todos do avião e tinha as mantas do avião, enchidas de sangue... deitei imenso sangue e... depois no dia seguinte não puderam tocar. Só começaram-me a dar soro e não sei quê, a fazer exames. Não podiam tocar porque tinha cascalhos! (...) o acidente é uma coisa horrível”*

No entanto, há uma referencia essencial no discurso de Cristóvão sobre esta questão do acidente: apesar da sua identidade se encontrar num impasse, suspensa entre este cá e lá, Cristóvão coloca uma referencia (corporal) de ser africano: *“Oh senhor Cristóvão [diz o Dr. Miguel] o diagnóstico que eu tenho aqui é uma amputação, mas eu não vou-lhe amputar a perna. Eu sei que vocês africanos têm uma constituição assim muito forte. Eu vou tentar juntar os ossos todos num respetivo lugar e vamos ver durante uns tempos (...) se não há nenhuma complicação com infeções”*. Neste sentido, há uma condição que o remete para uma identidade africana.

Neste seguimento, refere as consequências trazidas por este acidente: *“diagnosticaram-me uma insuficiência diurética (...) diagnosticaram-me insuficiência renal (...) você vai ter que fazer diálises para o resto da sua vida”*. Sobre este assunto, Cristóvão faz diálise durante sete anos, até ao momento em que é chamado para uma cirurgia de transplante renal. Sobre esta expressão, compreende-se que, aquando Cristóvão se refere à diálise (*“tirar as impurezas, limpar as impurezas do sangue, as toxinas, as toxinas que ficam a mais, o que o rim deveria eliminar”*) refere-se, em conteúdo latente, a uma herança familiar que o caracteriza. Por outras palavras, a história que Cristóvão reconta sobre o envolvimento dos seus avós – um português e uma cabo-verdiana – coloca-o num lugar familiar que lhe concedido e donde não sabe onde se colocar. Assim, as *impurezas do sangue, as toxinas* são elementos que expressa para metaforizar uma condição da qual é problematizada. Esta questão surgirá novamente e será discutida com maior incidência.

De seguida Cristóvão irá debruçar-se sobre o viver com a irmã e trabalhar na Iberlim. Ficamos a conhecer neste trecho que este trabalho ajudava Cristóvão a sustentar os dois filhos que vivem na Guiné (*“tenho mulher e dois filhos que eu deixei para trás, inclusive, quando a*

deixei dia sete de abril ela estava de oito meses do meu terceiro filho. Que era uma menina, que veio a falecer porque houve um golpe de estado dois meses depois.”). Sobre esta questão, Cristóvão não voltará a falar, suscitando a ideia de que esta altura do golpe de estado (*“circunstancia de guerra. A guerra ainda durou uns bons tempos ali na Guiné. As pessoas a correr de um lado para o outro, e o meu cunhado e umas pessoas minhas que também faleceram...”*) foram uma situação traumática. Posteriormente, Cristóvão volta a falar de cá (*Uh... eu estou cá e... nessa altura*) no qual encontramos novamente este movimento lábil, uma fronteira entre cá e lá muito ténue.

A seguir relata o tema de uma *“uma bela moça”*, no qual veremos ser simbólico da representação sobre o feminino que Cristóvão integra dentro em si. Sobre esta *moça* refere o seguinte: *“uma bela moça, uma morena e gostei dela uh... que as coisas bonitas sempre trazem problemas (...) é sempre assim uh, a inveja. Quando tens coisas bonitas, coisas que se tem que ter inveja... as pessoas têm inveja.”*. De seguida refere-se ao David (o seu filho mais novo, de sete anos). Esta passagem, por um lado remete para a transmissão do lugar que Cristóvão coloca no filho, associada há representação que este tem do feminino. (*“eu não quero que o meu filho cresça assim”*); por outro lado remete a uma insuficiência na ordem do nascimento do filho, donde *Cristóvão dá aquilo que tem*. Após esta referência, volta ao assunto da *moça* (*“eu fui viver com essa pessoa. Encontrei-a com quatro crianças. Uma situação que... não por gostar tanto dela que eu gostava dela, mas a compaixão que eu tive para com os filhos”*). Refere que esta mulher *“o impôs um filho”* (*“lá insistiu tanto até que apareceu com um filho (...) não, [ela] queria um filho meu”*) que foi retirado logo à nascença. Após ser-lhe solicitado uma continuação do tema, Cristóvão refere que fica assunto para uma outra altura, debruçando-se então sobre a condição da sua origem.

Aqui, Cristóvão afirma que é um *“português estrangeiro”*.

“Sim, eu sou um português estrangeiro, quer queira quer não, sou português estrangeiro. Seja ele que tenha violado ou não com o consentimento da minha avó... sou um português, corre aqui, na minha veia. É o sangue do meu avô que corre aqui na minha veia. E, no entanto, não vejo... vejo muitas barreiras só por ser imigrante, sou estrangeiro... não é imigrante. Eu não considero imigrante. Eu faço parte deste planeta, não sou nenhum imigrante. Quando eu sair daqui para outro planeta eu considerarei-me um imigrante. (...) no planeta não há fronteiras. O ser humano criou fronteiras.”

Este trecho é substancialmente importante. Cristóvão coloca a sua identidade aliada aos acontecimentos ocorridos entre os seus avós. São eles que irão formular uma inscrição filiativa na identidade de Cristóvão. Neste sentido, é importante frisar algumas considerações. A primeira prende-se com esta sua avó, que como já salientamos anteriormente, coloca o pai de Cristóvão desvinculado a uma identidade paterna (devido ao seu nome, “António Cabral”). Neste movimento, donde Cristóvão identifica-se à problemática identitária do pai, salientamos que este fica, portanto, hipotecado por devido ao gesto da avó: aqui encontramos um fantasma familiar associado a uma proibição da pertença portuguesa. Em segundo lugar, Cristóvão diz que é um português, reivindicando um lugar que não lhe pertence. Associamos em grupo sobre esta questão, concluindo que Cristóvão *reside num não-lugar [Portugal], este sendo preferível do que ficar num lugar (um lugar de pertença) inscrito pela a avó*. Em terceiro lugar, esta condição (“*o ser humano criou fronteiras*”) é representativo, novamente, da primeira inscrição no não-lugar: é esta avó que cria a *primeira* fronteira em si-mesmo; esta primeira fronteira que o condiciona a pertencer num espaço que não pode ocupar.

A partir daqui, Cristóvão começa a congeminar num cenário muito do plano fantasioso (que levará a ser representativo destas condições que o caracterizam): “*Há Ordem Mundial há... isto é meu: nós somos daqui, nós mandamos aqui, tu não podes entrar aqui, ou tu podes entrar, mas tens que fazer isto, isto e aqueloutro*”. Aqui encontramos novamente uma referencia sobre o lugar de onde, apesar de nunca lhe ser concedido, fora expulso pela avó, ou seja, esta Ordem Mundial é referente a um cenário indizível, inconquistável do qual Cristóvão não consegue escapar. Seguidamente, ainda no mesmo plano: “*porque os únicos extraterrestres somos nós. Nós não somos de cá. Ainda não descobrimos (...) nós não muitas coisas que temos aqui, o que é que está aqui há volta de nós, por baixo de nós (...)*”. Sobre este trecho, hipotetiza-se que Cristóvão seja um estranho em si-mesmo (neste caso um estrangeiro como um extraterrestre), estando-lhe vinculadas dimensões (inconscientes) que o próprio não acede, que são enformadas devido a este fantasma transgeracional.

São estas as lições que Cristóvão quer transmitir também ao seu filho (“*Ordem Mundial (...) isto é o que nós temos, é a lei animal... é assim, a forma como eu penso a vida, sobre a minha vida, sobre a vida comum... eu tento ensinar o meu filho isso*”), evidenciando logo de seguida quem são estes seus filhos, para além do mais novo (“*eu tenho um filho de 23 anos. Tenho outro com 22, não, 21, vai acabar agora, vai entrar para a faculdade (...) são dois (...) sem a minha presença, cresceram, porque nunca mais pude voltar*”). Cristóvão clarifica os motivos (“*alheios à minha vontade*”) para nunca mais ter regressado/voltado à Guiné: “*eu não me*

aventuro, sou um transplantado renal, não vou aventurar assim de aqui ir à Guiné-Bissau e apanhar uma infeção por lá! Ou apanhar paludismo (...) são todas infeções e eu não posso apanhar nenhum tipo de infeção. Tenho que estar imaculado (...) que o estranho, se assimile ao meu corpo". Sobre este trecho, encontramos novamente a mesma ideia deste *cá e lá*, mas com uma nova característica. Este *lá* [Guiné] *parece ser um risco de vida*, donde não se pode ver confrontado novamente, enquanto este *cá* parece ser melhor. Dentro desta proposição é possível remeter a questão à sua identidade: uma identidade que não encontra lugar no seu lugar de origem, enquanto este seu outro lugar, este *cá*, é passível de existir.

Na sequência, Cristóvão recapitula as questões em torno dos *extraterrestres*, no qual já analisamos, para conseqüentemente referir-se ao campo laboral e associar à moça (anteriormente referida). Aqui começa por referir que *"basta o trabalho não estar bem que a casa não está a funcionar bem!* Sobre este preambulo Cristóvão introduzir mais aprofundadamente o tema desta rapariga:

"as coisas não começaram a funcionar bem (...) desleixou-se, não queria fazer nada, não limpava a casa, não fazia nada... e eu disse «Oh, chega! Um dia vou-te deixar (...)» (...) dei-lhe umas bofetadas... não lhe maltratei, não lhe fiz nada. É o nervo (...) a obrigação dela era mesmo isso, os filhos são dela (...) Isso era uma coisa que me fazia confusão, muita confusão, e eu tive que a abandonar".

Neste trecho de entrevista é observável que o discurso se torna confuso pelas explicações que vai fornecendo. Estes elementos de confusão conduzem a pensar que para Cristóvão, esta mulher (reflexo da sua representação do feminino) tem uma carga fulcral na sua vivência, que o condicionam em certos aspetos. Daqui parte para o David (seu filho mais novo), que foi retirado aos *três anos* (embora fiquemos na dúvida sobre a altura da retirada da criança, pois Cristóvão referencia anteriormente que ele tinha sido retirado à nascença), não ficando então com o pai (*"eu realmente fui viver com ela porque, para poder salvaguardar o meu filho e retiraram-no no hospital."*). Prosseguindo, Cristóvão coloca em evidência uma parte da convivência que tinha com esta mulher. Ficamos aqui sem perceber onde é que o David vive (*"retiraram-na o David. Aos três anos (...) fui buscar o menino aos seis meses (...) o menino vinha passar os fins-de-semana comigo"*). Estas sobreposições temporais denotam, outra vez, uma confusão mental sobre os elementos que constituem a realidade externa.

Cristóvão refere-se, no seguimento da entrevista: *"num belo dia ela telefona-me a chorar e dizer 'Ah, tiraram-me o menino! E eu disse 'olha o que é que eu posso fazer? Não posso fazer*

nada... nada mesmo. Porque ela logo de maldade, arranjou alguém, para ocupar o espaço. Fez mal”. Sobre esta passagem, a temática que se sobressai está associada a uma ocupação do espaço, associada há questão do feminino. Como já averiguamos anteriormente, Cristóvão apresenta uma representação do feminino muito vincada (pesada) associada à sua avó cabo-verdiana.

Cristóvão de seguida faz alusão à sua condição: “sou africano... a cultura, o respeito às pessoas... eu tenho o conhecimento europeu que também... é capacidade de, de assimilar e fazer as coisas como deve de ser.”. Sobre esta passagem, torna-se evidente esta tentativa de conciliação sobre os lugares que o caracterizam, esta suspensão entre dois mundos que remetem para a construção de uma identidade integra. Após esta passagem, Cristóvão refere-se a elementos opostos que encontra na sua ex-mulher (a moça): “não tínhamos nada em comum. Era o polo negativo com o polo positivo, não, não... não dava (...) se eu gostasse de manga, ela não gosta. Se eu gostasse de morango, ela já não gosta.”. Estes elementos de cariz oral poderão ser um reflexo da constituição da representação do feminino. Por outras palavras, fora através da sua avó que se constitui uma associação face ao feminino e, como já tivemos oportunidade de averiguar, a sua avó surge como um elemento de *contradição* face ao seu lugar de origem. Logo de seguida, Cristóvão refere-se a “elas” donde, em análise de grupo, surgiram dúvidas face a quem seriam estas “elas”, ficando associado a esta ideia de representação do feminino sugerida acima (“nestes dias que estavam a criar um problema que eu voltei para elas e não sei que mais... isso mexeu com a minha cabeça, bastante. Tive que ser um bocado bruto com elas na conversa. Elas perceberam realmente que não devem acusar as pessoas sem terem conhecimento”).

Após esta passagem, Cristóvão vem referir-se ao seu filho David, por um lado face a esta sua mulher, por outro, face a Cristóvão: “não lhe dou hipóteses nenhuma de ver a criança (...) para passar os fins-de-semana com ela... não vai ter, não vai ter nada (...) ele não vai ter contacto mais com ela, e ele também já não quer, que ele já percebeu. Ele é uma criança e fala bem (...) só quando não quer. Ele é casmurro, mas é uma criança muito inteligente. Ele não se esquece de nada, ele grava tudo (...) está a escrever... está a treinar a caligrafia já (...) e assim, vamos ajeitando-nos os dois (...) ele estava aqui, só que aqui não vai mudar o que eu quero, e é assim... é a associação da minha terra. Eu pus-lhe aqui para ver se ele também podia ganhar algumas coisas acerca da minha terra. Eu falo da Guiné, isso e aqueloutro. Quer ir à Guiné, ver os irmãos (...) conhecer a terra do pai.”. Sobre esta passagem é possível referenciar uma característica: este seu filho é tido como um

prolongamento narcísico de si-mesmo, no sentido em que expressa por um lado a recusa desta mãe na sua vida, ao qual é visível o mesmo movimento no filho (este filho também não quer); por outro lado, por o colocar nas mesmas instâncias culturais das quais são atributos do pai.

Posteriormente, Cristóvão vem referir-se á doença que tivera enquanto criança (*“tive pólio aos nove meses, quando comecei a andar. Comecei a andar aos nove meses e de repente voltei a gatinhar outra vez. Tive pólio... paralisia infantil... isso em mil novecentos e sessenta (...) e oito e... comecei a gatinhar de novo, tive febres”*). Aquando a análise em grupo da narrativa, foi evidenciado o facto de Cristóvão discursar de um modo particular: sobre esta temática, fica claro que as suas problemáticas não se expressaram à sua segunda mudança para Portugal (quando ele descreve o acidente de mota na Guiné); pelo contrário, denota-se a sua raiz já desde a sua infância, donde os problemas corporais se começaram a denotar.

Cristóvão encerra a narrativa realçando alguns pontos sobre a temática da mudança: *“podia ser outra pessoa [a moça]. As pessoas mudam. As pessoas dizem que não mudam, mas as pessoas quando querem mudar, porque a atitude, por mais que sejas (?) mau e quê, vais ter que saber esconder essa parte. Todos nós nascemos mau.”* Sobre este trecho, o grupo em análise considerou que Cristóvão remetia para um tempo que o antecede. Por outras palavras, surge uma expressão de um objeto transgeracional que fora transmitido a Cristóvão e que encontra um conteúdo muito ligado ao lugar onde ele se encontra. Como foi sendo realçando sobre o lugar de Cristóvão (um lugar que é um não-lugar), denotamos aqui que nele é necessário esconder essa parte (*“porque nós nascemos com aquele espírito animal mau, é mau. Nós somos animais como esses que apareceram (...)”*). Este objeto transgeracional encontra-se de forma muito vincada (senão violenta) em Cristóvão, no qual veremos agora nos Grandes Temas.

B. Análise dos Grandes Temas

Far-se-á uma abordagem aos grandes temas de Cristóvão, estes que por sua vez são enquadrados nos mesmos analisados em João. Embora estes grandes temas tenham o mesmo nome, iremos compreender que são vivenciados de forma diferente e contendo, portanto, uma inscrição na dinâmica psíquica muito diferente que aquela observada em João.

A inscrição ao lugar que observamos em Cristóvão é de cariz problemático. No sujeito encontramos uma inscrição a um não lugar de origem, advindo de um lugar que a avó concedera, primeiro, ao pai. Assim, esta avó, concebera o pai de Cristóvão, “expulsando” da equação o seu avô, Simão J. B.. Este último queria “perfilhar” o filho, não sendo possível por encargo desta avó. Assim, o pai de Cristóvão tem o nome de António Cabral devido ao nome de Antonina Cabral. Ficamos a compreender que Antonina queria circunscrever este seu filho exclusivamente à sua linhagem, a uma filiação matriarcal (de cariz feminino, como se tornará claro no discurso de Cristóvão). Dito de outro modo, a filiação paterna não está presente no pai de Cristóvão, que por sua vez é também uma filiação portuguesa. Esta é a herança que Cristóvão recebe, em forma de objeto transgeracional. Neste sentido, encontramos no seu discurso primeiramente as referências à origem do seu pai: *“Ela apareceu grávida. Apareceu grávida do governador. Coisa que ainda não sei se foi de livre consentimento ou se foi imposição (...) com orgulho ele [o avô] quis perfilhá-lo, mas ela não quis. (...) E essa caboverdiana que vinda de ilhas bijagós, era mestiça”*; *“o meu pai é branco. É branco... para se ter duas pessoas para se ter um branco (...) é... o meu pai é branco e, no entanto, eu acho que ela não quis”*. Sobre esta questão do pai, ficamos a saber então que este é colocado numa filiação materna exclusivamente. Ao avô de Cristóvão fica um lugar ausente sobre o que diz respeito ao seu filho.

Cristóvão prossegue sobre a questão da independência da Guiné, e que sobre este registro, o pai é colocado agora numa filiação portuguesa: *“trabalhou como professor. Mas como português da antiga Guiné portuguesa! (...) o povo português se retirou e os guineenses se tornaram independentes... os guineenses que quiseram ser guineenses ficaram como guineenses! E o meu pai era um dos tais guineenses, ali, por orgulho, por patriotismo (...)”*. Aqui é necessário referenciar dois pontos. O primeiro ponto refere-se à questão de a independência colonial poder estar associada a *uma independência da filiação materna*. Cristóvão coloca o seu pai como português após este acontecimento, podendo então, deste modo, estar a deslocar a inscrição para um *outro lado*. Em segundo lugar, está presente uma confusão sobre a questão identitária do pai, este que é português, mas depois é guineense e donde Cristóvão irá referenciar logo a seguir a condição identitária do seu pai portuguesa: *“Ele optou por ir buscar a minha mãe, para vir viver o resto da vida aqui [em Portugal]. Aconteceu que ele faleceu. Ele faleceu e... faleceu já português”*. Esta confusão sobre a

condição do seu pai é manifesta de uma *identificação* de Cristóvão à condição de origem. Por identificação considera-se um “processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspeto (...) um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa” (Laplanche & Pontalis, 1970). Assim, quando Cristóvão se refere ao seu pai, está ao mesmo tempo a expressar a sua confusão com o seu lugar de origem.

Posteriormente no seu discurso, Cristóvão vem referir-se como sendo “português estrangeiro”. Esta é característica reporta à representação do seu lugar: *“sou um português estrangeiro, quer queira quer não, sou português estrangeiro. Seja ele que tenha violado ou não com o consentimento da minha avó... sou um português, corre aqui, na minha veia. É o sangue do meu avô que corre aqui na minha veia (...) vejo muitas barreiras por ser imigrante, sou estrangeiro... não é imigrante (...) quando eu sair daqui para outro planeta eu considerarei-me um imigrante. Imigrar para um espaço que eu não conheço”*. Fica claro nesta passagem que a inscrição colocada sobre si-mesmo reenvia para um tempo que o precede: é este avô que o torna português; é esta avó que o torna estrangeira e que, ao mesmo tempo, “impôs fronteiras” sobre a sua condição (*“nós é que criamos fronteiras (...) o ser humano criou fronteiras”*). É deste modo que Cristóvão encontra-se num lugar-não-lugar, ou seja, num lugar que não é seu, que o torna estrangeiro, devido a um fantasma transgeracional assujeitado pela sua avó.

Transmissão dos Imagos Parentais

O segundo grande tema a ser aqui explorado será a transmissão dos imagos parentais, particularmente os elementos masculinos e femininos inscritos numa linhagem familiar encontrados em Cristóvão. Este grande tema constitui-se essencialmente devido às características que o mesmo vai expressando ao longo da sua narrativa, acoplado ao conteúdo das representações ligados à sua avó, ao seu avô, ao seu pai e à sua mulher, a “moça”.

Foi possível observar na análise da narrativa que surge, de uma forma bastante vincada, os imagos associados ao seu avô, e principalmente, à sua avó, nos quais estes últimos serão futuramente tidos como um marco representacional que inscrevem os vários elementos femininos e as relações que Cristóvão irá desenvolver com estas figuras femininas.

Deste modo, após a análise do grande tema da inscrição do lugar, encontramos que a sua avó cabo-verdiana colocara o pai de Cristóvão numa filiação exclusivamente materna, desta forma excluindo-o da linhagem paterna, que neste caso, inscreve-se numa filiação portuguesa. Sobre este dado, observamos em Cristóvão uma *identificação* a este seu pai, no sentido, em que a problemática sobre o seu lugar de origem é a mesma. Desta forma, foi observado em análise uma representação aos imagos paternos que conduziram Cristóvão a uma inscrição deste lugar onde ele se encontra: um lugar no não lugar. Em primeiro lugar, estes imagos são representações por um lado, deste Portugal, e por outro, de África, transmitidos então por esta avó e por este avô.

Deste modo, é possível formularmos algumas considerações sobre o tema. Cristóvão condensa em si-mesmo esta representação filiativa que advém da sua avó, e que conseqüentemente, o colocam num lugar face ao feminino. Por outras palavras, esta transmissão psíquica condensa então, por um lado, uma inscrição ao lugar de origem e por outro, um modo de funcionamento de relação-objetal. Esta característica sobre as relações objetais encontra-se expressa nas relações que Cristóvão vai desenvolvendo com as figuras femininas e que, neste sentido, o lugar que ocupa face a estas figuras (*“porque ela logo, por maldade, arranjou alguém, para ocupar o meu espaço”*).

Em Cristóvão encontramos, neste sentido, uma representação do feminino bastante possante, indiciando que, sobre esta representação, as relações são vivenciadas com uma certa turbulência. Para ele, este feminino é formulado quase de uma forma homogênea, no sentido em que as mulheres são olhadas e/ou integradas, mais ou menos, de igual forma: após referir-se à moça que desenvolvera uma relação amorosa, Cristóvão prossegue falando sobre elas (nas quais não foi possível compreender em análise a quem este se referia): *“nestes dias que estavam a criar um problema que eu voltei para elas e não sei que mais... isso mexeu com a minha cabeça, bastante. Tive que ser um bocado bruto com elas na conversa. Elas perceberam realmente que não devem acusar as pessoas sem terem conhecimento.”*. Mais ainda, relativamente a esta moça, Cristóvão refere o seguinte: *“quando tens coisas bonitas, coisas que se tem que ter inveja. As pessoas têm inveja”*. Sobre este trecho, é possível que para Cristóvão exista, portanto, algum elemento inscrito no feminino que o próprio não condense dentro de si-mesmo.

Outro trecho que parece ser relevante sobre estas questões é o seguinte: *“não por gostar tanto que eu gostava dela, mas, a compaixão que eu tive para com os filhos (...) não queria ter*

filho. Lá insistiu tanto até que apareceu lá com um filho". Esta passagem parece remeter há relação que Cristóvão refere relativamente aos seus avós, ou seja, no sentido em que existe sobre estes sujeitos (ele e o avô), um domínio dos respetivos (ela e a avó): o avô queria perfilhar o filho, a avó não deixa, Cristóvão não queria um filho, mas a rapariga "*apareceu lá com um filho*".

É a partir destes imagos ligados à sua filiação que Cristóvão condensa em si, percebemos que são estes os elementos que pretende transmitir ao seu filho: "*ele não vai ter contacto mais com ela, e ele também já não quer, que ele já percebeu e assim, vamos ajeitando-nos os dois (...) ele estava aqui, só que aqui não vai mudar o que eu quero, e é assim... é a associação da minha terra. Eu pus-lhe aqui para ver se ele também podia ganhar algumas coisas acerca da minha terra. Eu falo da Guiné, isso e aqueloutro. Quer ir à Guiné, ver os irmãos (...) conhecer a terra do pai*". Deste modo, depreendemos que este posicionamento face à mãe de Filipe é expresso por um desejo que o seu filho integre o mesmo. Relativamente à Guiné, ao introduzir um lugar seu, é ao mesmo tempo atribuir este seu lugar ao filho, ou seja, de alguma forma, transmiti-lo.

Características da Identidade

Como último grande tema, realçamos algumas expressões características da identidade em Cristóvão. Sobre estas expressões, observamos que não encontram grande paralelismo com os grandes temas anteriormente abordados, embora seja revelado ao longo de toda a sua narrativa. Neste sentido, foi possível identificar, em análise de grupo uma característica bastante saliente, a qual denominaremos como "a título de resgates".

Sobre esta expressão, foi observado ao longo da sua narrativa que Cristóvão coloca-se na posição de "resgatado", no sentido em que é preciso um sujeito Outro que o "salve" da situação onde se encontra. Enquadramos esta característica num ciclo repetitivo de Cristóvão, no sentido em que é possível identificar frequentemente e em situações diferentes, esta situação. Em análise de grupo, compreendemos que esta condição acarreta um sentido cultural muito característico.

Para ser compreensível esta característica, exploraremos mais detalhadamente o que significa esta condição de resgate que aqui se retrata. Cristóvão ao longo da sua narrativa vai

apresentado algumas situações (principalmente, aquelas que dizem respeito ao meio laboral) e quais as dificuldades associadas a estas. Em termos gerais, Cristóvão evidencia uma situação, justapondo uma forma sair dela por meio de Outro. Identificamos um trecho logo no início da sua narrativa que evidencia esta característica: *“optei por ir trabalhar nessa altura. Já tinha o meu cunhado, que era um funcionário público das alfandegas (...) arranjou-me trabalho como ajudante. (...) fui aliciado por outra pessoa que era um importador/exportador que fazia os trabalhos de despacho (...) ele ofereceu-me mais condições para ir trabalhar para ele (...) fui trabalhar para ele, mas não só porque ele aliciou-me, mas porque o meu cunhado não me dava também margem porque não me aumentava. (...) não dava valor ao trabalho que eu tinha para com ele”*. Sobre este trecho observamos que existe uma contiguidade entre situações que expressa, donde este Outro é um elemento-chave na passagem de um sítio para outro. Mais adiante, refere outra situação, manifestamente semelhante: *“depois desse trabalho como... voltar para o empreendimento... não gostei. (...) houve um amigo meu que (...) um dia disse-me ‘olha temos uma entrevista na TLGB... se quiseres aparece lá.*

Seguidamente, Cristóvão expressa então como fora “resgatado” do acidente de mota, sendo a expressão mais patente sobre esta característica identitária: *fui atropelado na estrada (...) naquele momento, aquelas vinte e cinco pessoas todas em cima de mim naquele momento para resolver o problema da... porque se não saísse de Bissau, tinha que ser amputado (...) Uh..., no entanto, conseguiu-se isso tudo (...).*

Através destes trechos, consideramos que Cristóvão coloca-se nesta posição de “resgate”, onde o Outro é fundamental para possibilitar a passagem de um sítio para outro. Neste sentido, Cristóvão não se encontra num registo de produzir algo para si e por si próprio, em situações que remetam para situações concretas.

DISCUSSÃO

Após a análise das narrativas e a abordagem aos grandes temas tanto de João como de Cristóvão, é possível prosseguir para uma análise psicanalítica mais detalhada dos constituintes que foram expressos como mais salientes destas. “A psicanálise oferece um quadro que, não só leva a biografia a sério, mas também as contradições onde as vidas são enigmáticas (...) a psicanálise, com a sua noção nuclear de inconsciente dinâmico, consegue concetualizar as ações das pessoas tanto inconscientes como conscientes, motivadas ou conflituais” (Hollway & Jefferson, 2000). Assim, através de um quadro teórico psicanalítico tentar-se-á formular um pensamento mais compreensivo sobre as dinâmicas que modelam a dinâmica psíquica dos sujeitos, sobre os temas da identidade, deste *cá e lá* tão característicos e os objetos transgeracionais que carregam consigo. Embora este estudo não se apresente inscrito numa natureza de estudo-comparativo, parece importante realçar alguns elementos que os sujeitos apresentam em comum e outros que os distinguem.

Antes de mais, são dois participantes com idades mais ou menos próximas, (49 e 59 anos), atingidos por uma história de um passado colonial entre Portugal/Guiné: embora não seja o tema mais abordado nas narrativas apresentadas, é observável o forte impacto deste acontecimento sobre as questões identitárias. Depois, averiguamos as várias referências apresentadas sobre as respetivas genealogias familiares: Cristóvão por um lado, com familiares ancestrais portugueses e africanos (Cabo-verdianos) e João, por outro, descendente de portugueses e de guineenses. Encontram-se mais alguns elementos em comum, mas o foco aqui não é compreender os elementos que possam estar em semelhança; pelo contrário, é uma tentativa de compreender através dos traços elementares, descritos e prescritos na realidade, como os sujeitos constroem a sua narrativa, sempre única e singular em si-mesmo. Neste sentido, denotam-se alguns temas que são comuns nos dois sujeitos, tais como a problemática da inscrição num lugar de origem e os elementos constitutivos das representações paternas (diferindo como iremos ver de uma forma substancial) e é neste sentido que se considera interessante fazer uma abordagem sobre estes aspetos.

A apropriação do lugar de origem, sobre este *cá e lá*, é possivelmente o ponto chave sobre as questões que incidem neste trabalho. Relativamente a esta temática, encontramos uma problemática, um impasse sobre a elaboração psíquica destes lugares que se enquadram nos

dois sujeitos, estes que cada um à sua maneira, constituem uma característica particular sobre a sua origem.

Fethi Benslama explora algumas destas considerações sobre este *cá e lá*. Para o autor, “um [destes lugares] indica o direito onde se encontra aquilo que fala, o lugar concreto, o *hic latin*; o outro termo é advérbio, um local absoluto que designa uma presença que excede a localização psíquica e para fora dela. É essa excentração que dá ao lugar como o lá para ser, o qual encontra uma ocorrência disjuntiva. A clivagem é por consequência entre o local e o lugar, entre o Eu e a função do sujeito, como sujeito que e-xiste [*ex-siste, em francês*] fora dele. Estamos diante de um paradoxo: a doença do exílio é a perda do de-fora! (Benslama, 2004). Mais, “descobrimos então, que desde sempre, a questão da falta do lugar e do exílio, é a essência ela própria da questão do homem, na sua busca incessante daquilo que lhe dá abrigo, contra a errância e o esquecimento, o que lhe permite transmitir qualquer coisa, que não é simplesmente um traço do passado, um legado, mas sim uma transmissão de um futuro” (Benslama, 2009). Sobre estes sujeitos observamos que “não se debatem entre as polaridades do cá e do lá (...) mas com a impossibilidade de estarem psiquicamente num lugar” (Benslama, 2004), estando assim “numa procura desesperada de um lugar” (idem.). Neste sentido, é possível enquadrarmos os sujeitos desta dissertação sobre as considerações referidas pelo autor. Em **João**, a problemática que recai sobre Portugal e Guiné transparece através deste lugar de ausência como observamos na análise dos dados e dos grandes temas. Nele existe um sem-lugar, este lugar que foi concedido (proferido) essencialmente pela sua mãe. O lugar do pai não transparece na narrativa e considera-se, neste sentido, que a apropriação deste lugar esteja enquadrado substancialmente a partir e/ou através da sua mãe. Em **Cristóvão**, a apropriação do lugar é sentida substancialmente diferente que em João. Cristóvão habita um lugar que não pode ser vivido, nem onde lhe cabe uma apropriação deste lugar de origem. Em primeiro lugar, devido a um recolocar por parte da avó relativamente ao pai, no qual este fica ausente de uma filiação portuguesa e somente inscrito numa linhagem materna/africana. Neste sentido, Cristóvão identifica-se com este lugar do pai.

Sobre este enunciado, Benslama (2009) refere que “a não equivalência entre o aqui e o lá mostra que todos os avatares na clínica do exílio, quando os sujeitos estão condenados durante anos, a estar aqui sem estar lá, sem conseguir estabelecer a concordância entre o espaço onde se encontram e o lá de onde são.”.

Penso que, para além das considerações expressas no âmbito da apropriação dos lugares, no sentido psíquico, é pertinente realçar uma outra questão: os pais e avós de João são

portugueses, à exceção da sua avó materna, oriunda da Guiné. Cristóvão tem pai africano, sobre a mãe não fora expresso qualquer referência no contexto da entrevista; a avó cabo-verdiana e avô português. Ambos os entrevistados apresentam raízes tanto portuguesas como africanas e neste registro é necessária uma especial atenção sobre estes dados. Sob o pano de fundo entre relação destes países, encontramos uma questão, que ambos os sujeitos realçaram: o colonialismo português; uma Guiné-Portuguesa. Sobre esta condição penso que será interessante realçar algumas notas do livro intitulado *Black Skin, White Masks (1952)*, de Frantz Fanon e transpor para um sentido psicanalítico. Neste sentido, no início do seu livro, o autor elabora duas afirmações. “Na primeira [afirmação], ele estabelece a natureza patológica da situação colonial que se origina e se articula em dois desejos distintos, mas interligados: ‘o Homem negro quer ser branco. O Homem branco está desesperando a tentar atingir a posição de homem’ (pp. Xiii). Na segunda afirmação, Fanon afirma a centralidade da psicanálise para uma crítica do colonialismo; de facto, para Fanon ‘só uma interpretação psicanalítica do problema negro pode revelar os transtornos afetivos responsáveis por esta rede complexa’ (pp. Xiv).” (Burman, 2016). Esta condição de negro ou branco é referida pelos dois sujeitos, de formas substancialmente diferentes. Em João, a questão surge logo com a descrição do seu pai (“*o meu pai é mesmo branco*”) para depois fazer menção ao seu filho mais novo, este que não podia ficar com a sua mãe porque o seu noivo não queria (“*não posso casar com um bebé branco porque, ele é filho de branco. Ele é negro, mas é filho manchado*”). Em Cristóvão observamos referência a esta característica primeiro relativamente à avó (“*era mestiça, já! Cabo-Verde é ocupada na altura pelos portugueses*”), depois ao seu pai (“*o meu pai é branco. É branco... para se ter duas pessoas para se ter um branco*”) e finalizando com o seu filho (“*o meu filho como é moreno, de portuguesa, tem esta cor⁴*”). Considero que estas referências se traduzam, no latente, às afirmações acima descritas de Fanon: aqui, a questão da cor prende-se com a questão da apropriação aos seus lugares de origem, no sentido em que os sujeitos se tentam enquadrar num lugar, num lugar de filiação portuguesa e, portanto, paterna, ou num lugar de filiação africana, portanto, materna.

Sobre estas considerações, podemos observar que estas circunstâncias amplificam (independentemente de serem causas ou consequências) o sentimento desconcertante face à identidade, à forma de olhar para si-mesmo. As questões que se inscrevem tanto em Cristóvão como em João sobre este lugar encontram reflexões próprias dentro do âmbito psicanalítico,

⁴ Conheci o Diogo na Associação Aguinens o. Apresenta uma tez “mulata”.

mas parece fundamental, aqui, que este ambiente histórico possa veicular um exacerbamento sobre esta questão do lugar, deste *cá e lá*.

Em suma, as questões da apropriação de um lugar psíquico, a um lugar de origem, encontram-se difundidas, tanto em João como em Cristóvão, vividas e expressas de formas substancialmente diferentes.

Um segundo ponto inscrito neste capítulo surge de forma a conter o tema da transmissão psíquica, de forma integral. Serão discutidas, neste momento, algumas ideias sobre os imagos paternos e os objetos transgeracionais.

Antes de mais, foi considerado a ligação entre os dois temas por uma questão de adaptação às características que foram mais salientes nas narrativas. Por outras palavras, tanto em João como em Cristóvão denotou-se que as representações associadas aos seus familiares modelaram fortemente a sua estruturação da identidade e que estas representações estão também elas ligadas a objetos transgeracionais, ancorados na dinâmica psíquica, de formas diferentes, nos dois sujeitos.

Relativamente às representações, estas podem ser conceptualizadas, como afirmam Laplanche e Pontalis (1970): “a representação seria antes o que o objeto se vem inscrever nos ‘sistemas mnésicos’”. Da representação podemos definir imago que, para os mesmos autores define-se “como ‘representação inconsciente’; mas deve ver-se nela, em vez de uma imagem um esquema imaginário adquirido, um cliché estático através do qual o indivíduo visa o outro (...) acresce-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real” (Laplanche & Pontalis, 1970).

Os imagos que observamos nos dois sujeitos reúnem características particulares, no sentido em que estes ligam-se, de alguma forma, a objetos transgeracionais. Assim, são estes imagos que se transpõem, de alguma forma, nos objetos transgeracionais e como é observável, tanto em João como em Cristóvão, irá existir uma continuidade para os seus descendentes. Sobre o conceito de imago, adicionamos, desta forma, que sobre ele existe uma herança familiar. Como Freud refere em *Moisés e Monoteísmo*, “a herança arcaica do homem não abrange somente as disposições, mas também os conteúdos, os traços mnésicos relativos à vivência das gerações anteriores” (Freud, 1969). Desta forma, é possível enquadrar nesta temática, sobre os imagos aqui referenciados, o conteúdo psíquico enquadrado em forma de herança transgeracional.

Em Cristóvão colocou-se anteriormente a hipótese de que fora através da sua mãe que este se *recolocou* no seu lugar, encontrando-se assim, lugar ausente. Esta condição advém das relações objetais que Cristóvão engloba na sua dinâmica: por um lado identifica-se com o *lado paterno*, no sentido de identificar-se ao povo colonizador; por outro lado, transmite o lugar que foi concedido pela mãe, aos seus descendentes. Sobre esta formulação relativa à identificação paterna, encontramos alguns trechos no seu discurso: “*Chefe de X. na altura colonial (...) quando se deu a independência as coisas mudaram. Mudaram novos elementos com o regime (...) onde estão as pessoas que estavam a ocupar aqueles altos cargos, tiveram que deixar esses altos cargos para dar os cargos aos novos governantes*”; relativamente a esta transmissão da mãe, observamos essencialmente no seguinte trecho: “*a minha mãe veio para aqui [Portugal], tratar das coisas. Conseguiu a reforma e depois foi para a Guiné e começou a trazer os filhos pouco de cada vez. Começou a mandar os filhos, um por cada vez. Veio a minha irmã, a Rosária, depois veio o meu irmão João, o Jojó, depois veio a filha e veio o meu irmão mais novo (...) depois eu fiquei lá [na Guiné] a trabalhar também, a aguentar o resto da família (...) [aquando tem o acidente de viação:] mas como os familiares das pessoas que morreram no carro ficaram com ódio de mim... evitar esse problema à minha mãe então ‘Tu também vais para Portugal’. E então vim para Portugal e até hoje estou cá*”. É desta forma que João, através deste funcionamento que o inscreve, elabora o mesmo movimento para com os filhos: “*os meus filhos, além da parte dele... a mais velha está na Inglaterra, caso, já disse, que se a nacionalidade do meu filho sair, eu vou mandar o miúdo para Inglaterra*”; “*Ficou comigo [filho da sua companheira, seu enteado], estudou, formou-se e depois disse ‘olha, arranjar trabalho, aqui em Portugal (...) vai ser difícil, portanto é melhor rumares para Inglaterra!’*”; “*Tenho lá o meu irmão [em Inglaterra]*”. Sobre este enunciado, é possível compreender que estamos perante um movimento de compulsão à repetição. Estes fenómenos “têm sempre qualquer coisa a ver com a ação” (Perron-Borelli, 1994), mais estas “condutas compulsivas entram então no quadro de ações para com os objetos investidos” (idem.). Esta transmissão (psíquica) é observável na sua relação com os filhos. Por outras palavras, através deste lugar que lhe é transmitido, João exerce o mesmo movimento para com os filhos (para com eles age de forma a que não possam permanecer cá em Portugal). Sobre este movimento, está associada uma compulsão à repetição: é neste sentido em que os imagos formados e formulados em João são considerados, em parte, como elementos de herança, e, portanto, transgeracionais.

O mesmo movimento é verificável em Cristóvão, embora a forma como elabore e transponha nas relações-objetais sejam substancialmente diferentes. Em primeiro lugar, observamos uma representação do feminino bastante vincada (quase violenta), oriunda da sua avó e que movimenta Cristóvão nas suas relações atuais. Sobre esta avó, já evidenciamos a questão filiativa: “*e com orgulho ele [o avô governador] quis perfilhá-lo, mas ela não quis (...) Uh, e ela não quis... então ela registou como sendo António Cabral, porque ela é Antonina Cabral.* Posteriormente, Cristóvão coloca este seu pai fora da filiação cabo-verdiana, inscrevendo-o numa filiação portuguesa: *ele faleceu e... ele faleceu já português*”. Sobre Cristóvão denotamos uma identificação ao lado paterno: nascendo lá, posteriormente inscreve-se numa linhagem portuguesa, aquando afirma que é um “*português estrangeiro*”. Esta questão da filiação em Cristóvão é possantemente característica. Neste sentido, poderá colocar-se como hipótese se esta inscrição filiativa não é colocada em moldes de uma identificação filiativa, no sentido em que Faimberg (1993) refere que “se a identificação é um tipo de ligação entre gerações, o objeto de identificação é ele mesmo um objeto histórico. A identificação inclui-se, necessariamente, nessa estrutura, como elementos fundamentais da história interna desse objeto.”.

A partir deste lugar em Cristóvão e esta identificação à filiação paterna originária pelo lado da avó, observamos que esta representação do feminino embate em várias considerações sobre a forma como o sujeito se relaciona atualmente, portanto, com elementos do género feminino. Em primeiro lugar, observa-se um grande impacto nesta forma de se relacionar com as mulheres que pertencem à sua esfera relacional, ao ponto do seu discurso se tornar confuso aquando Cristóvão toca nestas temáticas. Deste modo, Cristóvão expressa que tinha uma mulher e dois filhos na Guiné (“*tenho mulher e dois filhos que deixei para trás, inclusive (...) ela estava de oito meses do meu terceiro filho. Que era uma menina (...) a minha única filha que eu tinha, faleceu aos dois anos*”) depois, faz referencia a uma rapariga que conheceu cá em Portugal (“*Trabalhava e vi uma bela moça, uma morena e gostei dela... que as coisas bonitas sempre trazem problemas é sempre uh, a inveja. Quando tens coisas bonitas, coisas que se tem que ter inveja.*”). Aqui permanece a questão: o que existe em Cristóvão para invejar, neste lado feminino?

Em seguida vai viver com esta rapariga e refere que “*não queria ter um filho. Lá insistiu tanto até que apareceu lá com um filho*”. A situação que aqui se coloca parece remeter à mesma história com os seus avós, mas de uma forma inversa: Cristóvão não quer filho, a mulher deseja; o seu avô quer perfilhar o filho, a avó não deixa. Paralelamente, parece

suscitar que Cristóvão, face a estas mulheres, coloca-se numa posição inferior, no sentido de se imobilizar perante elas (relativamente ao lugar de origem e sobre uma escolha de ter um filho). Neste sentido, parece suscitar que esta forma relacional se prende, como fora já referenciado, à representação que elaborou da avó. Neste sentido, “a posição feminina parece estar referida ao campo tanto da indiferenciação originária, quanto referida a uma suplementação que se impõe frente à limitação do universo fálico da representação, no qual o sentido nunca é suficiente para dar conta da vida.” (Melo & Pepe, 2011).

Posteriormente no seu discurso, Cristóvão volta a fazer referência a esta rapariga: *“num belo dia ela telefona-me a chorar e dizer ‘Ah tiraram-me o menino! E eu disse ‘olha o que é que eu posso fazer? Não posso fazer nada. Porque ela logo, de maldade, arranjou logo alguém para ocupar o espaço. Fez mal. Não tem hipóteses nenhuma, nunca mais. Aqui, coloca-se uma outra questão, sobre o ocupar o espaço que outrora ele preencheria nesta mulher: sobre este movimento, ao qual parece operar-se através da projeção, que lugar é que, para Cristóvão existe num lado feminino? Ainda sobre o mesmo tema, Cristóvão referencia as outras (às quais ficamos, em análise de grupo, sem compreender exatamente quem eram): “nestes dias que estavam a criar um problema que eu voltei para elas e não sei que mais... isso mexeu com a minha cabeça, bastante. Tive que ser um bocado bruto com elas na conversa. Elas perceberem realmente que não devem acusar as pessoas sem terem conhecimento.”* Desta forma, é possível verificar algumas características sobre este mundo representacional modelado em Cristóvão. Este imago que recai sobre o feminino, primeiramente produzido e elaborado sobre e pela avó relativamente à condição do seu lugar de origem, produz fortes consequências na dinâmica psíquica do sujeito. É a partir deste não-lugar que surge um outro não-lugar: a não-existência de si no Outro feminino. Sobre esta consideração, foi possível observar na forma como Cristóvão descreve o relacionamento com esta sua mulher (invejável), a ausência de referências sobre a sua mãe, o condensar as mulheres no termo “elas”.

Sobre este pano de fundo, observamos que Cristóvão transmite esta representação para o seu filho David: *“Agora já não lhe dou hipóteses nenhuma para ver a criança. (...) Não vai ter... ele não vai ter contacto mais com ela, e ele também já não quer, que ele já percebeu”*. Aqui considerou-se que este seu filho era circunscrito num prolongamento narcísico de Cristóvão (*“eu pus-lhe aqui para ver se ele também podia ganhar algumas coisas acerca da*

minha terra. Eu falo da Guiné, isso e acoloutro. Quer ir para a Guiné, ver os irmãos e não sei quê, conhecer a terra do pai”).

Entramos assim, na última parte da discussão, na qual pretende-se realçar algumas considerações sobre as questões identitárias. Após a abordagem à representação dos lugares de origem e passando pelas questões da transmissão psíquica, penso que é frutífero abordar esta respetiva questão: é através de esta herança psíquica e desta filiação que, em parte, o sujeito se constrói e se transforma. Aqui Kaës (1993) refere que “o grupo que nos precede (...) o grupo que nos sustém e que nos mantém numa matriz de investimentos e de cuidados, predispõe os sinais de reconhecimento (...) assinala os locais, apresenta os objetos, oferece maneiras de proteção e de ataque, traça as vias de completude, assinala os limites, enuncia os interditos.”. Mais, “não existe psique humana onde não se efetuem estas ações psíquicas, e é somente nestas condições que o sujeito utiliza a linguagem e a fala das gerações que o precedem, as predisposições significantes das quais ele herda e donde, em parte, ele se apropria do seu uso para os seus próprios fins.”.

Sobre este grupo é também necessário realçar o papel da cultura. Aqui, Carels (2004) refere que, “sendo um conjunto de atos e de representações, conscientes e inconscientes, a cultura oferece e/ou impõe as referências que permitem uma ancoragem identitária, dando um sentido que, sem ele, seria anárquico ou caótico”. Neste sentido, observamos que as expressões identitárias tanto de Cristóvão como de João passam pela inscrição de um não lugar e um lugar de ausência, pelos imagos representacionais de antecedentes familiares e que provocam um impacto tremendo na vida psíquica de ambos. Para além disso, os elementos reveladores de Portugal e Guiné são um elemento central na sua vida e na constituição identitária.

Assim, sobre os traços identitários que analisamos em João e Cristóvão, salientamos, respetivamente: uma compulsão à repetição sobre a realidade externa, advinda de uma transmissão psíquica dos imagos parentais que se refletem na relação com os seus descendentes; no segundo sujeito, a posição que ocupa face a um Outro, no qual este é tido como alguém que “resgata” Cristóvão das situações onde se encontra.

Sobre esta compulsão à repetição, na qual podemos definir como a “a expressão da lealdade do indivíduo aos seus objetos primários, independentemente da qualidade das interações atuais entre eles. A alternativa é um mundo sem objetos, que, de acordo com Fairbain, é um perigo psíquico máximo.” (Lazar & Erlich, 1996). No caso do João, penso também se

enquadrar o que Denzler (1994) refere sobre os atos compulsivos, como “o resultado de uma excitação que passa diretamente do inconsciente ao consciente, sem que ela esteja ligada a uma representação bem estruturada, ou seja, sem que esteja elaborada pelo Ego.”. Deste modo, este João exerce uma função de domínio perante o Outro, ligado a uma situação muito específica: enviar os seus filhos para um outro lugar, lugar este que é considerado como melhor em comparação a este cá (*“Na Inglaterra tem mais capacidade de aprender língua, Inglês, porque hoje na vida já se viu... uma pessoa que não sabe inglês, francês, já começa a patinar (...) Não sabe falar inglês é como não falar nada! (...) Se for novo para Inglaterra, estudar lá na Inglaterra ele já vai, tenho a certeza, vai saber falar inglês (...) Eu estive na Inglaterra e não sei falar inglês (...) É muito difícil aprender inglês quando estou a lidar com portugueses, porque ali falamos só a nossa língua”*). Através de um lugar concedido e sobre conceder um lugar, João vai repetindo o mesmo padrão, sob forma de mecanismo de reparação, mobilizando neste Outro, por meio de identificação projetiva.

Relativamente a Cristóvão, observamos então que sobre a sua expressão identitária, caracterizamos por esta colocação no papel de “resgatado”. Neste sentido, o sujeito coloca-se em situações que são colocadas sob um pano de fundo de “salvação”, ou seja, Cristóvão, aquando descreve situações da sua vida, maioritariamente inscritas sobre o meio laboral, coloca-se numa situação de impasse, na qual é necessário um Outro que o retire da situação. Esta passagem então só pode existir através de um outro (*“optei por ir trabalhar nessa altura. Já tinha o meu cunhado, que era um funcionário público das alfandegas (...) arranjou-me trabalho como ajudante. (...) fui aliciado por outra pessoa que era um importador/exportador que fazia os trabalhos de despacho (...) ele ofereceu me mais condições para ir trabalhar para ele (...) fui trabalhar para ele, mas não só porque ele aliciou-me, mas porque o meu cunhado não me dava também margem porque não me aumentava. (...) não dava valor ao trabalho que eu tinha para com ele”*).

Conclui-se neste sentido a discussão, na qual foram apresentadas as características mais salientes de cada narrativa dos sujeitos, inscrevendo-se as temáticas sobre a apropriação do lugar de origem, as questões sobre a Guiné-Portuguesa, a transmissão dos imagos parentais e por fim, os traços mais característicos da expressão das suas identidades.

CONCLUSÃO

É deste modo que se encerra a presente dissertação.

Ao longo dela, fomos explorando como é que os processos migratórios, nos quais nascem fortes vicissitudes, modelam e transformam a expressão identitária do sujeito. Aqui, o contexto cultural e todos os artefactos que dele emanam constituem-se como um elemento central na (re)estruturação da identidade.

Esta identidade é um conceito-chave na abordagem psicanalítica. Não obstante, procurou-se construir na presente dissertação uma nomenclatura conceptual, não sobre as teorias centrais que promoveram o debate sobre este respetivo tema, mas sim ter em conta como é que esta identidade é formada e formulada com o seu meio envolvente (aqui, expressamente com o universo cultural). Por outras palavras, a identidade envolve-se, embrenha-se nas expressões ditas e desditas, conscientes ou não conscientes da cultura, onde esta tem certamente um peso inescapável e irrevogável. Esta mesma cultura é, como descreve Lévi-Strauss (2003) “considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. Um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais se situam a linguagem, as regras matrimoniais, as relações económicas, a arte, a ciência, a religião”. Sobre estes sistemas, torna-se claro que também eles possuem como elemento nuclear a organização do social, a expressão de um anti caos coletivo. Assim, dito de outra forma, “a cultura é a soma de conhecimentos e de comportamentos que caracterizam uma sociedade humana. Ela permite aos membros da sua sociedade apreender o mundo e atribuir um sentido aos acontecimentos de uma maneira homogénea, fornecendo uma grelha de leitura transmitido implicitamente através de representações culturais comuns” (Baubet & Moro, 2000).

Para se chegar às formulações da identidade e das vicissitudes dos processos migratórios, construiu-se em torno delas as considerações mais significativas da etnopsicanálise: são estas as primeiras reflexões que calcam o terreno firme para aquilo que seriam as teorias posteriores na compreensão deste sujeito em relação com o mundo cultural. Desde a introdução dos primeiros pensamentos sobre a matéria – dando o legado a Freud – e finalizando com Devereux – este que constituiu como campo fecundo a etnopsicanálise –, foi possível compreender de forma mais transparente e clara como este processo migratório acarreta em si mesmo, ou consigo mesmo, desafios ao sujeito em viagem.

Deste modo, foi colocado como objetivo deste estudo aqui prestado: compreender com os migrantes as questões que eram vividas, ontem e hoje, no plano do concreto ou do real, como é que eram integradas as vivências e as dificuldades do percurso, de como fora experienciada esta conciliação de dois mundos culturalmente diferentes.

Através do método da Entrevista Narrativa em Associação Livre, procurou-se “oferecer” um espaço aos sujeitos para que pudessem construir a sua própria narrativa, evidenciando os dados mais relevantes da sua história, e as histórias mais salientes que os caracterizavam. Sobre este método, é importante realçar que sobre ele jaz a condição intersubjetiva: é na relação que é passível e possível uma construção de sentido sobre os significantes, é também nela que se compreende na essência, o que se procura evidenciar, quer de forma consciente ou inconsciente. Assim, as entrevistas foram, como refere Hollway e Jefferson (2000), “desenhadas de forma a que os entrevistados tivessem a primeira responsabilidade para estruturar o relato, gerando o seu conteúdo e movendo a narrativa daí em diante.”.

Sobre esta premissa, partira-se para o plano prático: *“gostava que me falasse sobre como é ser guineense e viver cá, em Portugal...”*. Daqui trilhará-se a inscrição no tema.

Através das narrativas, foi possível então encontrarmos alguns dados importantes sobre a condição de migrante, respetivamente para cada sujeito entrevistado. Em primeiro lugar, observou-se que é central a problemática da inscrição no lugar de origem e/ou no novo lugar: por um lado, em João a ausência deste lugar, uma suspensão entre cá e lá. Este lugar concedido primordialmente pela sua mãe, que o “expulsa” da Guiné, tornando a inscrição do lugar num espaço etéreo, num “lugar sem chão”. Em Cristóvão deparamo-nos com a inscrição num lugar que é um não-lugar. Através desta inscrição do lugar do seu pai na filiação materna (e neste caso, africana, cabo-verdiana), Cristóvão constrói-se, por meio de mecanismos de identificação, na mesma inscrição. Assim, quando afirma ser um estrangeiro, está também a solicitar a temática a este seu lugar estrangeiro: diz-se português por oposição à sua avó e consequentemente, encontra-se em permanência num não-lugar. Esta temática, ainda pouco explorada na literatura psicanalítica, é um reflexo primordial na conciliação de dois mundos – e num cenário último, será possível uma conciliação totalmente plena e íntegra destes mundos?

Em segundo lugar, averiguou-se a temática ligada à transmissão dos imagos parentais: em João, nomeadamente os imagos paterno e materno, donde se fez notar que a representação

ligada a este pai e a esta mãe foram propulsoras na forma como se faz relacionar com o mundo, e mais concretamente, com os seus filhos. Através deste objeto transgeracional que o coloca num sem-lugar, como pudemos observar, João repete o mesmo movimento para com os seus descendentes: a estes também é-lhes concedido uma dinâmica instável deste cá e lá, que neste caso, caracteriza-se em termos concretos, por este Portugal e Inglaterra. Em Cristóvão denotou-se um imago ligado ao feminino muito vincado, e em certa parte, violento. Esta representação gera-se pela sua avó paterna, que como vimos, penetra várias vezes no seu discurso. Sobre este imago, em formato de relação-objeto com um feminino, Cristóvão faz-se conduzir pelas relações que desenvolve com as várias mulheres que relata na sua narrativa. Estas são relações instáveis e dificultadas através desta carga escondida na representação do feminino que em si condensa.

Como último tema a ser analisado, os aspetos da identidade, foram realçadas então algumas características que mereceram ser abordadas neste estudo. Observamos então que através deste lugar, acoplado às representações parentais, João tenta transmitir e inscrever os seus filhos na mesma condição: estes também receberem uma herança de um sem-lugar, de um lugar de ausência. João repete então o mesmo movimento, aquele a que fora inscrito. Em Cristóvão observamos uma particularidade sobre a forma como se coloca, em certas situações, face ao Outro: em momentos relatados como quase-trágicos da sua vida, Cristóvão coloca-se em posição de onde “é necessário” ser resgatado. É sobre o outro que o sujeito procura sair de uma situação, para embrenhar noutra situação.

Deste modo, foi então possível observar e analisar as narrativas dos sujeitos e construir um no pensamento fecundo sobre as questões da identidade, através do método FANI.

Neste âmbito, foi também possível identificar que os dois sujeitos se inscrevem numa altura do colonialismo, numa Guiné-Portuguesa. Embora este dado seja expresso de forma ligeira nas duas narrativas que analisamos, pode-se compreender que fora um elemento de grande importância para a construção e expressão das suas identidades. Neste sentido, encontramos um vínculo muito próximo entre Portugal e Guiné, que poderá impactar de forma significativa as questões identitárias destes sujeitos. Sobre esta questão, e após uma reflexão pessoal, considerei uma hipótese, que, não obstante, caberia numa continuação do estudo aqui apresentado: a condição externa gerada pelo colonialismo provoca uma proximidade entre os dois respetivos países, e neste caso, é possível que se tenham afunilado consideráveis artefactos culturais e contribuído para a construção de uma história em comum. Para além

disso, esta mobilidade migratória é um circuito muito frequente, donde se observa uma grande rede de migrantes nacionais da Guiné. Com isto pretendo colocar a hipótese que este circuito migratório é particular de algumas vivências (não sendo exclusivo), e através desta proximidade entre países, é possível que se gerem algumas labilidades e confusões identitárias deste cá e lá. Posto isto, coloca-se a seguinte questão: como será com outros processos migratórios, donde este sujeito se encontra vincado a uma nacionalidade distinta? Será que se encontrariam os mesmos temas, ou pelo contrário, estas questões do lugar de origem são integradas de formas substancialmente diferentes?

De modo a terminar, considero que exista uma pertinência grande deste estudo, no âmbito da psicologia clínica, e este prende-se essencialmente com o seguinte: as mobilidades humanas tornam-se cada vez mais preponderantes nos discursos da atualidade e, no que diz respeito à prática clínica, encontramos ainda pouco material de estudo sobre estas temáticas. Deste modo, é importante debruçar-nos sobre elas e desenvolver estudos que contribuam, de forma construtiva, para uma prática clínica junto de migrantes mais fecunda, mais completa.

Por outro lado, este estudo – sobre o desconhecido – torna-se bastante claro no mundo da migração, mas como assim refere todo o conhecimento psicanalítico, o desconhecido está em nós também, esteja ou não fortemente marcado pelas circunstâncias da realidade externa. Por último, considero uma mais valia pelo fato de contribuir para os discursos em volta da psicanálise e da cultura, portanto, enquadrados no âmbito da etnopsicanálise, de forma a que se possam compreender as modalidades culturais na integração e na formação de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

- Ahktar, S. (1995). A third individuation: Immigration, identity and psychoanalytic process. *Journal of the American Association*, 43, pp.1051-1054.
- Arnoux, D. (1999). La conscience de l'identité. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, (4), pp. 1237-1250.
- Barros, M. L., & Bairrão, J. F. (2010). Etnopsicanálise: Embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11, (1), pp. 45-54.
- Baubet, T., & Moro, M. (2000). L'approche ethnopsychiatrique. *Enfances & Psy*, 4, (12), pp. 111-117.
- Benslama, F. (2004). Qu'est-ce qu'une clinique de l'exil? *Evol. Psychiatr.*, 69, pp. 23-30.
- Benslama, F. (2009). Exil et transmission, ou mémoire en devenir. *Le Français Aujourd'hui*, 3, (166), pp. 33-41.
- Bouche-Florin, L., Ayooso, J., Riand, R. & Moro, M. (2005). Dormir ici et ailleurs. Approche transculturelle du sommeil du nourrisson et de ses troubles. *Spirale*, 2, (34), pp. 151-164.
- Brettell, C. (2013). *Anthropology of migration: The Encyclopedia of Global Human Migration*. UK: Wiley Blackwell.
- Burman, E. (2016). Fanon's lacan and the traumatogenic child: psychoanalytic reflections on the dynamics of colonialism and racism. *Theory, Culture & Society*, 33, (4), pp. 77-101.
- Cabecinhas, R. & Nhaga, N. (2008) Memórias coloniais e diálogos pós-coloniais. Guiné Bissau e Portugal. In R. Cabecinhas & L. Cunha (Eds.), *Comunicação intercultural: Perspetivas, dilemas e desafios* (pp. 109-132). Porto: Campo das Letras.
- Calogeras, R. (1971). Géza róheim: Psychoanalytic anthropologist or radical freudian? *American Imago*, 28, (2), pp. 146-158.

- Dadoun, R. (1967). Avant-propos. In, G. Róheim (Ed.) *Psychanalyse et anthropologie*. Paris: Gallimard.
- Denis, P. (1999). Soi-même pour une autre, identité relative et identité absolue. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, (4), pp. 1099-1108.
- Denzler, B. (1994). Compulsion: de la répétition à la création. *Revue Française de Psychanalyse*, 2, (58), pp. 473-482.
- Deplechin, F. (2013). *L'identité dans l'exil. Clinique auprès de sujets migrants, la question de l'identité dans la psychanalyse* (Tese de Doutorado, Université Aix-Marseille, Marseille). Recuperado em <http://www.theses.fr/2013AIXM3050#>
- Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris: Gallimard.
- Devereux, G. (1981). A etnopsiquiatria. *Análise Psicológica*, 4, (1), 521-526.
- Di, C. & Moro, M. (2008). Conflit des cultures dans la constitution de soi: L'apport de l'approche ethnopsychiatrique. *Informations Sociales*, 1, (145), pp. 16-24.
- Faimberg, H. (1993). Le télescopage des générations. À propos de la généalogie de certaines identifications. In Käes, et. al (Org.). *Transmission de la vie psychique entre génération* (pp. 59-79). Paris: Dunod.
- Freud, S. (1961). On narcissism: An introduction. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 237-258). London: Hogarth Express. (Original work published 1917).
- Freud, S. (1969). Moisés e monoteísmo (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.) *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 15-67). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1939).
- Golse, B. (2014). Transmission, identité et ontogenèse psychique du bébé. Une histoire à double sense. *Revue Française de Psychanalyse*, LXXVII, (2), pp. 363-376.
- Greenberg, R. & Mitchell, S. (2003). *Relações de objeto na teoria psicanalítica*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio. Estudo psicanalítico*. Lisboa: CLIMEPSI.

- Heraudet, J. (2007). Quelques réflexions sur le groupe, et quelques documents pour échanges et partage d'expérience. Pourquoi le groupe? Ancrages théoriques. *Aren 80 Amiens*, pp.1-20.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000) Narrative, discourse and the unconscious. In M. Andrews, S. Sclater, C. Squire, & A. Treacher (Ed.), *Lines of narrative: Psychosocial perspectives* (pp. 136-139). London: Routledge.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. Em L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). California: Sage Publications.
- Hollway, Wendy and Jefferson, Tony (2009). Researching defended subjects with the free association narrative interviewing method. In J. Cook, S. Bhattacharya, A. Hardy (Ed.) *History of the social determinants of health: global histories, contemporary debates* (pp. 296-315). Hyderabad: Orient Black Swan.
- Hollway, W. (2010). Relationality: The intersubjective foundations of identity. In M. Wetherell, & C. Mohanty (Ed.) *SAGE Handbook of Identity* (pp. 216-232). London: Sage Publications.
- Käes, R. (1993). Introduction: Le sujet de l'héritage. In R. Käes, H. Faimberg, M. Enriquez, J-J. Baranes, (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération* (pp. 1-16). Paris: Dunod.
- Ladame, F. (1999). Une identité, por quoi faire? Ou l'imbrolio des identifications et de leur remaniement à l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, (4), pp. 1227-1236.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1970). *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Laplatine, F. (1978). *Etnopsiquiatria*. Lisboa: Vega.
- Lazar, R. & Erlich, S. (1996). Repetition compulsion: a reexamination of the concept and the phenomenon. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 19, (1), pp. 29-56.
- Levi-Strauss, C. (2003). Introdução. In M. Mauss (ed.), *Sociologia e Antropologia*. Brasil: Diversos.
- Linton R. (1977). *Le fondement culturel de la personnalité*. Paris: Dunod.

- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2005). Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In T. Féres-Carneiro (Org.) *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Mijolla, A. (1999). Histoire et préhistoire psychiques. L'intergénérationnel et ses fragments d'identité. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, (4), pp. 1109-1118.
- Nathan, T. (2001). *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris: Points.
- Oliveira, P. (2013). *Portugal e os seus imigrantes: perfis socioeconómicos no início do século XXI*. (Tese de mestrado publicada, FCSH- Universidade Nova de Lisboa). Recuperado em <http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/portugal-e-os-seus-imigrantes-perfis-socioeconomicos-no-inicio-do-sec-xxi>
- Paduart, P. (2004). Psychisme et culture. *Revue Belge de Psychanalyse*, (45), pp. 1-14.
- Paduart, P. (2008). De freud à devereux. Naissance de l'ethnopsychanalyse. *Revue Belge de Psychanalyse*, (52), pp. 83-101.
- Pastori, S. (2006). *Mudança de lugar/lugar de mudança: Impasses psíquicos no processo migratório* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Perron-Borelli, (1994). Fonction du fantasme: élaboration des liens à l'objet. *Revue Française de Psychanalyse*, 2, (58), pp. 533-548.
- Piva, A. (2009). A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 7, pp. 74-86.
- Pussetti, C. (2009). Biopolíticas de saúde mental – Uma prática aquém da promessa. In Pussetti, C. (Org.). *Migrantes e saúde mental: A construção da competência cultural* (pp.15-27). Lisboa: ACIDI.
- Pussetti, C. (2010). Identidades em crise: Imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde e Sociedade*, 19, 1, pp.94-113.
- Ratcliff, B. (2012). Repenser les liens entre migration, exil et traumatisme. *(Re)penser l'exil*, 1, pp. 1-8.
- Rosária, M., Seabra, H. & Santos, T. (2003). *Contributos dos “imigrantes” na democracia portuguesa: O papel das populações de nacionalidade estrangeira*. Lisboa: ACIME.

- Roth, W. (2003). Culture and identity. *Forum: qualitative social research*, 4, (1), pp. 1-34.
- Silva, M. (2016). *O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro*. (Tese de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba). Recuperado de <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42445/R%20%20D%20%20MARIANA%20BASSOI%20DUARTE%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Souffir, V. & Miedzyrzecki, J. (1999). Argument. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, (4), pp. 1093-1098.
- Sturm, G., Baubet, T., & Moro, M. R. (2010). Culture, trauma and subjectivity: The French ethnopschoanalytic approach. *Traumatology*, 16, (4), 27-38.
- Vertovec, S. (2007). Introduction: New directions in the anthropology of migration and multiculturalism. *Ethnic and Racial Studies*, 30, (6), pp. 961-978.
- Yin, R. (2001). *Estudo de Caso. Planejamento e Método*. São Paulo: ARTMED Ed.

ANEXOS

Anexo A – João F.

João F., 59, Guiné-Bissau

E. Gostaria que me falasse de como é ser guineense e viver aqui, em Portugal...

C. Pronto. Eu nasci na Guiné. O meu pai é filho de pais portugueses, natural de Trás-os-Montes. A minha mãe também é filha de pai português, natural de Coimbra e a mãe é natural da Guiné, mãe da minha mãe. A minha mãe foi criada com freiras e o meu pai era professor, dava aulas lá.... Lá na cidade, naqueles tempos, na cidade onde aquela gente trabalhara e estudara. Depois conheceu a minha mãe, casaram e... nasceu a minha irmã mais velha e o segundo filho sou eu.

Depois o meu pai foi... Saiu de professor, foi... como chefe de X. na altura colonial. Nomearam-no como chefe de X. e a minha mãe passou como telefonista de X.. Então fomos vivendo assim, tínhamos uma vida bem folgada e depois, quando se deu a independência, as coisas mudaram. Mudaram.... Mudaram novos elementos, com o novo regime, governo, que agora...onde estão as pessoas que estavam a ocupar aqueles altos cargos, tiveram que deixar esses altos cargos para dar os cargos aos novos governantes. E então, o meu pai era para vir para Lisboa, mas o meu disse que não. Que ia ficar, porque não fez mal a ninguém, que ia ficar. O meu pai é mesmo branco. (E: desculpe?) o meu pai é mesmo branco. E então quis ficar, que não vinha para Portugal porque não fez mal... as pessoas que estavam lá não tinham o problema de.... E pronto, também ninguém lhe prendeu. Ele ficou lá, depois começou a trabalhar como com o comércio. Comercio... comprar.... Vender arroz, peças de fazenda, vender coisas que as pessoas necessitam para nós sobrevivermos. E então, ele teve um acidente de viação e então a vida nos complicou ... o pai era o chefe de cabeça, de família... deixou de existir e complicou... e então o que é a que a minha mãe fez: como o meu pai foi funcionário do Estado na altura, na época colonial.... Então veio para Lisboa, para pedir a reforma do meu pai e dela, porque trabalharam para o estado português da altura. Então a minha mãe veio e eu fiquei lá. A minha mãe veio para Portugal, tratar da.... De receber o subsidio de viuvez do meu pai e a reforma. Tratar da reforma para depois receber o subsidio de viuvez. Eles eram casados e então... eu fiquei lá na Guiné a aguentar a família. A minha mãe veio para aqui, tratar das coisas. Conseguiu a reforma e depois foi para a Guiné e

começou a trazer os filhos pouco de cada vez. Começou a mandar os filhos, um por cada vez. Veio a minha irmã, a Rosária, depois veio o meu irmão J., o Jójó, depois veio a filha e veio o meu irmão mais novo. Os quatro. Então a Rosária que... ela conseguiu uma bolsa de estudo do bispo (?) Frazzeta. É o bispo Bissau (?) que arranjou uma bolsa de estudo para a minha irmã vir estudar, para fazer o curso de... no Instituto Dr. Ricardo Jorge, de análises Clínicas, e ela veio cá estudar com esse subsidio dom (?) Frazetta e ela começou a viver com os meus irmãos todos num quarto, cozinha e a minha irmã ia limpar, limpar a casa das pessoas para aguentar o meu irmão deficiente.... Com a reforma do meu pai, a minha mãe, com essa reforma, uma parte sobrevivia para ela e a outra parte ajudava a Rosária e os outros que estavam aqui. Depois eu fiquei lá a trabalhar também, a aguentar o resto da família que ficou lá a trabalhar. Fui trabalhar com chofer de táxi. Virei taxista. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, trabalhei até que, depois.... Em mil novecentos e.... salvo erro... oitenta e um, oitenta e dois.... Tive um acidente de carro, onde três pessoas morreram, e então fui detido. Preso. Então, na altura o presidente Nino deu-me uma amnistia e eu sai mas como os familiares das pessoas que morreram no carro ficaram com odio de mim... Evitar esse problema à minha mãe então “Tu também vais para Portugal”. E então vim para Portugal e até hoje estou cá.

Vim aqui e fui tirar um curso de mecânico, no Centro de F. S.. Trabalhei nos bombeiros voluntários, depois emigrei para a B. (país da Europa). Depois da B. vim para Portugal.... Voltei outra vez para Portugal. Dali, casei aqui. Casei aqui em Portugal, quando estava a tirar o curso de mecânico no C. F., com uma rapariga de São Tomé que tenho duas filhas. Uma é procuradora no Ministério Público no Tribunal Y. ... aqui a minha filha, a minha segunda filha, a minha filha Alexandra e a outra fez, a Diana, fez Marketing Publicitária, Marketing... e formou-se... E a Luísa também formou-se em Marketing e... a Catarina também está, também formou-se.... Está a dar aulas em M. (cidade da Europa), na faculdade... em M.. Também nasceu aqui em Lisboa, nos O.. E tenho outra filha que.... Que eu tenho.... Este e tenho ainda outro rapaz que é o Mário. E tenho um que morreu na (?) (*E: que morreu?*) que morreu na Holanda.

E: morreu...?

C. Sim. Ao todo tinha oito filhos.

E. Então, as filhas são....

C. São todas portuguesas, todos eles, nós temos nacionalidade portuguesa

E. mas o Filipe...

C. O Filipe foi uma relação que eu tive na Guiné quando fui em 2000, 2001 passar férias... 30 dias e conheci lá uma rapariga também que foi para a Guiné, para conhecer a Guiné, uma rapariga da Costa do Marfim. Então, ela só fala Francês e Inglês e eu consegui ir lá... Sai da Guiné em 83, fui em 89 e 2000 então, já, ninguém me conhecia, portanto já era também um estranho. Então fomos a uma festa, ainda estava lá. Conhecemo-nos... e começamos a andar. Todos os dias ia busca-la de carro, passava os dias comigo, passeávamos para conhecer aquela zona, mostrava aquela zona toda. Depois despedi-me dela... e ela foi para o país dela e eu voltei para Portugal e ela afinal ficou grávida. Então, foi para o país dela, vim para Portugal, mas não correspondemos mais ... Ela não sabe o meu (??), mas quando ela chega lá, está grávida, ficou grávida e ela quis ter o bebé... teve o bebé. Com um ano e tal... ela, ela como pertence a uma religião muçulmana deram, a mãe dela... a família, escolheram o marido para ela. Ali os muçulmanos, arranjam os maridos... arranjam o marido para ela e o marido que veio, que ia casar disse “não, eu não posso casar com um bebé branco porque, ele é filho de branco. Ele é negro, mas é filho manchado. Ou, arranjam forma... o menino não pode ficar cá”.

Então a mãe da rapariga, mais a filha, agarraram no bebé com um ano de idade e foram para a Guiné entregar aos meus familiares que estavam lá. Os meus familiares ligaram e disseram “Oh Joãozinho, aquela menina, que tu andaste com ela, esteve grávida... olha, vieram entregar o miúdo. O miúdo tem um ano, é teu filho”. E eu disse assim, telefonei e disse ao meu primo “fica com o miúdo. Quando eu for à Guiné eu trato de trazer o miúdo para cá”, mas para trazer o miúdo, naquela altura, bebé, não é fácil! De um país para outro país. É preciso documentos, é preciso tribunal é preciso essas coisas e a morosidade daquilo foi passando, foi crescendo.... Foi crescendo, mas sempre eu em contacto com...O meu primo que estava com ele e com ele também, para ele se mentalizar que o pai está aqui. Um dia ele vai vir.

(O telefone dele começa a tocar. Não atende.... Diz “vou desligar isto”)

E então, como a mãe foi entregar o miúdo e o meu primo ficou com...a cuidar do miúdo, eu mandei dinheiro ao meu primo naquela altura, trezentos mil francos, que dá há volta de quinhentos euros, cem contos, para cuidar, para ajudar com aquilo que eu puder. E então cuidaram do miúdo... foi crescendo, foi falando comigo ao telefone. O miúdo, quando tornou-se já grande para perceber as coisas, ele falava comigo, já mostrava interesse em vir

para cá, mas para trazê-lo tenho que... tratar do passaporte, tenho que ir ao tribunal dos menores, o tribunal tem que saber do paradeiro da mãe.... Essas coisas todas, e a mãe que já está noutra país, vai vir outra vez e não vai querer vir. O marido dela não vai deixar ela vir. São situações muito caricatas. E então, a coisa foi demorando, começou a andar.... Tenho lá uma prima que é professora, que arranjou uma escola portuguesa. O meu filho foi lá estudar. Ficou naquela escola portuguesa. Foi ali que ele começou a desenvolver as capacidades e depois a minha irmã, que está cá, resolveu ir à Guiné, disse que estava a fazer uma casa lá e eu disse “olha, vê-me lá se consegues trazer o miúdo” E eu mandei pedir a certidão de nascimento dele.... Autentiquei na Guiné.... Cheguei aqui e dei entrada no registro centrais, aqui. Mas quando o (?) saísse, eu mandava vir o miúdo. Se o miúdo já for português eu já posso vir com o miúdo sem impedimentos de qualquer entidade da Guiné, porque o miúdo já tem nacionalidade portuguesa, está a perceber?

Mas como estava a demorar muito... a minha irmã ia para a Guiné e eu disse para vir à embaixada de Portugal ver se consegue se ??... Portugal, consegue abrir uma brecha para o miúdo vir, já que eu meti a nacionalidade do miúdo aqui. Levamos a cópia do processo da (?), mostrar na embaixada de Portugal e depois disse “eu não posso fazer nada enquanto o tribunal dos menores daqui não autorizar a senhora levar o miúdo para Portugal. Se a senhora conseguir a autorização do tribunal dos menores a dar-lhe o poder para o miúdo ir para Portugal, porque o pai está em Portugal eu dou o visto ao miúdo. E então a minha irmã foi ao tribunal, fez o requerimento, fez as colições (?), explicou tudo. Marcaram uma (??) com uma procuradora, procuradora do Ministério Público, foram... lá deram a autorização para ela vir com o miúdo. Então quando ela tem a autorização do miúdo, os irmãos, os meus filhos todos juntos, juntaram o dinheiro, todos... e pagaram o bilhete, e a minha irmã veio com ele.

Ele veio no dia 19 de abril do ano passado

E. de 2015?

C. de 2015? Sim veio em 2015, a 19 de abril. Este 19 de Abril vai fazer um ano...

E. Então 2016?

C. Não... Sim. Veio em 2016. Abril de 2016. Ele tem sete meses aqui... veio a 19 de abril de 2016. E então, as aulas... já tinha chegado no terceiro período, já não podia estar a entrar para, para seguir para... coisa.... Trouxe toda a documentação da escola, consegui matriculá-lo, mas depois ele estava em cena. Com a nota do terceiro período dele... eles não têm a nota

do primeiro para poderem fazer uma média de avaliação para ele passar, do 8º para o 9º. Por isso ele (?) não conseguir passar. Já este ano, matricula-se na mesma já, como já fez o terceiro período, ali já vai entrar mais bem definido que os outros alunos, pronto, que estão a começar. Então este ano... ontem fui, ontem fui à marcação, a uma reunião da escola com o diretor de turma e... pensei até que o miúdo estivesse a portar-se mal e não, cheguei lá e disse-me “chamei-lhe para aqui para lhe elogiar. O senhor tem um miúdo... e se continuar assim vai dar que falar. É inteligentíssimo, é um miúdo que faz perguntas nas aulas. Mete a pergunta ao professor, e os alunos que estão aqui desde que estou aqui a dar aulas, ainda não vi um miúdo com uma capacidade.... Veio de África, com uma capacidade..., portanto, dá-lhe tudo apoio que este miúdo tem a cabeça.... Vai muito longe” ... eu também, apanhei dos AVC's em 2013, apanhei o primeiro AVC hemorrágico, fiquei internado no Hospital de São João, depois deram-me alta. Fui para a Clínica de São Cristóvão em Lisboa e depois, comecei a fazer fisioterapia em dezembro de dá-me o segundo, o segundo AVC e a coisa complicou para mim. Complicou para mim, tenho este lado todo... todo... ainda estou a fazer o tratamento e então.... Estou à espera. Estou à espera do que é que vai ser, da minha vida futuramente. Por isso é que agora... os meus filhos, além da parte dele... a mais velha está na Inglaterra, caso, já disse, que se a nacionalidade do meu filho sair, eu vou mandar o miúdo para a Inglaterra (E. Desculpe, não entendi...) Se a nacionalidade dele sair, que já está metido lá dentro, se sair este ano, vou esperar que ele acabe o ano letivo e para o ano envio-lhe para Inglaterra ao pé da irmã. Na Inglaterra tem mais capacidade de aprender e aprender língua, Inglês, porque hoje na vida já se viu... uma pessoa que não sabe inglês, francês, já começa a patinar. Mesmo que seja formado aqui em Portugal e não sabe falar inglês é como não falar nada! Portanto, agora, se for novo para Inglaterra, estudar lá na Inglaterra ele já vai, tenho a certeza, vai saber falar inglês. Por exemplo, eu estive na Inglaterra, mas não sei falar inglês. Porquê? Porque eu sou adulto e estava sempre no meio da comunidade portuguesa e então, o trabalho, eram colegas portugueses. Saía do trabalho e ia para os cafés portugueses. Era como se estivesse aqui em Portugal. É muito difícil aprender inglês quando estou a lidar com portugueses, porque ali falamos só a nossa língua, que é português. Se eu fosse para uma zona onde não havia portugueses, era só ingleses no trabalho eu era.... Tinha obrigado mesmo a aprender o inglês! (Ri-se) está a perceber? Mas com a criança já é diferente. As crianças chegam e já conseguem lidar melhor que o adulto....

E. Mas já agora, como é estar com o Filipe cá?

C. Estou a viver com ele, com a minha companheira, que eu tenho. Estou eu.... Eu criei os meus oito filhos e agora estou a viver com uma outra mulher, que tem também três filhos, mas quando comecei a viver com, com a minha companheira atual... ela tinha a casa dela que tinha comprado com o ex-marido mas, como esse marido a abandonou, ela deixou de pagar a prestação da casa em M.-M.... e depois teve aquela ordem do banco, ordem do tribunal... aquilo foi para o tribunal, ela não tem, deu-lhe a ele... o que ela tem, naquele tempo que a politica de compra casa, não pagar (?) ao banco e....e eu estava a namorar com ela naquela altura e surpreendentemente vi que ela estava na rua com os três filhos e o que é que eu fiz? Aquilo, não vou agora ser companheiro e bater a sola e dizer “não vou deixar a mulher no barulho se eu, eu tenho a casa. Então disse a ela “não vale a pena... trás os teus filhos e vem comigo viver para a minha casa.” Tenho uma casa de três assoalhadas. O mais velho fica num quarto e os mais novos ficam ali e este ainda estava na Guiné. Então... e o outro filho mais velho estava a estudar aqui no Instituto, aqui na.... Nas Olaias... Fez Ciências e Multimédias. Estava a estudar ali. Faltavam lhe 3 anos para acabar. Ficou comigo, estudou, formou-se e depois disse “olha, arranjar trabalho, aqui em Portugal, este trabalho, com o curso que tiraste, vai ser difícil, portanto é melhor rumares para Inglaterra! Em Inglaterra... chegas lá, mostras o teu currículo, o teu diploma... aquilo que tiraste aqui em Portugal... fazes um estágio de língua ali e vais ver que vais encontrar bom serviço!” E esse rapaz foi... e então, havia o segundo de 20 anos. Tem 12º ano e não quis mais estudar e eu disse “olha se não queres mais estudar, tens que escolher: ou ir trabalhar ou vou-te meter na tropa” E ele disse-me então “vou para a tropa!”. Foi uma semana e fugiu (Ri-se) Fugiu, veio para casa e eu disse “Ah não, para fugir da tropa e sentar em casa, então tens que ir trabalhar” E lá ficou uma semana meti no carro e levei para o quartel de Mafra. Meti la e dei uma instrução lá no quartel de mafra que só pode sair mês a mês para vir para casa. Depois comportou, fez o dia de juramento, la ia eu e a mãe dele. Assistimos àquele juramento, na Mafra. Até hoje está como tropa. Já está há uns cinco anos na tropa. Já tem uma miúda grávida. Já tem a casa dele e, fiquei com o pequenito que é mais novo que o Filipe. E então, como o pequenito estava ali, estava a contar quando o Filipe viesse ia ter, pronto...um irmão lá em casa... meio, pronto, irmão, porque ando com a mãe dele e... Filipe viera, conheceram-se, fizeram amizade. Mas depois o irmão lá de Inglaterra, optou-se por mandar buscar o outro... E este acabou por ficar sozinho e “isso agora tens que esperar para os documentos saírem para ires também para Inglaterra”. Se... for agora para Inglaterra, tenho certeza que terá mais capacidade de concluir o curso mais rápido possível porque em Inglaterra dá essa hipótese a pessoas que podem fazer duas, duas.... Duas disciplinas num ano.... Duas cadeiras num ano.... Com menos as pessoas formam-se logo.

Tenho lá o meu irmão. O meu irmão também está lá. Está a tirar engenharia P.. Começou já.... Falta-lhe já um ano. Fez as coisas esse ano.... Inglaterra dá essa possibilidade, às pessoas formarem-se rápido. Aqui não, tem que se ir um ano, cinco anos, três anos, para fazer, coisas. Aqui demora-se muito.

E o caso da minha outra filha que eu tenho com aquela São-Tomense essa que lho digo, essa é procuradora do ministério público. Essa fez direito internacional... e ela fez direito internacional.... Fez o curso em cinco anos e depois mandaram-lhe estagiar para um escritório de advogados. Ela estava lá a estagiar e eu, que estou sempre a ver notícias no jornal, na televisão, vi que havia vagas para ser juiz, para concorrer ao ministério público, para concorrer. E eu disse “oh filha, já tens o direito internacional, tu já podes concorrer! Já estás dentro da área. Concorre”, e a minha filha diz assim “oh pai achas que me vão chamar?” e eu disse “oh filha, és tão inteligente como eu, o teu pai é inteligente, mas não teve sorte de estudar, não é? Se fores inteligente como eu vais ser juíza, concorrer ao ministério público. Entras para o quadro de destaque e já lá tens a tua vida porque, aqui, já tiraste direito internacional... tu, tu vais trabalhar para um escritório de advogados. Portanto esse advogado nunca te vai deixar seguir ou poder deixar-te expandir acima dele, vai te tapar o buraco, porque ele já lá está! Tu vais trabalhar para ele, portanto... vai! Se gostas de mim, faz-me esse favor. Se não te chamarem, pronto, já sei que tentaste e não conseguiste”. Foi a concurso de duzentas e tal pessoas para setenta e tal vagas, por isso vai. Concorreu. Primeira etapa passou. Chegou “pai, passei!” e eu disse “não te disse?”, “pai, mas ainda são três etapas!” primeiro é passar na primeira etapa, já há pessoas que não conseguiram que não conseguiram passar à primeira, já estão eliminados.... “Vai à segunda, vais passar! Estuda só e vai!.... Agarra”. Foi á segunda, passou. Eu disse “não te disse? Agora isto é a terceira. Crucial, para poderes ser admitida”. Foi ter com a minha irmã. Essa também é advogada, essa minha irmã, mora em S. e a minha irmã disse “Ah! Tu não vais conseguir. Também tentei concorrer para procuradora para... ministério público juiz e não consegui. Achas que tu vais conseguir?”. Eu disse, filha, “não vais na boca da tua tia! Vai por ti... vai por ti, que vais conseguir. Eu tenho a certeza, que vais ser juíza ou procuradora do ministério público. Mas concorre. O que interessa é tu entrares para o Estado”. E ela foi. Estudou, estudou... no concurso final. Ficou em setenta e tal lugares, ficou em décimo sexto lugar. Chegou, apareceu “Pai, se não fosses tu como...”. Eu disse “agora já estás”.

(Entram pessoas, fica imenso barulho.)

C. Pronto.... Sintra, nomearam-lhe para o ministério público do tribunal de.... quem vai para C. P. Aquele tribunal que fica lá.... Sl.! Tribunal de Sl.! Nomearam-lhe para o tribunal de Sl.! Depois... teve dois anos no tribunal do Sl, mandaram-lhe para o tribunal de... Ls.. Teve dois anos no tribunal de Ls... mandaram-lhe para o Tribunal dos A. Teve um ano no tribunal dos A. e mandaram-lhe para o tribunal da M.. Já... este é o segundo ano como procuradora no ministério público, no tribunal da M.. Portanto... e ela já casou. Casou com um português, natural de B.. Um rapaz muito impecável, já tem duas filhas. E eu disse “Filha... pronto, já viste? Já conseguiste... a tua vida, já está feita! Se ficasses como só advogada, estavas aí ‘oh tio, oh tio’” Há muitas pessoas aí nessa situação. São advogados, mas estão a trabalhar para um escritório, para poderem sobreviver e esses nunca vão sair dessa plataforma daquele escritório porque o próprio advogado não vai deixá-lo... subirem, por mérito próprio, está a perceber? E sabe que aqui em Portugal funciona assim. Quem está à frente, não deixa os outros passar. Agora, a minha filha conseguiu por mérito próprio, sabedoria mesmo dela... que agora pertence mesmo ao estado... já tem outro currículo. Tem um curso dela, de direito internacional, não é? De direito internacional, área comercial, que é uma área meio requisitada... tem o curso dela feito e é procuradora do ministério público! Independentemente da advocacia que ela fez! Portanto, ela já... a minha filha tem dois cursos: de magistrado e de direito. Portanto, mesmo estando de um lado e não quiser ser mais procuradora, ela é advogada conceituada, que vem já com experiência de procuradora do ministério público, não é? Não é verdade? Portanto, isso é muito.... E ela, ela diz “Oh pai, se não fosses tu, eu ainda estava a patinar.”. Estás a ver? Eu disse, estava, já está.

Ora, a outra irmã mais nova que é... que é a Diana... essa fez marketing.... Essa é mais desvairada. Gosta muito de moda.... Migrou-se para Angola, foi lá, com o primo dela está lá.... Ela só quer festa, essas coisas... ainda não encara ainda aquele trabalho muito a sério, mais responsabilidade. Quer moda e festas e essa coisa com o trabalho não conjuga. Então, despediram-na lá em Luanda e voltou para Lisboa (ri-se). Está aqui agora, procura do trabalho aqui, numa empresa de Marketing... (?) “tens que largar... tens que escolher trabalhar e deixar discotecas! Modas! E essas coisas festas! Fotografia... sempre a tirar fotografia ao espelho e meter na televisão, no facebook, epá menina assim não vais a lado nenhum! (Ri-se)

Pronto e então, uma coisa que eu tenho é que as minhas filhas todas gostam de mim. Todo, e o meu filho também, o Mário e este que eu também mandei buscar já me agarrou também. Porque este merece muito mais cuidado, porque... não viveu comigo. Só agora é que começou a ter relações de pai para filho, comigo, está a perceber? Então é preciso no ir....

Com calma, mostrar o caminho, essas coisas, para ele também não descuidar. Uma pessoa que veio de África.... Se agente não o puser muito... controla-lo muito, agente.... Esses miúdos daqui... Porque a educação dele de Africa é muito diferente da educação europeia. Pronto e depois ele pode descontrolar-se. Agora, que chegou aqui a primeira coisa começou logo... os irmãos começaram logo a meter-lhes ténis de marca nos pés, camisa de marca, e eu disse “Au! Trava! Marca não! Vamos começar ainda com sapato, ténis da feira do relógio, esses ténis baratuchos, dos chineses e tal e tal. Agora, vocês estão-no a habituar a ténis de marca, telemóveis de marca, já tão lo a estragar! Então, isto tem que ser à minha maneira, conformo vos criei é também assim que eu vou-lhe criar. Vocês agora querem já mostrar-lhe, para andar todo bonitinho, com coisas de marca e não pode ser... isto tem que ser paulatinamente, para ele poder ir... engrenar na sociedade, nas coisas da vida”. Porque se começar a ver ténis de marca, calças de marca, roupa de marca, ele amanhã não vai ver outra coisa. Depois a escola fica para trás. Se quer ir para a escola todo pomposo... não, não. Na escola vai roto, sapato furado, mas tem que ir lá e ir, para amanhã, quando for alguém na vida, já começa a comprar e a vestir coisas de marca. (Ri-se). Mas pronto, este caso, este problema de saúde que eu tenho é que me está muito... porque eu já tenho sessenta anos. Sessenta anos... cinquenta e nove para sessenta. Na minha família morrem muito cedo. O meu pai morreu cedo, o meu avô morreu cedo. A minha mãe também morreu cedo. A minha irmã morreu com cinquenta e cinco anos, a mais velha... eu já estou em cinquenta e nove e já Deus me deu mais quatro anos que ela e, portanto, começou a surgir-me estes problemas. Tenho o problema renal, tenho o problema de AVC. Não consigo, tenho um... tenho um (?) imobilidade nos membros inferiores e superiores. Não me posso mexer... doí-me, estou com dores... tomar comprimidos para me tirar as dores, metamisol. Por exemplo, hoje de manhã tomei um comprimido... de doze em doze horas. Quando aquela hora passa começo logo a queixar, a sentir. É por isso que estou sempre me casa. As vezes dá-me tonturas. Fui operado ao ouvido também, há pouco tempo. Está-me a surgir tudo agora. Tenho problemas da próstata. Fui também operado ao intestino, aos pólipos. tiraram-me oito pólipos e cada três em três anos vou lá fazer coloscopia a ver se os outros cresceram ou não cresceram, portanto... Agora, essa vida boa que eu levei durante esse tempo todo... pensei que a vida.... Chega a um ponto que... Até a médica me disse “O senhor ainda não se queixe! Há pessoas com menos idades” a sofrer porque não souberam.... Porque nós antigamente, quem imaginava que havia essas doenças de AVC... só pensava, eu só morro quando chegasse velho. Antigamente... nem os meus pais se calhar pensavam isso, porque naqueles tempos quem pensava que essas doenças iam existir. Agora, a doença está surgindo mais... não é que doença está surgindo, é

que agora está-se, há pessoas formadas, médicos formados, cientistas formados que tão descobrir que existe afinal essas doenças já... que não existiram só que.... Com a medicina, a evolução da medicina foi descoberta agora que... Agora, que está a surgir essa doença que agora tem cura e que antigamente muitos morreram porque não havia evolução dos cientistas, da medicina. A medicina era um bocado.... Parada, por isso é que.... Hoje como a medicina já evoluiu, por isso é que... muitas doenças estão a ser descobertas, mas se for a ver, essas doenças já existiam há muito tempo, só que não eram descobertas. Não existiam... E agora com a descoberta é que estão a ver causas de muita.... As coisas que estão surgindo.

Por isso agora, uma pessoa tem que ter cuidado, para educar os filhos, para explicar “olha, não faças isto, senão mais tarde vais sofrer”. Isto, ninguém cuidava da alimentação ou agente só comia para ficar fartos, de barriga cheia.... Ninguém cuidava... “Eu não posso comer isto porque isto vai-me engordar, vai-me fazer, vai-me fazer isto.... Nós queríamos, só, é, barriga cheia”. Lembrava quando era pequenino, a minha mãe ocupava-se só de por todos de barriga cheia. Pronto.... Comer bem, era comer um prato bem cheio. Era, naquele tempo uma (?)... hoje já... o sistema de alimentação mudou. Temos que saber... em vez de pormos a barriga... saber o que vamos comer, qual o alimento que vamos comer, aquele que não nos vai criar colesterol, outras gorduras. Naquele tempo era chouriça e carne de porco por todo o lado a morder e a comer e isto depois chega à velhice... aquelas coisas que agente comeu começa-nos a prejudicar. É isso que está a acontecer comigo. Aconteceu comigo e acontece com os meus irmãos, os meus pais, essa coisa toda. Muita gente. É que agora é que as pessoas já têm noção do que é que afinal... não é tudo o que se come que enche a barriga. Temos que comer com cuidado! Estás a ver? Ver o que é que agente tem que alimentar melhor... bom alimento, para dar mais anos de vida, ter anos de vida nesta terra, neste planeta que estamos a viver...é isso.

E. É isso.... Muito obrigada João.

Anexo B – Cristóvão Cabral

Cristóvão Cabral, Guiné Bissau, 49 anos

E. gostava que falasse um pouco sobre como é ser guineense e viver, cá....

C. eu já vivo aqui em Portugal há mais tempo, não é? Eu vim para cá com doze anos, em mil novecentos e setenta e nove. Estudei até ao terceiro ano do curso geral e tive que, por motivos alheios à minha vontade porque, numa sociedade onde vivem muitos jovens e... e as coisas mudam e... os meus pais vivem na Guiné e eu vivo cá. Eu vim mais para estudar, para ao pé das minhas irmãs e.... como já tinha reparado que as coisas estavam-se a tornar um bocado mais... uh.... Diferentes, não é? Porque houve um boom em oitenta e cinco de consumos de canábis e tabaco e muitas outras coisas... eram estupefacientes, eram discotecas por todos os lados... eu optei por regressar para a Guiné, para ao pé dos meus pais porque optei por não consumir químicos e (?) nas coisas que eu não conhecia e eu voltei. Voltei em mil novecentos e oitenta e cinco para ao pé dos meus pais. E então iniciei... continuei a estudar e vi que lá a escola é totalmente diferente e com o que eu já tinha cá, já me dava mais valências para poder trabalhar, entrar no mercado de trabalho lá. Já tinha dois anos de mecanografia (E. mecanografia?) Sim. Hoje é uma palavra abstrata, não é? Eu também estou-me a esquecer dela que é.... São as aulas... no fundo são como trabalhar nas máquinas mecanográficas, nas máquinas de escrever. Havia as qwerty e as azert. São os teclados atuais, que têm aí nos computadores. E optei por trabalhar nessa altura. Já tinha o meu cunhado, que era um funcionário público das alfandegas, adquirido uma cédula de, de despachante oficial e então ele... arranjou-me lugar como ajudante e aí fui evoluindo, dando a conhecer também o trabalho de mecanografia, preencher os formulários, aprender algumas... uh... leis alfandegárias e essas coisas.

Fui aliciado por uma outra pessoa que era um importador/exportador que fazia os trabalhos de despacho. Retirava as mercadorias. Ele ofereceu-me mais condições para ir trabalhar com ele. Tanto que eu já tinha aquela capacidade toda de tirar mercadorias na alfandega ou seja as (?) alfandegárias, os bens, não é? E fui trabalhar para ele. Fui trabalhar para ele mas não só porque ele aliciou-me mas porque o meu cunhado não me dava também margem porque não me aumentava... assim... não tinha, não dava valor ao trabalho que eu tinha para com ele. Ele ganhava muito e pagava pouco. Por isso tive que ir trabalhar para essa pessoa... que eu

importava combustíveis, baterias eletrólitos, marca (?)... tinha também pneus recauchutados da (?) que ele importava lá para a Guiné e eu era o responsável de venda. Eu fazia as vendas e... depois a empresa foi evoluindo, foi crescendo... entramos na cena da exportação, de castanhas de caju, coconuts, óleo de palma e eu, ali também fui subindo na hierarquia e fiquei como um dos encarregados do armazém de uma zona sul da Guiné que é as ilhas (?) é os blama (?) Bijagós e o sul... a parte que começa de Enxudé até ao Catió, que é fronteira com a Guiné-Conacri. Eu fazia essa campanha toda durante os quatro anos uh... depois não nos entendemos na partilha do... da exportação, porque o acordado entre eu e ele era que eu tinha direito a xis percentagem de cada valor exportado e ele falhou por duas vezes e eu tive que o abandonar, que eu cumpro sempre com a minha palavra... eu gosto sempre de cumprir com as minhas coisas e eu cumpro com a minha palavra. Deixei-o. Fui trabalhar para um amigo meu que também era importador e que era condutor da...era um português Ricardo G. M., que era o condutor da embaixada na Guiné, de Portugal, na Guiné-Bissau, e ele importava bebidas alcoólicas, quer cervejas sagres quer Plata que era uma mais... que ele importava. E eu fui vender no armazém dele e lá o meu ex-patrão foi me recuperar outra vez, para eu voltar a fazer campanha outra vez para ele e fiz a ultima campanha que ele não pagou. Tinha dezassete pesos, na altura eram pesos guineenses, não eram francos CFA's que eu tinha que uh... receber por cada kilo de castanhas de caju que eu captasse. Ficou acordado e ele não cumpriu outra vez. Arranjou uma panóplia de coisas... que o armazém foi assaltado, fui assaltado em minha casa, levaram me cinco milhões de pesos e nisso ele não concordou. Achou que eu tivesse feito isso a eu próprio. Estive à espera da justiça durante três dias, detido, mas chegaram a uma conclusão de que não era nada. Eu a partir dali disse «nunca mais trabalharei consigo». Faleceu à pouco tempo, à poucos dias que eu vi no mural no facebook uh... João C. P. . E, nunca mais. Fiquei uns seis meses... o meu pai estava cá. O meu pai é português. O meu pai estava cá... veio cá, não é português... Eu, eu vou explicar isto de uma maneira que é...

Eu sou neto de um governador, lá de uma bijagosa antiga capital, o governador 'chonchinha', chamavam-lhe 'chonchinha' e ele era o Simão J. B. que era um... e a minha avó paterna era doceira no palácio e na altura, o que é que aconteceu? Ela apareceu grávida. Apareceu grávida do governador. Coisa que ainda não sei se foi de livre consentimento ou se foi imposição (Eu conheço a família porque a família está aqui em Carnaxide mas ainda não contactei porque ainda não... eu tive umas fases da minha vida que depois ai chegarei lá) e... ela por orgulho, isto é mil e novecentos e poucos (o meu pai nasceu em mil novecentos e vinte e três ou...

tenho ali os documentos dele) e, com orgulho ele quis perfilhá-lo, mas ela não quis porque era solteira e tinha um filho e se fosse dito que tinha filho com um governador, seria uma chacota na altura (nesta altura o meu pai teria oitenta e tal anos, se estivesse vivo... morreu aos setenta e cinco, completaria setenta e cinco três dias antes). Uh, ela não quis... então ela registou como sendo António Cabral, porque ela é Antonina Cabral vinda... uma cabo-verdiana vinda de Cabo-Verde para as ilhas (?) bijagós. E essa cabo-verdiana que, vinda de ilhas de bijagós já tinha... era mestiça, já! Cabo verde é ocupada na altura pelos portugueses, uh... porque o meu pai é branco. É branco... para se ter duas pessoas para se ter um branco. O meu filho como é moreno, de portuguesa, tem esta cor. É... o meu pai é branco e, no entanto, eu acho que, ela não quis. Não quis e..., no entanto ele cresceu. Foi crescendo. Conheceu as pessoas. Trabalhou na administração. Trabalhou como professor. Mas como português da antiga Guiné portuguesa! Que todo o mundo era português...e no entanto, isso foi alargando e veio a independência. A independência, quando se deu a independência, o povo português se retirou e os guineenses se tornaram independentes... os guineenses que quiseram ser guineenses ficaram como guineenses! E o meu pai era um dos tais guineenses, ali, por orgulho, por patriotismo e por outras coisas mais, não sei... pela cabeça dele se foi pelo pai ou, ou.... Pelo governador que não foi registado por ele.... Temos muitas famílias lá na Guiné que, somos, primos, mas não temos o mesmo apelido e tenho aqui tios, em Carnaxide que são os filhos do Simão J. B.. O Honoris J. B. que era o procurador do meu pai quando ele veio cá para vir buscar a reforma do tempo colonial que ele trabalhou... ele esteve aqui em oitenta e seis, oitenta e sete... oitenta e seis até noventa... até noventa e um. Ele fez cinco anos e deram-lhe a reforma com reactivos. Ele optou por ir buscar a minha mãe, para vir viver o resto da vida aqui. Aconteceu que ele faleceu. Ele faleceu e... faleceu já português...

E. faleceu já português?

C. já português. A minha mãe foi um ano, dois anos depois, mais ou menos e depois faleceu também. E... e nós viemos estudar aqui, como eu estava a dizer, eu vim estudar desde os doze anos. Em setembro de mil novecentos e setenta e nove, para cá. Com doze anos... completei os treze anos aqui, porque eu faço anos dia 21 de dezembro. Completei os treze anos aqui. Estudei até aos oitenta e cinco e voltei. Trabalhei, trabalhei... nesse âmbito.

Depois desse trabalho como... voltar para o empreendimento... não gostei. Fiquei esse tempo, quando o meu pai voltou, faleceu e houve um amigo meu que, que é colega íntimo do meu irmão... quando o meu irmão veio para cá... nós ficamos, dávamo-nos bem e ele

trabalhava na companhia aérea nacional, a aéreo-Bissau (?). uh... ele um dia disse-me «olha, temos uma entrevista na TLGB (Transportes aéreos da Guiné-Bissau) ... se quiseres aparece lá. Falas várias línguas, tens uma boa caligrafia. Já sei que tens muita experiencia. Vai lá que eu apresento-te o meu diretor comercial e... ele precisa de seis pessoas!». E eu fui. Fui naquela entrevista, consegui falar com ele. Um dia estava á espera, entra uma moça... a moça fala com ele lá dentro e sai e diz «então, o diretor já te atendeu?» e eu disse «não. Veio uma pessoa, entrou, passou à frente» ... e eu fui lá ter com ele para saber o que é que se passava! E ele disse «não, se ele tivesse entrado primeiro... olha, completei agora com a ultima pessoa» e ele disse «não, vamos ter que fazer um concurso». Ele disse «não, não, então fazes assim... mandas ele lá, juntamente com os outros para fazer o estágio e vamos ver se ele é...». Ele pensava que eu tinha sido descartado e fui o primeiro (ri-se) consegui ser o primeiro. Quiseram ficar comigo na escala. Uh, chefe de escala. Disseram que tinha aptidão para chefe de escala uh... e ele disse não que tinha que ir fazer primeiro na área comercial que era a venda de emissão de bilhetes, de passagem, entre várias outras coisas. Eu depois fui subindo la dentro e fui ganhando conhecimento e outras coisas. Fui lá, e consegui ser o primeiro na escala e fui o primeiro na área comercial e quando tinha que voltar para a escala ele disse «não, eu preciso de ti aqui, na área comercial. Já vi que o que tu tens eu preciso aqui na área comercial, que é a porta de entrada para a companhia». E eu disse «ok» e então comecei como tenente (ou gerente?) e fui evoluindo, fui evoluindo. Passei para chefe de loja. De chefe de loja passei para responsável de marketing, que era já segundo grau dentro da área comercial. E fui levando a minha vida... levando a minha vida... num belo dia, comprei uma mota que era para poder facilitar a minha saída da cidade para o aeroporto. Nesse mesmo dia, eu ia só buscar a chave (cromato?) que um dos pilotos tinha... tínhamos feito uma homenagem a um piloto que tinha caído no Tambacounda, que era o filho do falecido Nino Vieira, presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira. O filho dele era piloto e trabalhava na mesma companhia que eu. Só que, quando tivemos problemas com o nosso avião, um HS7-48, ele teve que ir para a Air-Senegal. Trabalhar no Air-Senegal e... um belo dia, carregaram o avião e... em Tambacounda, uma região do Senegal... o avião partiu-se ao meio, entre a cabine e, e... faleceu lá. Ele, o comandante... ainda salvaram alguns estrangeiros holandeses, franceses, e alguns morreram lá.

E, no entanto, esse belo dia, fui atropelado na estrada, por um jipe, em mil novecentos e noventa e oito. Dia sete de abril de noventa e oito, fui atropelado na avenida principal, onde eu tinha a minha prioridade, estava a subir de mota e veio um jipe de lado.... Partiu-me esta

perna direita toda. Os ossos, a clavícula. Tive, uh... tive que ser evacuado. Se não fosse evacuado naquele momento... tive sorte, porque tinha também... como tínhamos uma fase de crise na Guiné... fizemos um JoinVenture(?) (E. Hm?) Um JoinVenture, que é um voo conjunto, com uma companhia área de cabo-verde. Eles tinham um aparelho... um Boeing 757 que voava... fazia Praia-Bissau, Bissau-Lisboa, Lisboa-Bissau, Bissau-Praia... e era assim que nós trabalhávamos. No entanto... estava lá nesse dia o delegado dos TASV... nós trabalhávamos, quando era um voo de escala, que aquilo lá dentro já... vinha fazer escala, ia para o aeroporto, controlava a escala, as bagagens... a companhia teve uma crise no numero de trabalhadores e, ficou uma comissão executiva de 25 pessoas e eu fazia parte dessas 25 pessoas que estavam na comissão executiva que era a área da direção... e nisso consegui ter uh... como é que se chama?... a simpatia de toda de toda a companhia porque era um ótimo funcionário e... desenvolvia muito...

(Entram na sala uma das pessoas da associação)

C. como eu estava a dizer... tinha um desenvolvimento muito grande na companhia. Fizeram... Havia a companhia toda, naquele momento, aquelas 25 pessoas todas em cima de mim naquele momento para resolver o problema da... porque se não saísse de Bissau, tinha que ser amputado, e se eu fosse amputado aí, ganharia uma gangrena qualquer porque nem... nem agua oxigenada tinham para limpar, para estancar, nem nada para coser. Eu tive que mandar comprar ao meu colega, «vai comprar algodão, vai comprar coisas» ... coseram me isto tudo mal (Aponta para o dedo mindinho da mão direita, no qual tem uma espécie de calcificação na articulação). Nem me lembrei mais disto, ficou assim. Eu fiquei... com tanta gente que estava ali, bom... consegui enviar-se o passaporte nesse momento para a embaixada, conseguiram o visto nesse momento, o bilhete de passagem não era problema. Conseguiu-se mandar, antes do avião de Cabo-Ver... o avião chegaria a Bissau às duas horas e eu tive acidente às dez horas da manhã... estava um sol ardente nesse ano. Não me conseguiram estancar o sangue lá na Guiné, nem no ar. Só aqui quando eu cheguei na ambulância... perdi litros, tive que levar transfusões de sangue, que me trouxe outros problemas. Uh..., no entanto, conseguiu-se isso tudo, telefonou-se para cabo verde para me porem numa maca... conseguiu-se por uma maca no avião. Quando cheguei aqui, dia sete de abril... Eram oito e tal, porque o avião atrasou-se... o avião atrasou-se lá na pista por minha causa... estavam á procura de um sitio para me fazerem um raio x para poder mandar com o processo... o avião atrasou uma hora na pista. Entretanto, chegamos aqui às oito, sete e tal, oito horas. Já era de noite. Meteram-me na ambulância para o São Francisco Xavier. Em São

francisco Xavier, estive lá deitado, mais a minha irmã. A minha irmã trabalhava no aeroporto. Ela mora aqui, já está cá á quarenta e tal anos... uh... deu lá licença e pôs-se na ambulância comigo e fomos para o hospital. Pronto, chegamos ao hospital e estive lá ainda umas duas horas sem ninguém me tocar. Depois mandaram-me para a ala, «isto não é para aqui, é para a ortopedia do Egas Moniz. Aquela madrugada... (?) dar um sedativo, porque eu já tinha acabado os brufen's todos do avião e tinha as mantas do avião, enchidas de sangue... deitei imenso sangue e... depois no dia seguinte não puderam tocar. Só começaram-me a dar soro e não sei quê, a fazer os exames. Não podiam tocar porque tinha cascalhos! Eu estava com umas calças e mesmo assim... o acidente é uma coisa horrível. Eu tinha pedras que estavam na estrada e... (pausa) tive lá uns vinte dias assim, a passarem me compressas, a tirarem-me aquelas impurezas todas para depois aparecer o Dr. Miguel, que era um jovem da minha idade, também tinha 30 anos na altura... disse «Oh senhor Cristóvão, o diagnóstico que eu tenho aqui é uma amputação, mas eu não vou-lhe amputar a perna. Eu sei que vocês africanos têm uma constituição assim muito forte. Eu vou tentar juntar os ossos todos num respetivo lugar e vamos ver durante uns tempos a ver se aquilo... se não há nenhuma complicação com infeções e se vai pegar... e pegou. Pegou e estou a andar e sinto que... vinte dias depois fomos lá fazer um raio x e estava lá uma bola de cálcio enorme a segurar aquelas partes partidas todas. Assim uma bola assim (exemplifica com as mãos o tamanho da bola: um pouco mais pequena que uma bola de ténis) porque aquilo é que segurou... ele disse «olha isto parte, nunca mais!» e assim já ando, ando com menos uns centímetros, mas olha caminho. Acarreta problemas de coluna e não sei quê, mas vamos ajeitando...

E, no entanto, sai. Vim para casa da minha irmã. Uh... antes de sair, diagnosticaram uma insuficiência diurética (E. Diurética?) Hm hm, uh... de diurese! Que é suficiênciã na urina e mandaram me fazer análises ao Hospital Santa Cruz, Carnaxide e... diagnosticaram-me insuficiência renal. Disseram-me então «vamos passar um nazix (diazicz?) para ver se vai fazer alguma coisa ..., mas era uma rutura, de tanto perder sangue, uma rutura nas membranas do rim. «Você vai ter que fazer diálises para o resto da sua vida»

E. para o resto da sua vida?

C. Graças a deus já não faço. Iniciei em dois mil e um em Santa Cruz. Depois escolhi aqui uma clinica, aqui nas forças armadas, na avenida das forças armadas. Quem sobe fica a direito de um restaurante japonês ou chinês. No entanto, apos isso, fui andando durante sete anos

E. Foi andando...?

C. a fazer diálise, durante sete anos (??) e... fui aguentando, aguentando. Num belo dia chamaram-me para ir fazer transplante. Fui à primeira consulta. À segunda consulta que eu estava à espera não deu para ir... foi no meio dessa consulta que me chamaram. Estava eu a fazer hemodiálise, estava já com três horas, quase quatro horas, dia sim dia não. Três vezes por semana, a fazer, a filtração. Porque eu também não fazia hemodiálise! Falando bem, eu dialisava, que é... tirar as impurezas, limpar as impurezas do sangue, as toxinas, as toxinas que ficam a mais, o que o rim deveria eliminar. Como não funciona, nós acumulamos toxinas e há pessoas que acumulam toxinas e acumulam liquido porque não urinam. No meu caso não era, eu urinava bem, sempre urinei bem e continuei a urinar bem. Eu não ia tirar peso... porque há pessoas que tinham que por máquina a quatrocentos... aquilo dá cabo do coração. Têm que... eu ficava-me sempre pelos trezentos e cinquenta, porque eu não ia fazer hemodiálise, ia só fazer limpeza e... esse conhecimento salvou-me, salvou-me bastante o meu corpo e consegui gerir bem... para poder estar... tive uma (?) à pouco tempo quando fui buscar o David, porque foi um trabalho árduo e duro porque ele estava num lar, está a perceber? Foi tirado da mãe... mas havemos de chegar lá. E isso foi um bocado... não digo duro porque eu soube sempre exercitar, fazer ginástica. Agora arranjei uma bicicleta nova, andava sempre de bicicleta. Quando foi para transplantar foi uma coisa rápida e eficiente, a funcionar bem, está tudo bem. Uma semana, alta uh... uma recuperação rápida, em vinte dias estava recuperado. Um ano, já estava com um filho (ri-se), a mãe com uma barriga enorme e organizei(?) a minha vida e uh... fui caminhando, fui caminhando, trabalhava na Iberlim... é uma empresa de limpezas, que eu consegui através da minha irmã, que era para não estar a não fazer nada deste lado. Estava na casa da minha irmã, e ganhava o meu dinheirinho e dava para as minhas despesas, dava para ajudar os meus filhos também na Guiné, que eu tenho dois filhos na (?). Tenho mulher e dois filhos que eu deixei para trás, inclusive, quando a deixei dia 7 de Abril ela estava de oito meses do meu terceiro... o meu terceiro filho. Que era uma menina, que veio a falecer porque houve um golpe de estado dois meses depois. Abril... Maio... Junho...é 7 de Junho, houve golpe de Estado que o Nino (?) Vieira, que ele veio parar aqui no Porto ou (?) alguma coisa assim... depois ele voltou e assassinaram-no, e assim, a minha única filha que eu tinha, faleceu aos dois anos, por uma anemia que foi privada À circunstância da guerra. A guerra ainda durou uns bons tempos ali na Guiné. As pessoas a correr de um lado para o outro, e o meu cunhado e umas pessoas minhas que também faleceram, e assim... assim foi.

Uh... estou cá e... nessa altura, enquanto fazia hemodiálise, trabalhava. Trabalhava e vi uma bela moça, uma morena e gostei dela uh... que as coisas bonitas sempre trazem problemas (ri-se) é sempre uh, a inveja. Quando tens coisas bonitas, coisas que se tem que ter inveja. As pessoas têm inveja.... Isso é do ser humano, não é? Não podemos fugir disso. Queiramos quer não, isto toca! Toca na nossa sociedade porque é uma sociedade que agente vive e vai crescendo e vai vendo... eu não quero que o meu filho cresça assim. Dou-lhe aquilo que eu posso. Não vou estar a comprar coisas que se lhe faltar, ele não vai ter possibilidades de comprar. Vai ter que roubar para comprar. Eu cresci a comprar coisas da feira... coisas da Conde Barão, quando era mais novo, e era de três em três meses. Duas calças, uns ténis, uma bota para o frio, casaco... ia para a escola, primeiro período, segundo período. Hoje as crianças estão todas embelezadas, parecem umas arvores de natal. Não se sujam, não, não... eu não consigo viver assim.

Eu fui viver com essa pessoa. Encontrei-a com quatro crianças. Uma situação que... não por gostar tanto que eu gostava dela, mas, a compaixão que eu tive para com os filhos. Conseguí-lhe dar um ambiente saudável em casa, fui transplantado, não queria ter filho. Lá insistiu tanto até que apareceu lá com um filho (E. Apareceu?) Sim, apareceu... se eu não quero... as duas partes... «tens quatro filhos e eu tenho dois filhos... (?) filhos». Não, queria um filho meu. Eu não lhe vou mandar tirar. Nunca fiz isso e não seria a primeira vez que ia começar.

E lá veio o David. O David foi-nos retirado logo à nascença no hospital...

E. Como assim?

C. não, isto eu gostaria de falar numa outra... isto é uma outra parte que eu gostaria de falar porque isto faz, é o que está... é o que eu estou a viver neste momento, não é? É uma fase que eu estou a viver neste momento. Neste estou-lhe a dar aquilo que eu sou, de onde venho, o que eu já fiz e o porquê de estar aqui, porque eu tive que lutar muito, muito para segurar. Quero dizer, às vezes digo assim... eu sou um português estrangeiro. Sim, sou um português estrangeiro, quer queira quer não, sou português estrangeiro. Seja ele que tenha violado ou não com o consentimento da minha avó... sou um português, corre aqui, na minha veia. É o sangue do meu avô que corre aqui na minha veia. E, no entanto, não vejo... vejo muitas barreiras só por ser imigrante, sou estrangeiro... não é imigrante. Eu não considero imigrante. Eu faço parte deste planeta, não sou nenhum imigrante. Quando eu sair daqui para outro planeta eu considerarei-me um imigrante. Imigrar para outro espaço que eu não conheço. Mas este planeta aqui é que eu vivo. Eu não me considero imigrante em parte nenhuma, neste

planeta. Eu discuto isso com qualquer pessoa que queira discutir isso, sentar, e vamos ver o plano certo das coisas. Nós é que criamos as fronteiras. No planeta não há fronteiras. O ser humano criou as fronteiras. Tudo... isto pertence-nos a todos. Posso ir para o lado onde eu quiser, mas isto aqui, é... eu penso assim! Muita gente não pensa assim. Há Ordem Mundial há... isto é meu: nós somos daqui, nós mandamos aqui, tu não podes entrar aqui, ou tu podes entrar mas tens que fazer isto, isto e aqueloutro, e vejo disparidade em termos de partilha nessa mesma fonte de imigração, de um lado para o outro, porque há uns que gostam de imigrar para a casa dos outros, mas quando vais a casa dele, ele diz assim «fogo, estás me a sujar o tapete. Não toques aí que isso custou-me caro». Isso não... eu gosto de falar por metáforas, porque a metáfora faz parte da nossa vida. Faz parte! Em vez de eu ir pelo caminho... por um caminho que eu vejo que tenho que estar a dar a volta... eu vou por um atalho... (?) não é aqui, isto é aquilo. Este mundo... o Homem está a girar neste mundo desde os primórdios que apareceu aqui, porque os únicos extraterrestres somos nós. Nós não somos de cá. Ainda não descobrimos. Temos é que ter a cabeça aqui, no planeta e pensar «o que é que há aqui? Como é que aparecemos aqui? O que é que é isto?» em vez de estarmos na Lua. Nós não conhecemos muitas coisas que temos aqui, o que é que está aqui há volta de nós, por baixo de nós e o que nós temos aqui há volta, nas partículas do ar, muitas coisas que agente não conhece... estamos a gastar dinheiro e há pessoas a morrerem de fome. Isto também deve ser uma ordem mundial... alguns têm que morrer para outros sobreviverem, é a lei do mais forte, quem conseguir ser, é o que sobrevive. Isto é o que nós temos, é a lei animal... é assim, a forma como eu penso a vida, sobre a minha vida, sobre a vida comum... eu tento ensinar o meu filho isso. Eu tenho um filho de 23 anos. Tenho o outro com 22, não, 21, vai acabar agora, vai entrar para a faculdade. Outro já está há espera da bolsa de estudos. Eu é que não tive aquela força para estudar. Podia arranjar uma bolsa... estou a tentar a ver se consigo uma bolsa para que ele possa vir estudar aqui. São dois, estão a estudar e (?) sem a minha presença, cresceram, porque nunca mais pude voltar, desde noventa e oito, para lá. Não é porque eu não quero, é por motivos alheios à minha vontade....

E. que motivos são esses?

C. financeiros, saúde... eu não me aventuro, sou um transplantado renal, não vou aventurar assim de aqui ir à Guiné-Bissau e apanhar uma infeção por lá! Ou apanhar paludismo, que é malária, entreligam-se dos mosquitos, não é? São todas infeções e eu não posso apanhar nenhum tipo de infeção. Tenho que estar imaculado para que isso se reúna(?), que o estranho, se assimile ao meu corpo, através de imunossuppressores e essas coisas, e isso seria difícil.

Muitos fizeram isso e não voltaram! «Ah! Já estou bom, tenho outro rim», não! Isso acarreta... como é que se chama... um tratamento continuado para o resto da vida. Os medicamentos que eu tomo, vou tomar até no último dia quando tiver que morrer tenho que tomar, para aguentar, ou então vou voltar para a hemodiálise... e se tiver em condições físicas como deve ser ainda posso receber mais um. Sim, posso candidatar-me a mais um transplante... o corpo também não é de ferro (ri-se) e... é doloroso, não é? É doloroso... mas tem que se ter fé, não é? Porque neste mundo, nós movemo-nos pela fé, né? Quer dizer, eu não sou seguidor, eu não sigo ninguém e não vou à igreja, não gosto de seguir ninguém, e se há um pai celestial, o pai de todos nós, cada qual tem o direito de falar com ele... através das minhas rezas eu falo com ele, não preciso de terceiros para interceder por mim isso não, não... não faço isso e eu sempre pensei assim. Não sou ateu não... acredito que exista algo que nos guie neste mundo. Porque acredito que somos extraterrestres. Eu acredito. Porque somos únicos que apareceram aqui. Os animais tiveram sempre aqui e nós aparecemos por aqui. Não estávamos cá. Se formos a ver bem, a analisar as coisas bem, nós não somos de cá. O ser humano apareceu por cá...

E. como assim?

C. a terra já cá estava não estava? O Homem não estava cá. Os dinossauros e não sei que mais... o Homem não viveu nessa época. De onde apareceu o Homem?

E. Estou a perguntar-lhe a si...

C. temos que descobrir isso antes de irmos buscar extraterrestres lá na, na lua, a marte. Estamos à procura, explorar... abismos de não sei aonde, fundos negros, buracos negros de não sei aonde. Gastar bilhões e bilhões de dólares. As pessoas a passarem fome nos Estados Unidos da América, na Rússia, na China... não compreendo, e muita gente não sabe o que é que está ali atrás do quintal dele. Estamos a destruir o nosso próprio planeta, pulverizando todos os bichos que existem porque nós não achamos que não podemos habitar com eles, ou habitar com eles, mas temos que habitar... alguns são muito importantes para nós até (E. hmhm) Muito importante. Nós somos feitos de micróbios e bactérias e outras coisas, basta só morrer para ver como é que é (ri-se). Basta só morrer. Eu já vi isso, eu já assisti, já embrenhei... quando uma pessoa está no limbo busca, busca conhecimento. Busca conhecimento para saber o que é que se passa ou qual é a razão de estar, o que acontece, porque é que acontece e isto é o que nós somos. Somos montes de micróbios que desaparecem na terra e aparecem por aí... nós continuamos cá, não vamos a nenhum sítio, mas é noutra

forma, noutra forma. Eu estou a falar cientificamente, não estou a falar da fé, de Deus ou não sei que mais... estou a falar cientificamente: nós voltamos à Terra e transformamo-nos em bicho. O nosso corpo transforma-se em micróbio, bichos... é um ciclo. E volta ali... estamos a... ainda não temos a certeza se voltamos realmente, porque não voltamos a si. Voltamos através da fecundação... isto é talvez, muito.... Muito complexo... eu penso muito. Eu penso muito porque eu sou uma pessoa que investiga. Quando não tenho nada para fazer, dizem que eu não trabalho. Eu trabalho!! Eu trabalho... posso não trabalhar para ninguém, mas trabalho para mim (E. hmhm) em ganhar mais conhecimentos, porque eu vou ter que transmitir a alguém... isso é que... é uma coisa que me move. Ninguém me dá trabalho. Basta dizer que sou transplantado, que tenho algumas... como é que se chama... de vez em quando dá-me uns cheliques também não é, eu mereço... e ninguém me dá... Já ninguém me dá desde dois mil e doze. O último trabalho que eu tive estava a ser explorado... ali no "sítio de trabalho" da Amadora... trabalhava lá das sete às onze da manhã... (?) num bairro perigoso daquilo, por seiscentos euros, quinze dias... com materiais de mais de quantos mil euros lá dentro... milhares e milhares. «Toma lá cem euros» ... chega ao fim do mês, quase acabou o meu casamento por causa disso... são coisas que interligam. Basta o trabalho não estar bem que a casa não está a funcionar bem!

E. Com a mãe do...

C. Sim! As coisas não começaram a funcionar bem, funcionar bem... desleixou-se, não queria fazer nada, não limpava a casa, não fazia nada... e eu disse «Oh, chega! Um dia vou-te deixar! Um dia passei-me de cabeça porque o ser humano também tem dessas... Dei-lhe umas bofetadas... não lhe maltratei, não lhe fiz nada. É o nervo... não lhe dei socos, não lhe pisei, não lhe fiz nada. Foi aquele nervo... mesmo a conversar... depois tomei uma atitude de ir chamar a (?), que não seguiam nada. Se seguissem ia saber como fazer com que ela seguisse também. Mas largaram-no, porque ela não lidava bem com elas, estás a perceber? Ela não lidava bem e... e as coisas chocavam sempre e eu...sou um homem, não nego... cozinhar, limpar a casa, dar banho aos meninos, penteá-los, vesti-los, ir para a escola... sou homem disso tudo. Fiz isso tudo. Quando posso faço. Mas também a pessoa que está ao lado também tem que fazer. A obrigação dela era mesmo isso, os filhos são dela: saber se tem piolho, se não tem piolho... preparar a roupa do dia anterior «isto é que vais vestir, isto e isto e isto», passar a ferro, pôr ali. Não. Isso era uma coisa que me fazia confusão, muita confusão, e eu tive que a abandonar e eu.... Como ela estava em risco, retiraram-na o David. Aos três anos...

E. E não ficou consigo?

C. ela fez lá umas maranhas. Iam dar me a criança e disse que «não não». Depois começou a ouvir a boca das... das pessoas da zona! «Ah vais levar a criança?!». Chegou lá a assistente social e como já estava em risco lá com os outros, eu estava lá... eu realmente fui viver com ela porque, para poder salvaguardar o meu filho e retiraram-no no hospital! Eu vivia aqui em cima, tinha a minha casita, uh... e tive que ir lá... deixei, fechei a minha porta, fui lá viver com ela... está tudo a correr bem, fui buscar o menino aos seis meses. Uh... o menino cresceu, está tudo a correr bem... eu a trabalhar, ela a não trabalhar mas recebe os subsídios que o estado lhe dá, dos meninos, e ainda o dinheiro que eu dou. Não tinha nada?! Não tínhamos nada? Até carro podíamos ter à porta e então estás a brincar comigo? Isto não é vida.. para mim isto é... eu quero é viver. Não quero viver de luxos, preciso é de pegar num carro e de levar os meus meninos à escola... (?) ali debaixo da chuva pá! Sair daqui até ao bairro (?)... mesmo que se apanhe o autocarro vai ter que se andar debaixo da chuva para descer aquilo tudo. Não, não... não dá, e ela... eu sai. O menino vinha passar os fins-de-semana comigo. Num belo dia ela telefona-me a chorar e dizer “Ah, tiraram-me o menino!” e eu disse “olha o que é que eu posso fazer? Não posso fazer nada... nada mesmo”. Porque ela logo, de maldade, arranjou logo alguém, para ocupar o espaço. Fez mal. Não tem hipóteses nenhuma, nunca mais. Nunca na vida vais ter uma (?) mas não ter mais hipóteses com isso... nunca mais. Por mais que eu amasse... por mais que eu amasse....

Sou africano... cultura, a vivência, o respeito às pessoas... eu tenho o conhecimento europeu que também... é capacidade de, de assimilar e fazer as coisas como deve de ser. Eu vi que ela não tinha nada disso (ri-se) não tinha nada... não tínhamos nada em comum. Era o polo negativo com o polo positivo, não, não... não dava. Em vez de ligar a máquina, não, fazia fásca. Se eu gostasse de manga, ela não gosta. Se eu gostasse de morango, ela já não gosta... e vice-versa e ene coisas. Comecei a notar isso na forma... eu disse espera ai que eu vou ai e já venho... não volto mais para ti. (?) nestes dias que estavam a criar um problema que eu voltei para elas e não sei que mais... isso mexeu com a minha cabeça, bastante. Tive que ser um bocado bruto com elas na conversa. Elas perceberam realmente que não devem acusar as pessoas sem terem conhecimento. Não é porque o outro lhe disse, porque eu posso apresentar uma queixa e vai ter que apresentar essa pessoa que disse. Tao simples como isso... porque é pura mentira. Eu já não vou ao bairro dela à não sei quantos anos. Ela vinha, para ver os meninos...vem! Vem de Luxemburgo uma vez por ano, ver o menino. O menino liga para saber. Agora já não lhe dou, já não lhe dou hipóteses nenhuma para ver a criança. Ela para

fazer isso, como já meteu o papel no tribunal para ter a criança, para passar fins-de-semana com ela... não vai ter, não vai ter nada. Não vai ter... ele não vai ter contacto mais com ela, e ele também já não quer, que ele já percebeu. Ele é uma criança que fala bem...Fala muito bem. Só quando não quer. Ele é casmurro, mas é uma criança muito inteligente. Ele não se esquece de nada, ele grava tudo. É muito inteligente. Está a ler bem, está a escrever... está a treinar a caligrafia já. É bom na matemática.... E assim, vamos ajeitando-nos os dois. Tenho uma casa nova, uh... tem o quarto dele. Consegui... ele estava aqui, só que aqui não vai mudar o que eu quero, e é assim... é a Associação da minha terra, sim senhora. Eu pus lhe aqui para ver se ele também podia ganhar algumas coisas acerca da minha terra. Eu falo da Guiné, isso e acoloutro. Quer ir para a guine, ver os irmãos e não sei quê, conhecer a terra do pai. É, tudo bem. Eu tenho que lhe trazer e buscar á escola, traze-lo aqui, ir para casa. Depois vir busca-lo. Vir para casa, está a perceber? Isso é muito trabalho para mim, que eu também estou á procura de um... de qualquer coisa para fazer. Já fui aqui à junta para ver se conseguia...nem que seja varrer a rua, que seja! Só para não ficar em casa, para não ficar deitado ali, eu já conheço todas as pregas do teto, está a perceber, da minha casa? Porque está a ver, eu vou para casa e... eu não durmo quase à noite. Insónia. Agora já estou a comer bem...está a falar com uma pessoa que estava aqui há pouco tempo que parecia um esqueleto... aquilo parecia... tinha perdido catorze quilos desde o ano passado para aqui. Estive internado duas vezes porque sentia-me mal, uh... comer coisas que me fizeram mal. Não posso mesmo comer coisas que estejam um bocadinho estragadas ou qualquer coisa que, que... mal confeccionada... eu sinto logo. No entanto, olha, estamo-nos a aguentar: ele está lá, eu consegui o ATL em São M., com a creche que está ali, que é da Igreja... estou a pagar doze euros e setenta e cinco por mês. Mas eu vou lá deixá-los às oito horas, entregam me às sete da tarde. Levam-no ele, está lá. Toma lá o pequeno-almoco, levam-no para a escola, às quatro horas vão-lhe buscar á escola. Está e tem inglês, francês, dança e mais outras coisas lá no ATL. O futebol, estou a ver um BOOM do futebol aí, nha nha nha, eu não quero... isso ele vai jogar futebol se quiser jogar futebol, mas isso não é a escola. Primeiro a escola que eu quero que ele frequente. Eu não joguei porque eu nasci com poliomielite... tive uma pólio aos nove meses, quando comecei a andar. Comecei a andar aos nove meses e de repente voltei a gatinhar outra vez. Tive pólio.... Paralisia infantil... isso foi em mil novecentos e sessenta e sete... sessenta e sete, sessenta e oito já! Foi em sessenta e oito e... comecei a gatinhar de novo, tive febres e o meu pai levou-me a um posto, que eram postos militares, lá da enfermagem e deram me uma injeção na nádega direita. Depois de cinco dias notaram que não conseguia mexer a perna. Comecei a arrastar a perna... e depois descobriram que era uma

poliomielite, e foi assim. Não houve problemas para mim, na minha adolescência. Foi problema porque havia muitas crianças que me gozavam e gozavam, mas isso são coisas que... a alguns dei na boca, mas a outros deixei (ri-se). É assim. Já na adolescência, já não ligava, até já gozava com os outros. Uma pessoa já tinha conhecimento... de causa, o que eles faziam, faziam. Nunca me senti inferior a eles. Corriam, corriam, nadavam, nadavam. Se fosse caminhadas longas, eu ia. Não me senti, nunca, separado nem ficar para trás por causa disso. Nunca. E isso são coisas que tenho no meu baú...

E. no seu baú?

C. é. Eu tenho um baú enorme. A maioria, uma parte, se formos medir pela percentagem das boas, é muito pouca...

E. Ai é?

C. Sim... Porque dentro daquelas boas todas há sempre as más por detrás. Há sempre as más, por detrás... o meu passado. Houve coisas que se passaram. Houve muitas coisas que se passaram... Hoje em dia estou a falar com uma psicóloga, com uma futura psicóloga, não é? Está a criar... existe um défice de psicólogos aqui em Portugal, fazer face a população portuguesa. Antigamente não tínhamos isso. Tínhamos as assistentes sociais: «não te portas bem, vais parar lá para a (!)! Não te portas bem, vais de castigo não sei para onde». Eram as pessoas que tomavam conta de nós que davam pontapés no rabo, davam biqueirada... chamavam biqueiradas. Isso tudo passei... é outra fase... dia 21 de Dezembro faço quarenta e nove anos... faço quarenta e nove anos. Tirando a barba não dá por isso. Foi pelo espírito porque eu sempre fui um jovem alegre, porque mesmo nas tristezas consigo fazer com que as pessoas perciam a tristeza e sejam alegres! Mas há um bom par de tempo para cá, há uns bons anos que eu tenho andando triste. Não é triste, como é que se chama... cabisbaixo! Em baixa forma, desmotivado. Agora estou a ganhar essa motivação toda com o David, e realmente ele motiva-me... faz com que me sinta mais vivo porque... uma separação não é fácil. Foi o quê... dois mil e doze, dois mil e dezasseis... já, quatro anos... mas isso continua cá a mexer. Uma pessoa... chega. Tem que tomar uma certa decisão, mas essa decisão tem que ser definitiva e é definitiva, mas não quer dizer que essa pessoa ficou de fora. Pensa-se nela, pois porque eu penso mais... é uma coisa curiosa porque eu depois venho a dizer assim «porra, afinal de contas já não sinto amor por ela, sinto pena»... isso deixa-me triste. Sim, deixa-me triste. Um dia fomos um elo muito íntimo, muito íntimos. Hoje em dia, eu não considero uma estranha, nunca consideraria uma estranha... ela não é uma estranha para mim, porque já a

conheço bem. Sei quem ela é.... Realmente chego ao ponto de dizer assim «tenho é pena dela» ... mas é muita pena...sinto muita pena, mas é pena dela.

E. Mas...

Sinto muita pena pela pessoa que ela é, está a perceber? Podia ser uma outra pessoa. As pessoas mudam. As pessoas dizem que não mudam, mas as pessoas quando querem mudam, porque a atitude, por mais que sejas (?), mau e quê, vais ter que saber esconder essa parte. Porque nós todos nascemos maus. Todos nós. As crianças são as crianças mais maus que existem, mas eles são cultivadas com as pessoas com quem crescem desde bebé. É assim que as coisas funcionam. Porque nós nascemos com aquele espírito animal mau, é mau. Nós somos animais como esses que apareceram, esses que estavam aqui primeiro que nós. Não falam, mas têm lá o dialeto deles que compreendem, compreendem uns aos outros e isto é importante que agente veja, que todas as crianças já nascem maus. É cultivada, a educação é cultivada. É o que eu digo aos meus amigos: formação não é educação, atenção. Podes ser formado, seres o doutorado, defenderes o bacharelato e tudo, a tese, fazeres o bacharelato, o que seja, mas se não tiveres educação, não te vale nada! Não te vale... e para além da educação, há compaixão! É, isso tudo faz parte porque a compaixão é «eu gosto daquilo que eu faço!!». Se eu gosto daquilo que eu faço, a compaixão tem que estar lá, para poder lidar com as pessoas que vêm à minha procura. É assim que eu penso, é assim que eu lido e vou a todo o lado e penso assim e vou continuar a pensar assim... é tão simples quanto isto...

E. Muito bem Cristóvão, ficamos por aqui. Muito obrigada.

Anexo C – Consentimento Informado

Carta Consentimento Informado

O presente estudo será realizado por Teresa Carvalho Rego de Sousa, no âmbito da Tese, 5º ano do Mestrado de Psicologia Clínica, no ISPA-IU Ciências Psicológica, Sociais e da Vida, sob a orientação de Prof. Doutora Maria Emília Marques.

Esta investigação tem como objetivo central explorar as questões sobre a vivência do processo de imigração e relação familiar.

Relativamente aos procedimentos, será realizada uma entrevista de aproximadamente até quarenta e cinco minutos aos participantes, sendo estes um pai e um filho. A entrevista é em separado. O pai requer ser imigrante nacional de país terceiro. O filho, pode ou não, ser imigrante.

Para tal, salvaguarda-se a não envolvência de qualquer tipo de risco físico ou psicológico aos participantes. Mais ainda, os dados da amostra são confidenciais, salvaguardando-se quaisquer elementos que possam identificar os participantes.

Após a leitura deste consentimento, autorizo que a informação das entrevistas possa ser material de investigação, bem como autorizo a sua publicação para a presente tese.

Entrevistado

Investigadora
